

EVENTOS CULTURAIS E CIDADES

O caso específico do Curtas Vila do Conde

por

Felicidade Conceição Vieira Ramos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Especialização em Cultura, Património e Ciência, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Helena Maria de Azevedo Coelho dos Santos

Universidade do Porto

2010

UNIVERSIDADE DO PORTO

RESUMO

Eventos Culturais e Cidades – O caso específico do Curtas Vila do Conde

por Felicidade Conceição Vieira Ramos

Partindo da importância dos eventos culturais para a dinamização e projecção das cidades, e focalizando em concreto os festivais, a presente dissertação aborda o caso do Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde (uma cidade de pequena dimensão na Área Metropolitana do Porto) e procura analisar e interpretar a sua repercussão na cidade, e, ao mesmo tempo, na política cultural local.

*As coisas vulgares que há na vida
Não deixam saudade
Só as lembranças que doem
Ou fazem sorrir*

*Há gente que fica na história
Da história da gente
E outras de quem nem o nome
Lembramos ouvir
(...)*

«Chuva» de Jorge Fernando

SUMÁRIO

Lista de Figuras e Gráficos.....	ii
Lista de Quadros.....	iii
Agradecimentos.....	v
Capítulo 1: Introdução.....	1
Capítulo 2: Políticas culturais. Estratégias e articulações.....	4
Capítulo 3: Eventos culturais. O caso dos festivais de cinema.....	12
Capítulo 4: Vila do Conde. Breve caracterização.....	22
Capítulo 5: Curtas Vila do Conde. Génese e evolução.....	30
Capítulo 6: Curtas Vila do Conde. Formação de novos públicos.....	42
Capítulo 7: Curtas Vila do Conde. Estratégias de comunicação.....	45
Capítulo 8: Curtas Vila do Conde. Eco na imprensa.....	48
Capítulo 9: Curtas Vila do Conde na imprensa. Uma análise de conteúdo.....	65
Capítulo 10: Curtas Vila do Conde. Repercussões no público.....	74
Capítulo 11: Política cultural de Vila do Conde. Cinco casos em análise.....	85
Capítulo 12: Conclusões.....	94
Bibliografia.....	I
Anexo 1: Lista de festivais de cinema em Portugal (2010).....	VII
Anexo 2: Lista de festivais na Europa (1997).....	VIII
Anexo 3: “O ‘palco’ há muito aguardado” (Teatro Municipal).....	IX
Anexo 4: “Notas sobre projecção de cinema em Vila do Conde”.....	XI
Anexo 5: Análise de conteúdo.....	XII
Anexo 6: Artigo de Augusto M. Seabra.....	XXI
Anexo 7: Guião do inquérito.....	XXIV

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura Número *Página*

1. Recorte da 1ª notícia dedicada ao FICM no Jornal de Vila do Conde. 66

Gráfico Número *Página*

1. Caracterização dos meios através dos quais conheceram o Curtas..... 78
2. Definição do Curtas pelos inquiridos 79
3. Eventos culturais frequentados 80
4. Hábitos culturais dos inquiridos e conhecimento do Curtas 80
5. Meio de conhecimento do Curtas (dos que já frequentaram) 81
6. Meio de conhecimento do Curtas (residentes em Vila do Conde) 83
7. Eventos culturais frequentados (residentes em Vila do Conde) 84

LISTA DE QUADROS

<i>Número</i>	<i>Página</i>
1. Evolução da população activa em Vila do Conde (1970-2001)	23
2. População empregada por sectores de actividade (1970-2001).....	24
3. Distribuição dos residentes, por instrução (1991-2001)	24
4. Qualificação académica, segundo sexo e idade (2001)	25
5. Orçamentos gerais e para cultura da CMVC (1990-2009)	28
6. Relação dos equipamentos culturais de Vila do Conde	29
7. Receitas e subsídios do FICM (2008-2010).....	32
8. Principais eventos culturais em Vila do Conde (até 2009)	34
9. Evolução do n.º de filmes nas competições.....	35
10. Evolução do n.º de filmes submetidos ao FICM.....	36
11. Comparação dos filmes nacionais e internacionais.....	38
12. Evolução do n.º de filmes em circulação (1999-2008)	38
13. Espaços físicos ocupados pelo FICM.....	40
14. Extensões do FICM a outras localidades (1993-2009)	41
15. Evolução do público do FICM (1993-2009)	42
16. Evolução do n.º de jornalistas acreditados no FICM	46
17. Evolução do n.º de jornalistas, portugueses e estrangeiros	47
18. Evolução do n.º de notícias publicadas (jornais nacionais)	49
19. Notícias publicadas, por grupos de anos	49
20. Notícias publicadas, por dimensão	50
21. Dimensão das notícias, por grupos de anos.....	51
22. Elementos ilustrativos das notícias	51
23. Evolução das ilustrações (1993-2009).....	52
24. Notícias com menção a Vila do Conde no título.....	53
25. Notícias publicadas, por assunto do título	53
26. Notícias publicadas, por assunto do título (jornais nacionais).....	54
27. Comparativo entre jornais nacionais e locais	55
28. Notícias com menção a Vila do Conde no título (jornais nacionais) ..	55
29. Notícias com menção a Vila do Conde no título (por jornal).....	55

30. Notícias publicadas, por estilo	56
31. Notícias publicadas, por estilo (jornais nacionais).....	57
32. Notícias publicadas, por categorias temáticas	58
33. Notícias publicadas, por secção	59
34. Notícias publicadas, por grupo de anos e temas.....	59
35. Temas, público e notícias por edição do FICM	61
36. Jornalistas com mais de 10 artigos assinados (jornais nacionais)	63
37. Jornalistas com mais de 10 artigos assinados, por estilo	63
38. Caracterização, segundo idade, sexo e instrução	75
39. Caracterização por residência	75
40. Caracterização geral, segundo o conhecimento do Curtas.....	77
41. Frequência do Curtas, segundo concelho de residência.....	78
42. Selecção da programação e auto-classificação como público	79
43. Caracterização profissional dos residentes em Vila do Conde	82

AGRADECIMENTOS

A autora deseja agradecer à Professora Doutora Helena Santos pela imprescindível ajuda e orientação na preparação deste trabalho. Para além disso, gostaria de prestar um agradecimento à organização do Curtas Vila do Conde, em especial ao Dario Oliveira e ao Hugo Ramos; à Câmara Municipal de Vila do Conde; ao Dr. Paulo Costa Pinto; ao Dr. António Saraiva Dias; e a todos os que contribuíram com o seu testemunho ou colaboração para a realização deste estudo.

INTRODUÇÃO: ENQUADRAMENTO E OPÇÕES DE PESQUISA

A 1ª edição do Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde, que passaremos adiante a designar por FICM, realizou-se em 1993, tendo uma equipa produtora composta por cinco elementos, na sua maioria ligados ao ensino na área das artes visuais.

O interesse e o gosto comum pelo cinema, partilhado por este grupo de jovens, já havia sido explorado aquando da sua ligação ao Cineclube de Vila do Conde, pelo que a ideia de criar um certame dedicado ao emergente mercado das curtas metragens se afigurava, na altura, como um percurso considerado natural, até porque a maioria dos realizadores, ainda hoje, inicia a sua carreira pela produção de filmes de curta duração e, muitos deles, conciliam esse formato com as longas metragens, sendo estas mais rentáveis do ponto de vista financeiro, pelo seu potencial carácter comercial. Tratava-se, portanto, de criar um evento que fosse de encontro a um nicho de mercado e permitisse a divulgação dos filmes de pequeno formato.

O que a equipa produtora do FICM não podia prever aquando da sua primeira edição seria a aceitação por parte do público, o interesse que o evento poderia despoletar junto da comunicação social, e as repercussões que o mesmo teria para o desenvolvimento cultural da cidade.

Tendo por objectivo avaliar a importância do referido evento no contexto da política cultural de Vila do Conde, este estudo procura sintetizar a génese do Festival e a sua evolução, e o eventual contributo para a dinâmica de Vila do Conde tendo como ponto de partida vários estudos relacionados com o impacto dos eventos culturais (em particular dos festivais) para as cidades.

A estratégia teórico-metodológica começa por enquadrar o presente trabalho nos sucessivos estudos que têm vindo a ser realizados a propósito dos eventos culturais e dos seus impactos, tema que tem suscitado o interesse e a discussão por parte de diversos autores. Os festivais são apenas um exemplo dentro da tipologia mais vasta que pode ser estabelecida para a definição de “evento cultural”, mas o seu carácter de novidade, aliado ao conceito de espectacularidade, resulta numa estratégia seguida em termos de política cultural, seja a nível local, nacional ou até internacional. Sendo evidente a dificuldade em medir objectivamente impactos, existe um consenso relativo sobre a sua importância, não apenas do ponto de vista cultural e artístico, mas também sócio-económico. Para uma cidade de pequena dimensão, a realização de um festival de âmbito internacional pré-garante um efeito mediático difícil de igualar, com repercussões aos mais diversos níveis. É o caso do FICM, agora denominado Curtas Vila do Conde, e que serve de base para o presente estudo, realizado entre Outubro de 2009 e Setembro de 2010.

Para a escolha deste tema não é alheia a relação profissional da autora com o evento em questão, nem tão-pouco com a cidade, de onde é natural e onde exerce a sua actividade. Enquanto jornalista, teve

oportunidade de acompanhar o FICM, praticamente desde a sua génese até à contemporaneidade, o mesmo sucedendo em relação aos principais acontecimentos que constituem notícia e tema de reportagem no contexto local de Vila do Conde. Através desta cobertura jornalística, foi possível desenvolver a percepção (agora a hipótese) de que o FICM representa, no âmbito das iniciativas culturais que ocorrem em Vila do Conde, um acontecimento sem paralelo e com repercussões na cidade. É com base nessa percepção/hipótese que se apresenta o presente estudo, precisamente com o objectivo de testar a sua validade: realizámos um estudo de caso sobre o Festival, problematizando-o no âmbito, de um lado em termos de “grande evento”, de outro, em termos da sua relação com a cidade e a política cultural municipal. Com este objectivo, apresentamos uma revisão crítica de literatura nos primeiros capítulos.

A pesquisa empírica assentou em procedimentos metodológicos que nos levaram a uma breve caracterização de Vila do Conde, traçando um perfil geral de evolução social e demográfica, bem como da sua estruturação a nível cultural (rede de equipamentos e principais acontecimentos desta índole) o que nos permite perceber a sua realidade e em que contexto surge o FICM. Daqui, avançamos para a descrição da génese do evento, seus antecedentes e ramificações que, entretanto, proporcionou, sendo vários os exemplos de outros eventos que foram surgindo, até se autonomizarem, em torno do Festival. O enquadramento da política pública de apoio ao evento, nomeadamente por parte da Câmara Municipal de Vila do Conde (CMVC), tem por finalidade, primeiro, “medir” a sensibilidade da autarquia para com este certame em concreto; segundo, perceber qual a dinâmica que se estabelece no âmbito da política cultural e que justifica os apoios concedidos a associações/entidades que se dedicam ao desenvolvimento de projectos nesta área. Por isso, realizámos entrevistas com António Saraiva Dias (Vereador da Cultura e Turismo em 1993) e Mário Almeida (Presidente da Câmara Municipal), através das quais foi possível recolher importantes depoimentos para o assunto em questão. O mesmo sucedeu com as entrevistas feitas a agentes/promotores culturais locais, procurando perceber o seu funcionamento e articulação com a política cultural do município, assim como a representação que fazem do FICM. Para o contexto do presente estudo foram seleccionados cinco projectos culturais que actualmente se desenvolvem em Vila do Conde e cuja actividade se insere em variados domínios artísticos: Circular-Associação Cultural (Paulo Vasques), Corda Bamba-Associação para as Artes do Circo (Manuela Magalhães), Ollin Kan-Festival Internacional das Culturas em Resistência (Carlos Bartillotti), Associação Cultural Nuvem Voadora (Pedro Correia) e Teatro de Formas Animadas (Marcelo LaFontana).

A comunicação é incontornável para o “sucesso” de um evento como este, e prende-se directamente com a nossa área disciplinar. Tendo em conta as estratégias desenvolvidas pela organização do FICM, visando a sua divulgação junto da comunicação social e a formação/captação de públicos, foi realizado

um levantamento das notícias publicadas sobre o Curtas nos principais jornais diários nacionais (inclui suplementos e revistas) e imprensa local (total de 906 artigos). Os jornais de âmbito nacional seleccionados são: Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Comércio do Porto e Primeiro de Janeiro. Não incluímos o Expresso, por razões de incompatibilidade, já que apenas procurávamos periódicos com edição diária, precisamente para perceber qual a cobertura efectuada por estes durante a semana de realização do FICM.

Neste contexto, procedemos ainda a duas entrevistas com editores (Sérgio C. Andrade, do jornal Público, e Filinto Melo, do Primeiro de Janeiro), para situar a sua acção enquanto responsáveis por equipas de jornalistas e pela selecção dos eventos que, no seu entendimento, justificam cobertura. Acresce que Público e Primeiro de Janeiro se encontram, como veremos, nos extremos da tabela comparativa do número de notícias publicadas por cada jornal. Por outro lado, promovemos uma análise de conteúdo a um conjunto de 36 notícias, seleccionadas com o propósito específico de perceber a evolução do registo discursivo por parte dos jornalistas ou críticos de cinema em relação ao Festival.

Realizámos ainda um inquérito online de auscultação da repercussão do Festival, a uma amostra que, como mostraremos, não sendo representativa do público do evento, pôde dar-nos alguma ressonância sobre a visibilidade do mesmo. Foram recolhidos 576 inquéritos válidos entre 31 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2010, não tendo sido possível, em tempo útil, realizar um inquérito de públicos do FICM.

As duas entrevistas realizadas com Dario Oliveira, da organização do FICM, permitiram-nos o esclarecimento em relação à estratégia e objectivos do evento, enquadrando a sua perspectiva com os dados recolhidos.

Deparámo-nos com dificuldades em obter toda a informação que seria importante para nos auxiliar na tarefa de medir o impacto do FICM, quer para o município que o apoia, quer para a cidade propriamente dita. Por exemplo, não foi possível obter os relatórios de contas do Festival, desde a sua primeira edição até 2007, uma vez que a organização não dispõe desses dados devidamente preparados e que seriam fundamentais para perceber qual a verdadeira dimensão do subsídio financeiro atribuído pela autarquia ao evento, através da parcela que ocupa no financiamento global do FICM. Por outro lado, a Câmara Municipal não possui informação relativa às taxas de ocupação hoteleira de Vila do Conde, ao longo do período em análise, o que nos possibilitaria uma representação aproximada dos impactos gerados pelo evento a este nível.

Em todo o caso, a informação disponível e os depoimentos recolhidos permitem-nos elencar um conjunto de conclusões que iremos desenvolver no capítulo final.

POLÍTICAS CULTURAIS. ESTRATÉGIAS E ARTICULAÇÕES

Os eventos culturais promovidos, um pouco por todo o País, contribuem, actualmente, para reforçar a imagem dos municípios e/ou das entidades que os impulsionam, sendo, de igual modo, importantes motores de dinamização económica e financeira para as localidades onde se desenvolvem. Não obstante, as políticas culturais dos municípios e do próprio Governo parecem ainda um pouco difusas, mormente no que respeita à consolidação de iniciativas de apoio directo e consistente, ainda que se tenha verificado uma “progressiva afirmação da cultura, como recurso e como tarefa” (Ferreira, 1998: 1).

A “Cultura” como actividade e pelouro autónomo nos municípios data de 1984, altura em que foi publicada a lei orgânica das Autarquias. Dez anos mais tarde, a CCRN (Comissão de Coordenação da Região Norte¹) realizou um inquérito junto das câmaras municipais da Região Norte, precisamente com o objectivo de aferir quais, e como se efectivavam no terreno, as políticas culturais desenvolvidas por cada município abrangido pelo estudo (excluem-se as nove Câmaras da Área Metropolitana do Porto). Uma das principais conclusões indica que a cultura “entrou definitivamente a fazer parte das preocupações dos munícipes e dos que pelos mesmos foram eleitos para gerir o espaço e o bem comuns” (*Ibid.*: 8). No entanto, outras características, comuns aos 75 municípios analisados, sobressaem: o vereador responsável pela Cultura acumula, quase sempre, esta função com outros pelouros, designadamente educação, desporto, juventude, acção social; em vários casos, é o próprio Presidente da Câmara quem assume a área; grande parte dos eventos promovidos assenta no triângulo constituído por Câmaras, Escolas e Associações; as pessoas responsáveis pelos pelouros da Cultura são, não raras vezes, inexperientes no que à prática cultural e à definição de políticas culturais respeita; muitas Câmaras investem em equipamentos quase toda a parcela destinada à Cultura nos seus orçamentos, apresentando a inexistência de infra-estruturas como argumento para a diminuta realização de eventos; em termos de despesa, vários municípios não chegam a atribuir 1% do seu orçamento à Cultura e a maior fatia desse valor é absorvida pela rubrica “Jogos e Desportos”. O estudo conseguiu reunir elementos suficientes para sustentar que “não há uma definição precisa do que se pretende com cultura, daí a ausência duma política, substituída por actuações de ocasião” (*Ibid.*: 12). Os resultados e a conclusão ainda hoje, em grande parte das autarquias, se mantêm².

¹ Actualmente Comissão de Coordenação para o Desenvolvimento da Região Norte (CCDRN)

² Para uma síntese vd. Santos, 2000.

Um estudo mais recente, elaborado pelo Observatório das Actividades Culturais para todo o território nacional (Neves, 2005), aponta “uma forte tendência de crescimento” das despesas afectas à Cultura (*Ibid.*: 4), verificando-se que o volume de despesa passou de 55 milhões de euros, em 1986, para 395 milhões em 2003, o que significa um aumento de 613%. Consta-se ainda a existência de um padrão comum a vários municípios, a partir das eleições de 1993: “tendência para forte crescimento no ano de eleições e para forte abrandamento no ano seguinte” (*Ibid.*: 6). Este aumento das despesas está, como referimos, muito mais relacionado com o investimento nas infra-estruturas do que na realização de eventos culturais. Ora, um dos problemas das infra-estruturas (equipamentos culturais) é a sua manutenção e dinamização: não basta criar os equipamentos, é necessário cuidar do seu estado de funcionamento e, num plano mais específico, promover actividades que possam atrair público. Nesse sentido, devemos atentar na informação disponível sobre os hábitos culturais da população portuguesa. Tendo por base os resultados do “Inquérito à educação e formação de adultos” de 2007 (INE, 2008)³, verificamos que 45,2% dos indivíduos, entre os 18 e os 64 anos, tinha ido pelo menos uma vez ao cinema; 58% tinha assistido a algum espectáculo de teatro, concertos, ópera, bailado ou dança; e os locais de interesse cultural (monumentos, museus, galerias de arte) foram visitados por 43,6% dos indivíduos. Estes dados mostram que a frequência de cinema não atinge ainda metade da população na franja dos 18-64 anos. Merece aqui, para nós, particular atenção a informação disponível respeitante à frequência dos recintos de cinema, sendo que, em 2008, 182 destes espaços reportaram informação ao ICA (Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia), no âmbito do projecto de informatização das bilheteiras. Foram exibidos 740 filmes, com um total de 16 milhões de espectadores, sendo que a assistência dos filmes nacionais apenas representa 1% desse total (só 75 filmes exibidos eram portugueses...). Salienta-se ainda o volume de despesa das Câmaras Municipais em actividades culturais, que atingiu o montante de 526 milhões de euros, mais 7,5% face ao ano anterior⁴.

No âmbito concreto dos apoios à actividade cinematográfica, registe-se a criação do programa MEDIA em 1991, pela Comissão Europeia, com o objectivo de incentivar, incrementar e apoiar as iniciativas desenvolvidas nesta área. Como nota Nils Klevjer Aas (2001), trata-se de um esforço para combater a tradicional “dependência” do sector em relação aos apoios estatais. No ano 2000, foi estimado em cerca de um bilião de euros o total de apoios públicos concedidos à produção audiovisual na Europa (ainda dos 15), sendo que, nesse mesmo ano, em Portugal, se contabilizou um investimento da ordem dos 17 milhões de euros. O conceito do programa MEDIA foi, entretanto, alterado, procurando adaptar uma

³ A publicação Estatísticas da Cultura 2008 disponibiliza a informação estatística mais actual de caracterização da actividade dos diversos domínios culturais, embora para o presente estudo apenas sejam referenciados os resultados apurados quanto à participação cultural e aos hábitos de frequência de cinema dos indivíduos.

⁴ Do total das despesas em actividades culturais realizadas pelas Câmaras Municipais em 2008, destacam-se: património cultural (18%), actividades socioculturais (17%), publicações e literatura (16%), recintos culturais (14%) e música (9%).

preocupação com os aspectos culturais às pressões do mercado: a segunda versão deste mesmo programa (MEDIA II e, mais tarde, MEDIA Plus) tinha como objectivo aumentar a competitividade, competência e capacidade da indústria de programação europeia, enquanto a versão inicial apostava, por exemplo, em documentários, arquivos de televisão ou restauro de material existente.

Está actualmente em vigor o MEDIA 2007, o novo plano de apoio ao sector audiovisual europeu, concebido como um programa único, que agrupa as duas actuais vertentes (desenvolvimento, distribuição e promoção vs. formação). Dispõe de uma dotação financeira de cerca de 755 milhões de euros para o período de 2007-2013.

A par de medidas gerais de apoio à cultura, é hoje consensual que as mais-valias de cada território, a serem exploradas como potencial de diferenciação, assentam nas suas especificidades e na capacidade de gerar inovação aliada à competitividade. Assim, de acordo com Pedro Costa (2000: 2) “as actividades culturais podem ter um papel determinante na competitividade dos territórios”, quer pela sua importância crescente em termos de dinamização económica, quer pelo carácter de afirmação do território onde se desenvolvem. Partindo da multiplicidade de actividades culturais existentes, o autor estabelece uma tipologia do ponto de vista da sua relação com o território, enquadrando-as em quatro grandes categorias: 1 – As indústrias culturais (onde se incluem o audiovisual, o livro, o disco, e o multimédia); 2 – A cultura “cultivada” ou “institucional” (na sua maior parte, dependentes de apoios públicos ou do mecenato); 3 – A cultura popular assente nas sociabilidades urbanas (eventos associados a expressões de cultura popular, dinamizados por grupos marginais à cultura instituída); 4 – A salvaguarda do património e da identidade histórico-cultural de cada território (aqui se enquadram todos os aspectos relacionados com o património edificado, mas também no que respeita à designada memória colectiva). Num estudo recente (*Idem*, 2007), acrescenta mais dois perfis aos já enunciados: as actividades técnico-criativas (para outros *clusters*); as práticas “criativas” amadoras e de sociabilidades culturais.

O caso particular do audiovisual (onde se insere o cinema) tem assistido nos últimos anos a mudanças profundas que vieram alterar o seu modo de funcionamento e até pôr em causa as suas estruturas organizativas. Os desenvolvimentos tecnológicos, o fácil acesso dos públicos e mercados aos novos conteúdos, as formas de venda mais “convincentes” e directas, têm contribuído, de forma decisiva, para uma alteração de comportamentos e até de mentalidades. É neste contexto que se enquadra o “surgimento de nichos alternativos de produção e exibição extremamente dinâmicos” (festivais de cinema, filmes temáticos, especialização de género, curtas-metragens), bem como a “reconfiguração das políticas de apoio estatal ao sector” (*Idem*, 2000: 10). Não admira, portanto, que, nas últimas décadas, se tenha assistido ao crescimento do número de festivais de cinema, um pouco por todo o país (o Anexo 1 apresenta uma listagem com os festivais de cinema em Portugal).

À excepção do Festival Internacional de Cinema do Algarve, todos os outros surgiram no pós-Revolução de 1974, enquadrando-se, ora no segundo ciclo de governação, (seguimos Fortuna & Silva, 2002)⁵, que se caracteriza pelo amortecer do “ímpeto anterior da sociedade civil, cujo dinamismo foi sendo gradualmente cooptado e regulamentado” (*Ibid.*: 416), ora no designado terceiro ciclo, correspondente a uma fase de florescimento e valorização das cidades através da cultura. A adesão de Portugal à União Europeia (1986) e o esforço de adequação das suas políticas ao contexto europeu começou a reflectir-se na relação cidade/cultura já na década de 90, tornando-se evidentes as tentativas de definição de políticas culturais mais concretas. Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva apontam duas tendências principais de actuação: a promoção de iniciativas de carácter cultural com o fim específico de contribuir para a projecção externa do país ou das cidades onde os mesmos se realizam; e a criação de infra-estruturas e equipamentos culturais que passaram a agregar a diversidade de eventos anteriormente disseminados (reveja-se, atrás, Ferreira, 1998). Mas, ainda que as cidades tenham reforçado os seus investimentos, continuam a ser superadas pelo poder central, sobretudo no que respeita à capacidade de atrair parceiros e mecenas para a dinamização dos seus projectos (Santos, 2007: 9). Segue-se, portanto, a tendência europeia no que respeita à privatização e comercialização da actividade cultural (onde, incontornavelmente, o audiovisual tem um papel importante), o que, “reforçará os mecanismos de acesso selectivo e segregado dos públicos da cultura em Portugal, ao mesmo tempo que fará ampliar o universo de práticas culturais que decorrem no domínio privado da domesticidade” (Santos & Silva, 2002: 419). Acresce que as parcerias entre o poder político local e os agentes culturais, ainda que benéficas⁶ e valorizadas por ambas as partes, nem sempre correspondem aos objectivos inicialmente previstos, tendo em conta as relações de dependência financeira que se estabelecem, acabando por culminar num desvio programático ou de acção criativa por parte dos operadores culturais (Santos, 2005). Este é, também, um dos factores⁷ que terá contribuído para a desaceleração – e em muitos casos, decadência – dos processos de autonomização da cultura no plano institucional. Muitas das relações que se estabeleceram entre o poder político e os agentes culturais “não chegaram a atingir a maturidade suficiente para se confrontarem com as pressões da racionalização e do mercado” (*Idem*, 2007: 12).

Natália Azevedo (2004), num estudo do início da década de 2000, observa que todos os municípios têm, de algum modo, reforçado as suas políticas culturais, nomeadamente através do incremento da

⁵ Os autores descrevem 3 ciclos de governação política das cidades: 1º - ciclo da espontaneidade (entre Abril de 1974 e 1976); 2º - ciclo mais institucional e centrado em matérias de natureza política formal e socioeconómica; 3º ciclo – corresponde à modernização do país e das cidades pela cultura, ciclo iniciado na década de 90 e que ainda perdura.

⁶ Se os agentes culturais têm necessidade de reunir apoios para a dinamização dos seus projectos, também as autarquias, dadas as suas limitações já aqui referenciadas no que respeita ao reduzido pessoal qualificado na área cultural, têm o objectivo de fixar projectos de interesse para a comunidade, capazes de substituir, em muitos casos, o papel de dinamizador cultural que lhes caberia como função.

⁷ Apesar dos esforços realizados no sentido de dotar a cultura de autonomia própria, designadamente através da criação do Ministério da Cultura, em 1996, a diminuição dos recursos financeiros disponíveis nos últimos anos não é alheia a este fenómeno.

oferta no espaço local. Significa isto que tem sido dada especial relevância à dinamização dos espaços culturais existentes, mas também à reconfiguração de outros espaços para servir essas valências culturais, cuja ligação às políticas de promoção e desenvolvimento do turismo local não pode ser descurada. Elenca algumas conclusões comuns ao conjunto de municípios que integram a Área Metropolitana do Porto (AMP): 1 – a cultura tende a ocupar um lugar menos secundário nos programas políticos; 2 – os serviços culturais assumem mais autonomia e recursos próprios; 3 – verifica-se uma maior diversificação da oferta cultural, com atenção aos programas pedagógicos; 4 – regista-se um aumento do orçamento global das autarquias para a área cultural; 5 – não há uma política de gestão integrada dos equipamentos existentes ao nível da AMP.

Esta última observação entronca no problema do desconhecimento em relação ao que ocorre nos municípios vizinhos, mas também na própria organização dos executivos camarários que “não são comparáveis relativamente ao sector cultural, seja por apresentarem combinatórias diversas entre cultura, desporto, turismo, juventude e educação; seja porque fazem depender algumas actividades directamente da presidência da Câmara; seja, finalmente, porque é muito tardia a relativa autonomização da cultura nos municípios” (Santos, 2005: 5).

Como já referimos, a maior parte das despesas municipais continua afecta aos equipamentos públicos, muito mais do que às actividades, sendo estes equipamentos localizados nas capitais de distrito ou nos núcleos urbanos concelhios, o que tende a “reforçar o esvaziamento das zonas exteriores aos centros urbanos” (Santos, 2005: 67).

Não obstante, vem-se verificando a tendência para a realização de eventos culturais mais especializados e assentes em “figurinos de espectacularidade” (caso de alguns festivais), que asseguram afirmação e projecção externa aos municípios e às localidades e territórios onde ocorrem, ainda que, segundo os vários autores que referimos, o aumento da oferta cultural não se traduza proporcionalmente na procura, sobretudo local. Esta necessita de um trabalho mais consistente, duradouro e consolidado, não só do ponto de vista pedagógico (formação de públicos) mas também no que respeita à mediação (difusão, comunicação, informação).

De facto, como nota Natália Azevedo, não basta definir estratégias de acção, planificar e executar. A política cultural autárquica “exige diagnósticos de situações sociais e culturais e de públicos. Exige avaliação de actividades e de resultados”, o que, na maioria dos casos, não existe (2004: 203). Esta constatação encontra-se também em Santos, 2005: “Se permanece a necessidade de aprofundamento das acções estruturantes junto das escolas e dos grupos sociais menos favorecidos, impõe-se crescentemente a produção de programas de avaliação, quer das acções, quer dos agentes envolvidos, quer dos impactos” (*Ibid.*:19).

A questão das acções junto das escolas está relacionada com a formação de novos públicos, mas também com a criação de massa crítica, capaz de tomar decisões em relação aos eventos culturais que pretende frequentar e, quiçá, potenciais futuros profissionais nas áreas relacionadas com a cultura. “Não basta atrair, é essencial formar as pessoas, habituá-las ao consumo regular e apetrechá-las para o consumo crítico” (Silva & Santos, 2004: 11).

Em todo o caso, permanece a distinção entre os diferentes grupos sociais no que respeita às suas relações com a cultura e o lazer, seja pela especificidade de alguns eventos culturais, seja pelo desconhecimento ou falta de oportunidade para assistir/frequentar por parte das mais baixas posições da hierarquia social. A isto acresce a diferenciação dos gostos e interesses de cada indivíduo. É, por isso, necessário estabelecer uma distinção entre frequentadores regulares e frequentadores ocasionais, e classificar o âmbito do consumo cultural e as suas motivações, que podem ser uma visita turística, uma visita escolar ou um acto esporádico de lazer e ocupação de tempos livres. Esta foi a abordagem seguida para o estudo sobre os públicos da cultura na cidade do Porto (publicado em 2000, em vésperas da Capital Europeia da Cultura de 2001), que parte de um projecto em torno de culturas urbanas nalgumas cidades do Norte Litoral⁸. Uma das conclusões levanta uma questão pertinente e que merece reflexão por parte dos decisores políticos, no momento em que estudam e planificam as suas orientações a nível cultural: “Ser quadro e ter uma licenciatura, ou ser jovem estudante do ensino superior, para referir as duas grandes fontes de recrutamento de públicos culturais, não significa automaticamente sequer predisposição para o consumo” (Silva *et al.*, 2000: 85). Mas são os jovens aqueles que se afiguram como mais susceptíveis para empreender mudanças nos consumos culturais e lúdicos, com forte atracção de e para o audiovisual.

Importa salientar que os avanços da tecnologia, como já aqui referido, tiveram, de facto, um impacto inegável na evolução cultural e na sua própria definição, começando pelo seu alargamento às classes mais desfavorecidas, criando aquilo que vários autores designam, ainda hoje, como “cultura de massas”, criticada por uns e aclamada por outros. Já em 1964, Umberto Eco publica o livro *Apocalípticos e Integrados* onde aborda, precisamente, essa problemática: com a sociedade industrial, nasce um novo período em que uma parte crescente da população se torna alfabetizada e dispõe de algum tempo e dinheiro para o lazer. Por outro lado, da segunda metade do século XIX aos primeiros anos do século XX, a ciência desenvolveu-se de forma muito rápida, fornecendo um conjunto de tecnologias que mudaram o quotidiano da população. É nesta altura que se assiste a um crescimento da imprensa, da edição livreira e da produção teatral, e ao aparecimento do cinema, da rádio e da música gravada. Este é, muito genericamente, o contexto em que ocorre o advento da “cultura de massas”, uma nova realidade que se acentua com o aparecimento dos jornais, meios de comunicação muito mais

⁸ As cidades seleccionadas foram: Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto.

abrangentes e que, numa primeira fase, teriam como função servir de mediador entre o acontecimento e o público em geral. Mas cedo se percebeu que os jornais e o jornalismo não se limitam a essa missão, o que leva Eco a questionar e a avançar com a sua integração naquilo que pode ser considerado como ‘indústria cultural’, isto é, não apenas mediadores, mas efectivamente *produtores* (hoje dizemos: de conteúdos).

Os acontecimentos de âmbito cultural são, actualmente, perspectivados como serviços ou produtos e não estão apenas dependentes da criatividade dos seus produtores ou intermediários, no sentido em que são estes os agentes responsáveis pela sua divulgação e propagação. Num mundo global, como aquele em que agora vivemos, com o desenvolvimento acentuado das novas plataformas digitais, a cultura é um bem partilhado e, nessa medida, tem um preço. Está dependente do mercado, pelo que não pode dispensar, por exemplo, a visibilidade que os *media* asseguram (por outras palavras, a mediatização). No entanto, a mediação cultural, sobretudo a desenvolvida pelos meios de comunicação social, tem, por isso, novos desafios a enfrentar. Principalmente porque o acesso à informação está relativamente facilitado e a tendência actual parece inclinar-se para a especialização. Rémy Rieffel (2003), por exemplo, considera que os *media* têm um papel crucial na multiplicação cultural que se opera em todo o globo, apesar de a função de mediadores dos órgãos de comunicação social se vir esbatendo, nomeadamente devido ao incremento do novo modelo de comunicação assente na crescente possibilidade de participação dos cidadãos (“cidadão-repórter”).

Dando conta que a informação ainda é vital para despertar a curiosidade e o interesse do público (para competir), sucedem-se os casos de organizações culturais que procuram gabinetes de comunicação, muitas vezes constituídos por indivíduos com formação ou experiência profissional na área do jornalismo, justamente especialistas da produção de informação. De acordo com James Curran e Jean Seaton (2003), estes gabinetes de comunicação estão a tornar-se peritos na arte de manipulação dos *media*, provocando aquilo que designam como “pseudo-eventos”.

Os festivais (que ocupam o nosso objecto de estudo), pela espectacularidade intrínseca, são particularmente vulneráveis a este processo. Bruno S. Frey (2000) defende que os festivais “são notícia” e, nessa medida, atraem a atenção dos *media* de uma forma muito mais eficaz: “It is easy to get media people to report on the opening of a festival. This media attention strengthens the festival director’s position vis à vis politicians, sponsors and donors” (*Ibid.*: 5). E esta atenção dos *media* aos festivais explica-se pelo seu carácter de renovação, ano após ano, apresentando-se sempre como “uma ocasião especial” (*Idem, ibid.*). Se concordamos com esta posição (o autor refere-se a grandes e reputados festivais europeus), não deixa de ser verdade que os próprios eventos são compelidos a investir cada vez mais recursos humanos e financeiros na comunicação mediática – entre outras razões, porque o número crescente de eventos, como referimos, pressiona a uma concorrência igualmente crescente.

Regressando às políticas culturais e a Portugal, a ênfase na produção tende a enfraquecer os orçamentos necessários à informação-divulgação. Vimos como as políticas públicas para a cultura se combalem de um lento desenvolvimento, sobretudo pela relação de dicotomia estabelecida entre poder local e central/instituições e agentes culturais. A dependência gerada pode ser resumida numa relação de parceria, já que as autarquias estão dependentes do dinamismo e da capacidade dos agentes culturais para a criação de projectos e eventos atractivos e com potencial de projecção das cidades/localidades onde se realizam; e, por sua vez, os agentes culturais afiguram-se como estruturas debilitadas do ponto de vista financeiro, tendo de recorrer aos subsídios e aos equipamentos geridos, na sua maioria, pelas autarquias para o desenvolvimento dos seus projectos. Se daqui resulta que os objectivos programáticos iniciais sofrem alterações, também se verifica uma tendência para a prossecução de uma política cultural assente em eventos com carácter espectacular e mediático, caso dos festivais, como veremos a seguir.

EVENTOS CULTURAIS. O CASO ESPECÍFICO DOS FESTIVAIS DE CINEMA

Partindo do conceito de que um evento cultural resulta do encontro de um determinado público com a criação artística, num tempo e lugar específicos (Chantepie, 2009), Claude Vaclare aponta a articulação de cinco princípios base para a definição de um evento cultural e suas finalidades (*Ibid.*, 2009): o critério artístico, o critério do público, o critério de lugar, o critério de tempo e o critério de raridade⁹. Da articulação destes critérios, sendo “lugar” e “tempo” referidos como “incontornáveis”, resulta a seguinte tipologia dos eventos culturais: 1 – Os grandes eventos, que reúnem todos os critérios (exemplo das Exposições Mundiais ou Capitais Europeias da Cultura); 2 – Os eventos culturais temáticos, dedicados a um género específico (exemplo dos festivais de teatro, cinema, música...); 3 – Os eventos assentes nos lugares, ou seja, valorizando os equipamentos ou património (exemplo dos festivais gastronómicos, recriações históricas, feiras de artesanato...). Conclui-se, portanto, que os eventos culturais (mesmo perante a sua multiplicidade e diversidade) assentam num contexto e objectivos definidos: a materialização da sua programação de projecto cultural e artístico, dentro de um espaço e tempo particulares, em articulação com um território e os seus objectivos em termos de desenvolvimento. Também aqui se salienta a importância do acolhimento de eventos culturais para as localidades, como potenciadores de um reforço de imagem e notoriedade, seja a nível nacional ou internacional. Particularmente em localidades/territórios onde a oferta cultural é limitada, a realização de um evento pode ser um meio de gerar e desenvolver uma nova dinâmica, não sendo, por isso, de descurar o seu efeito sobre as políticas culturais de proximidade (*Ibid.*, 2009). Alguns autores, como Bruno S. Frey (2000), sublinham que os políticos e entidades oficiais têm um particular interesse nos festivais: não só correspondem às expectativas do mundo das artes e da comunidade local, como também granjeiam, através da sua presença nestes eventos, uma excelente oportunidade para aparecer nas notícias como “patronos das artes”.

No caso português, alguns festivais que foram objecto de estudo confirmam estas abordagens – a título de exemplo, refiram-se os festivais de Teatro de Almada e de Banda Desenhada na Amadora, ambos na periferia de Lisboa, e ainda o *Imaginarium*, em Santa Maria da Feira¹⁰. O Festival Internacional de

⁹ Se os primeiros quatro critérios parecem não oferecer dúvidas quanto à sua função e importância, já o critério da raridade pode resultar em opiniões controversas, uma vez que um determinado evento cultural pode rivalizar com um congénere, bastando para isso introduzir-se a análise da qualidade/oferta do mesmo. No entanto, entende o autor, “criar um evento implica que ele seja excepcional”, ou pelas suas características únicas ou pela sua não repetição. Em Portugal, podem citar-se como exemplo os casos da Expo’98 ou das cidades que já ostentaram o título de Capital Europeia da Cultura. Ainda que o conceito destes eventos se repita, já não se conjugará com os restantes critérios apontados por Claude Vaclare e, nessa perspectiva, afiguram-se como únicos e raros.

¹⁰ Respectivamente Gomes *et al.*, 2000, Santos *et al.*, 2006 e Melo, 2007. Stª Maria da Feira localiza-se na Grande Área Metropolitana do Porto.

Banda Desenhada da Amadora, veio a tornar-se “momento de encontro e de expressão parcialmente partilhada, assim como de promoção do género [Banda Desenhada] no espaço público, local e extralocal (designadamente pela projecção que a comunicação social geralmente permite ao evento)” (Santos, 2006: 21). Atente-se na “expressão parcialmente partilhada”, já que, neste caso específico, a cidade parece arredada do “seu” festival, existindo diferenças assinaláveis entre aquilo que é projectado pelos *media* para o país e estrangeiro e o que ocorre em termos de envolvimento e representação na Amadora e na sua população (*Ibid.*: 22). Se olharmos agora, ainda como ilustração, para o Festival de Cinema de Cannes, cuja projecção é global, encontramos idêntica situação, sintetizada por Emmanuel Ethis (2001): “Si Cannes est définie par son Festival, le Festival, lui, est defini par ses pèlegris” (*Ibid.*: 20), ou seja, pelos “festivaleiros”, frequentadores anuais do festival oriundos de localizações externas a Cannes. Neste sentido, o mesmo autor, agora sobre o público do Festival de Teatro de Avignon, refere a sua capacidade de contribuir para a democratização cultural, através do que designa como “público mediador”, a que voltaremos mais adiante (*Idem*, 2003: esp. 13).

Voltando à tipologia dos eventos culturais atrás referida, os festivais de cinema enquadram-se nos eventos culturais temáticos. Têm sido a vertente menos estudada nas escolas da especialidade sobretudo durante o século XX. Ainda que sejam publicados alguns livros dedicados à história e aniversários dos festivais e que o assunto seja ocasionalmente referido nos estudos académicos, o fenómeno do «boom» dos festivais de cinema foi, até muito recentemente, pouco abordado (Valck & Loist, 2009). Nos últimos anos, esta tendência tem vindo a inverter-se e os estudos publicados procuram explicar, teorizar e historiar os festivais de cinema nas suas múltiplas vertentes.

Considerado um dos primeiros estudos críticos sobre este fenómeno, um artigo de Bill Nichols aborda a dinâmica local/global dos festivais de cinema: “Never only or purely local, festival films nonetheless circulate, in large part, with a cachet of locally inscribed difference and globally ascribed commonality. They both attest to the uniqueness of different cultures and specific filmmakers and affirm the underlying qualities of an 'international cinema” (1994: 68). O antropólogo Daniel Dayan introduz uma perspectiva diferente, ao analisar o Festival de Sundance, relevando o envolvimento de grupos distintos com interesses diversos. Descreve o festival em questão como um conjunto de performances divergentes, onde se incluem os realizadores, distribuidores, organizadores, jornalistas, público, entre outros (Dayan, 2000). Outros estudos procuram tornar compreensível a versatilidade dos festivais. Julian Stringer (2003) explora os festivais de cinema enquanto instituições, festivais nacionais, festivais de cidade e festivais de comunidade na sua dissertação, desenvolvendo visões teóricas sobre cada uma destas vertentes. Kenneth Turan (2002) e Marijke de Valck (2007) abordam o fenómeno com casos de estudo e procuram analisá-lo numa perspectiva geopolítica, empresarial e cultural/estética. Thomas Elsaesser (2005) e Janet Harbord (2002) oferecem pontos de vista relacionados com as dimensões de

tempo e espaço dos festivais, sendo ainda de notar os estudos que apontam para a existência de uma rede de festivais, com um sistema alternativo de distribuição, relações periféricas, programação como “agenda setting”, espectáculo e evento mediático.

No entanto, como sublinha Ewa Mazierska, a propósito do cinema europeu e do circuito de festivais, é necessária uma nova abordagem ao conceito de criação e funcionamento destes eventos, sob pena de se regerem por normas e estrangulamentos que apenas trabalham em rede: “The question arises, how to ensure that we do not talk only to each other, but also to the wider world. One way is, of course, to engage in wider debates; the other is producing research of quantity and quality that cannot be ignored outside the circle of specialists of Eastern European cinema” (2010: 13). Ainda que esta teoria se apresente válida, coloca-se, desde logo, o problema da especialização dos artigos e trabalhos académicos relacionados com a temática que, regra geral, tendem a seguir uma linha de investigação orientada de acordo com as perspectivas em questão. Ewa Mazierska reconhece essa dificuldade, chegando a admitir que alguns estudos podem ser considerados demasiado “jornalísticos”, presos em determinada especialidade.

Nos últimos anos, a investigação relacionada com o turismo contribuiu de modo expressivo para as análises culturais dos festivais, nas quais existem duas perspectivas: a visão de desenvolvimento artístico e urbano, que vê os festivais como catalisadores da renovação urbana, atraindo turistas e investimento de capital, reforçando a imagem da cidade e criando novos empregos (Crespi-Valbona & Richards, 2007); e a perspectiva de promoção das cidades, que aborda a forma como as comunidades podem utilizar os festivais para servir os seus próprios objectivos de reforço da identidade e da noção de valorização local. Ros Derrett (2000) defende que é possível relacionar o desenvolvimento cultural da comunidade e o turismo cultural com os festivais, dado que os habitantes locais partilham a sua cultura com os visitantes dos eventos.

Mas a ligação entre os conteúdos dos festivais e a sua localização não é assim tão óbvia (Valck & Loist, 2009), sobretudo porque a maioria das programações tem um carácter internacional muito forte e atrai visitantes cosmopolitas, que pretendem consumir arte cinematográfica mundial. Julian Stringer defende que muitos festivais recorrem a atracções locais para completar esta dinâmica de economia global (Stringer, 2001).

A questão da programação está relacionada com a recepção. Os programadores idealizam um determinado programa e procuram destacar, promover e contextualizar os filmes. Mas o programa está também dependente da audiência e da sua reacção, já que a continuidade dos festivais gera expectativas no público e os programadores encorajam uma recepção activa por parte da audiência (Klippel, 2008). Alguns programadores vão ainda mais longe ao considerar que programar significa não só programar

filmes, mas também programar público (Fung, 1999), embora não seja uma programação segura, dado que ninguém consegue prever com exactidão a reacção do público (Stringer, 2008).

Para que esta relação entre programação e público resulte, o processo de comunicação e divulgação do festival é, mais uma vez, essencial. Sue Khodarahmi estabelece o paralelismo entre a comunicação e o público ao considerar que “communicators always talk about identifying their target audience and tailoring their message to that audience - and building a relationship” (2007: 2). Este processo comunicativo tem impacto na cultura e no modo como o público a percebe, embora a forma contemporânea da cultura universal esteja, na opinião de Bragança de Miranda (2002), relacionada com a capacidade das novas tecnologias em atravessar todas as “esferas” ou “domínios” da experiência.

De acordo com Dina Iordanova, existem actualmente cerca de 2 mil festivais dedicados à “sétima arte”, um pouco por todo o mundo, e a autora acredita que, na próxima década, o estudo dos festivais de cinema irá tornar-se tão importante como o estudo dos filmes em si mesmo (2008). Destaca a existência de uma rede complexa de ligações estabelecidas pelos diferentes festivais, sendo já muito difícil definir com exactidão o âmbito de acção de cada um destes eventos, dado que as sub-redes criadas permitem que os certames se multipliquem e desdobrem em iniciativas paralelas que ultrapassam os seus objectivos iniciais.

Em 1996, a Comissão Europeia estimava a existência de 600 festivais de cinema na Europa dos 15 (Aas, 1997). Um ano mais tarde, esta estimativa aumentou para 800 festivais, movimentando uma média de 17.000 espectadores por edição. Relativamente ao número de filmes exibidos, cita-se o exemplo dos 166 festivais realizados em França, em 1996, nos quais foram apresentados cerca de 3.300 longas metragens e 8.000 curtas metragens e documentários. São números bastante expressivos, quando comparados com os dados disponíveis para Portugal, ainda que esta leitura deva ser feita tendo presente a diferença de escala entre os dois países: à data, existiam cinco festivais de cinema, aos quais haviam sido submetidos 86 mil filmes e seleccionados para exibição 591 documentários e curtas metragens (cf. Anexo 2).

Apesar desta disparidade, a frequência cultural por parte dos franceses não é muito diversa da nossa realidade nacional. De acordo com dados de um estudo realizado em 2000, 47 em 100 franceses, com mais de 12 anos, afirmaram não ter tempo para ir ao cinema e apenas 3 afirmaram ir uma vez por semana (Guy, 2000). “Ir ao cinema” é mais frequente nos indivíduos jovens, com instrução ao nível da licenciatura, e residentes na região parisiense, particularmente os mais próximos da capital – o que aproxima esta prática dos perfis dominantes dos públicos culturais (Silva *et al.*, 2000). Jean-Michel Guy nota: “La pression du nombre des jeunes qui vont au cinéma tend à marginaliser ceux qui ne peuvent y aller. Elle contribue aussi à faire de cette sortie une pratique sinon «distinctive» du mois «identitaire»

des jeunes, de la même manière que la fréquentation des concerts de rap, des fêtes techno ou des discothèques” (2000: 40-42).

É inquestionável o domínio dos Estados Unidos em questões relacionadas com a indústria cinematográfica, quer pelo seu desenvolvimento industrial, quer pelo crescimento da televisão comercial e privada. A necessidade de mais e melhores conteúdos acabou se traduzir no incremento da produção e, actualmente, consolidar e aumentar esta hegemonia não é apenas uma questão de interesse comercial para as empresas americanas envolvidas, mas também um assunto de interesse nacional a nível governamental (Aas, 2001). Neste domínio, o poder das novas tecnologias tem uma influência determinante, já que permitem, no formato digital, disponibilizar os conteúdos produzidos a nível global. Mais ainda com o advento da televisão digital a nível europeu, onde a indústria do audiovisual tem pouca expressão, quando comparada com o poderio americano.

Na Europa, as últimas duas décadas, como já referimos, foram férteis no aparecimento de novos festivais, “as if a new religion, getting everybody on their feet and forcing them to become pilgrims to ‘holy’ events and places of art” (Jauniskis, 2009: 1). Esta situação remete de imediato para um conceito de eventos culturais agregadores em termos de público (Vauclare, 2009). São fenómenos “contagiantes”, na medida em que todos querem estar presentes nos festivais mais mediáticos. Isto, porque, como nota Emmanuel Ethis (2005:12), aqueles que são os frequentadores habituais dos festivais, são também consumidores regulares de outros eventos culturais, como exposições, teatro, dança... São, por isso, públicos mais esclarecidos e mais exigentes, mas também com poder de mediação (escolhem os eventos culturais pelo seu “valor”), na medida em que os festivais se afiguram como “pontos de encontro” e de sociabilização. Esses públicos desenvolvem “[un] rôle de médiation en ce qu’il permet à ceux qui le fréquentent de jouer pleinement leur rôle de futurs prescripteurs culturels dans leur cercle de sociabilité respectif” (*Idem, Ibid.*). A noção de público mediador permite conceber como se veiculam opiniões através das redes de sociabilidade próprias dos espectadores – é essa, em grande medida, a força do “boca-a-boca”, uma vez que, naquelas redes, se formam “leaders” de opinião informais, que influenciam a visibilidade e, sobretudo, a reputação dos eventos. Jauniskis recorre a uma metáfora gastronómica para descrever a apetência do público pelos festivais, considerando que os espectadores se tornam “esfomeados”, impelidos a participar nestes eventos: “...we still keep running to where we are being called, to the art that is closest to us, in search for the cultural flowers of the night” (2009: 1).

Owen Evans (2007) estabelece a sequência cronológica ao longo de um ano para os festivais de cinema que ocorrem na Europa, partindo do Festival de Cannes. Questionando se Cannes é o mais representativo entre os seus pares, faz uma análise comparativa entre o festival francês e outros similares, nomeadamente o Berlinale (Berlim) e o Karlovy Vary (Linz). Admite, no entanto, que

Cannes, por ter sido pioneiro, conseguiu criar uma imagem e uma dinâmica seguida por outros festivais. E, defende, é precisamente o facto de ter sido o primeiro entre os demais, que lhe assegura uma extensa cobertura mediática sem paralelo. De resto, compara este festival a uma cerimónia de entrega dos Óscares de Hollywood e salienta: “Its nickname ‘Hollywood on the Riviera’ would seem to confirm its special status in the context of world cinema, not as a specifically European locale, but as a transnational space” (*Ibid.*: 27).

É neste contexto que alude a uma “cumplicidade” de Cannes com Hollywood no que respeita ao domínio do mundo cinematográfico (visível, segundo o autor, na selecção de filmes que ali são exibidos ou na triagem/recrutamento selectivo do público com “direito” a assistir a alguns dos seus eventos), para justificar o surgimento de outros festivais que, embora de menor dimensão, procuram assegurar a livre-criação/expressão dos realizadores, cujas oportunidades podem ser negadas no mercado do cinema. Nestes casos, os festivais não se regem apenas por interesses comerciais, mas também por um ensejo de criação de um projecto com identidade própria. “(...) all European film festivals might have a key role to play in the evolution of world cinema in the 21st century by mounting a concerted, coherent challenge to Hollywood hegemony”, conclui (*Ibid.*: 33).

A questão da selecção dos filmes ali exibidos parece ter sido corrigida em 2005 com a introdução da secção *Tous les Cinémas du Monde*. É preciso não ignorar que mesmo o Festival de Cannes está sujeito a “pressões” económicas que condicionam a sua programação, tornando-a mais comercial. A relação com Hollywood e a importância dos prémios atribuídos neste festival assim o exigem. Já o processo de recrutamento selectivo de público é uma particularidade que, ao longo dos anos, permitiu a este evento adquirir uma dimensão simbólica semelhante a um culto, ou, utilizando a expressão de Emmanuel Ethis, “sacré”. O processo de acreditação dos convidados, por exemplo, é apontado como uma manifestação selectiva, já que, uma vez garantido o acesso ao local do festival, se estabelece uma demarcação de estatuto consoante a identificação de cada convidado (produtor, actor, jornalista, representante de uma instituição cultural...).

Um festival de cinema é, assim, muito mais do que apenas a exibição dos filmes pré-seleccionados para competição ou para a programação especial definidas pelas suas equipas organizativas. A relação que os espectadores dos festivais estabelecem com os eventos vai muito para além do próprio festival, estendendo-se à cidade onde o mesmo se realiza. A dinamização da economia local é uma consequência óbvia (e desejável) da realização de eventos culturais e os festivais de cinema não constituem excepção à regra. Aliás, a relação espectadores/festivais/cidades começa muito antes do início do próprio evento. Seja na procura por parte dos espectadores/consumidores de alojamento, de informação turística sobre a cidade, na consulta do site do festival para detalhes de programação (Jauniskis, 2009). Marie-Hélène Poggi (2003), a propósito do Festival de Cannes, enumera os espaços frequentados pelo espectador,

externos à sala de cinema onde decorre o festival: hotéis e outros lugares de residência temporária, bares, restaurantes, ruas e espaços públicos. Os lugares, por onde circulam os espectadores que se deslocam à cidade para assistir ao evento, acabam assim por formar o “território do festival”. Porém, estar no lugar onde decorre o festival e ser espectador do mesmo são condições diferentes. Até porque esses lugares (hipoteticamente) continuam a receber turistas ou residentes temporários que podem ter interesses distintos daqueles que ali se deslocam propositadamente com o intuito de assistir/participar no evento. E mesmo dentro do espaço delimitado onde decorre o festival, é possível estabelecer diferenças e registar particularidades muito próprias, consoante o público que os frequenta. É o caso dos bares, considerados por Marie-Hélène Poggi como “territórios temporários do espectador”, que podem, por exemplo, ser transformados em locais de trabalho: “...deux ou trois tables, dans un coin, occupées quotidiennement par le même journaliste qui prepare ses interviews ou revoit ses notes pour un article” (2003: 15).

Daqui resulta que o evento não se circunscreve ao espaço onde decorre a sua programação. O lugar (e as suas características) onde se realiza, de igual modo contribui para a formação da sua imagem junto do público.

Sendo uma celebração, uma festa, um festival é também, não raras vezes, uma oportunidade para desenvolver funções educativas, sendo palco privilegiado para a discussão/debate em torno de diferentes questões. Do ponto de vista da organização, trata-se de alargar o conceito do festival, diversificar a oferta, e assim, obter mais público. Consequentemente (ou pelo menos, assim esperam), angariar mais e novos patrocínios que, por sua vez, asseguram uma visibilidade/publicidade concentrada durante os dias de realização do festival. A dinâmica que aqui se estabelece é, portanto, potencialmente benéfica para todas as partes. Algo nem sempre entendido a nível político, já que as estratégias definidas parecem não considerar os eventos de carácter cultural como uma mais-valia. E o fenómeno é transversal a vários países. A ponto de ser constante a necessidade de motivar, persuadir e convencer as estruturas políticas e potenciais mecenas a apoiarem os eventos culturais, quase todos denominados de festivais “only because this attractive label opens the wallets of sponsors and draws in advertising” (Jauniskis, 2009: 6).

Tendo por base a ideia de que “festivals are rapidly becoming one of the most important cultural phenomena on the European cultural scene” (CIRCLE, 2007: 4), a Comissão Europeia divulgou os resultados de um projecto internacional de pesquisa sobre a problemática dos festivais e a sua abordagem por parte das autoridades públicas. Uma das principais conclusões do estudo é a tendência para a consolidação e crescimento do número de festivais na Europa, sobretudo nas cidades mais metropolitanas, pelo que estes eventos carecem de maior atenção. “Public authorities in European

countries need to define and articulate their ‘festival’ policies, just as they have traditionally done for theatre, music/dance, library or museum policies” (*Ibid.*: 33).

Sendo um primeiro estudo, está mais centrado na análise de casos, verificando-se que a relação entre autoridades políticas e festivais se estabelece apenas em termos de financiamento, sendo recomendado nesta observação que se estabeleça, de igual modo, uma relação de confiança e comprometimento capaz de alimentar a “máquina” organizativa dos eventos para que esta não fique dependente dos eventuais apoios.

Pelo tema que aqui nos interessa particularmente, cita-se o único festival de cinema incluído neste projecto de pesquisa: Moscow International Film Festival (Rússia)¹¹. Trata-se de um evento que se tornou anual em 1999, sendo desenvolvido por uma organização estatal, o que, desde logo, assegura o seu financiamento. Ainda assim, a burocracia e as barreiras que resultam são apontadas como falhas e condicionantes que obstaculizam os procedimentos próprios de um festival deste género. Primeiro, porque não se realiza, por exemplo, um estudo de públicos com o objectivo de avaliar o impacto e o retorno do festival; segundo, porque os processos de organização não se coadunam com as especificidades de um festival de cinema, sendo muito rígidos e estandardizados à imagem de outros eventos promovidos a nível estatal; terceiro, porque a política que sustenta esta realização é demasiado influenciada pelo desenvolvimento turístico e económico, perdendo-se a oportunidade de criar pontes para a inclusão social e coesão da comunidade local (Kirill, 2007: 222-226).

Contabilizar o retorno da realização de um festival para uma cidade afigura-se “tarefa ingrata”, mas parece consensual, pelo menos nos meios académicos, que se trata de algo irrefutável. Seja a nível turístico, económico, cultural e até social, já que os festivais podem, também, ser considerados como eventos agregadores sociais e culturais. Cite-se o caso de Inglaterra, onde o Arts Council England tem vindo a desenvolver uma nova estratégia de aproximação do poder local com as artes. Num documento produzido nesse âmbito (Matarasso, 2001), Cllr Lyn Brown descreve que uma parte significativa do seu trabalho como LGA Cultural Services Executive “is to use the arts to promote social inclusion and to celebrate cultural diversity” (2001: 10). Aqui, o grande desafio é perceber os diferentes anseios das populações e promover melhorias nas condições de vida, o que, necessariamente, implica estar atento aos impactos directos e indirectos dos eventos e à diversidade cultural.

A contribuição dos eventos culturais para as economias locais é assim defendida como parte importante da regeneração das cidades. A expressão “economia criativa” é utilizada como reforço dessa componente que se estende aos campos da saúde, integração, interdependência com localidades vizinhas, motivação e captação dos jovens.

¹¹ O caso de estudo apresentado para Portugal é o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, conduzido por Teresa Duarte Martinho (CIRCLE, 2007: 205-221).

O problema é que nem sempre a relação entre os eventos e as comunidades locais se apresenta nestes moldes. Como veremos na análise ao Curtas Vila do Conde, o envolvimento/adesão dos jovens, por exemplo, na realização de tarefas associadas ao Festival, não se processa de forma “natural”. Mas não se trata de uma situação exclusiva de Vila do Conde, onde o evento teve dificuldades de afirmação junto da comunidade. Na esteira dos autores que vimos citando, arriscamos afirmar que faltou a necessária mediação inicial para que o público entendesse e aceitasse os objectivos de um evento porventura demasiado especializado. O Festival foi visto pela comunidade local, sobretudo durante os primeiros anos, como “elitista” e “segregador” em termos de público. Não porque o fosse de facto, mas porque faltava à maioria da população condições socioculturais para o conhecimento do cinema em geral, e da curta metragem em particular. Do lado dos agentes/promotores culturais, “algumas das dificuldades de recrutamento para funções que não directamente de criação passam, paradoxalmente, pela hesitação entre o investimento em competências técnicas e exterioridade relativa ao meio; e competências artísticas e domínio das redes de proximidade e afinidade” (Santos, 2002: 54). Do lado dos jovens aspirantes a entrar no circuito de produção verifica-se que “o poder de certificação passa necessariamente pela proximidade aos pioneiros, cuja projecção como artistas acaba por ultrapassar os limites da arte em questão. O acesso a projectos autónomos de criação por parte dos novos entrantes requererá a autorização prática do “mestre” – uma autoridade que se exprime em avaliação estética do seu trabalho, designadamente durante a fase de aprendizagem” (*Ibid.*: 40).

Um estudo com o objectivo de perceber o impacto social das artes foi levado a cabo, em 1993, por François Matarasso, por encomenda do Arts Council of Great Britain (Matarasso, 1997). Bastante optimista e eventualmente demasiado generalizador nas suas conclusões, esse estudo foi duramente criticado nos meios académicos (vd. Merli, 2002¹²).

Mais do que apresentar os argumentos utilizados por cada um dos autores, interessa aqui reter a discussão que o tema pode suscitar, o que por si só, é positivo. Demonstra que o debate em torno da cultura e da sua influência na sociedade é ainda incipiente e deriva em métodos contraditórios de pesquisa e apresentação de resultados, tal é a complexidade da rede em que assenta. Longe de se esgotar, é um assunto que merece reflexão atenta e urgente.

Como vimos, os eventos culturais, e em especial os festivais, particularmente vocacionados para se constituírem como instrumentos de políticas culturais, são espaços de encontro e sociabilização, meios de afirmação de uma dada arte/segmento ou, utilizando a expressão de Helena Santos “pontos de confluência entre pares de diversas especializações em cada arte” (*Idem*, 2002: 24). Por outro lado, é expectável o seu retorno no que à dinamização local diz respeito, sobretudo se atentarmos nas repercussões ao nível da economia, turismo, inclusão social e criação de emprego. Sendo o Curtas Vila

¹² Paola Merli aponta várias falhas na metodologia adoptada por Matarasso para o desenvolvimento do citado estudo.

do Conde o nosso objecto de estudo, veremos nos capítulos seguintes como o mesmo se desenvolveu ao longo dos anos, como se estruturou e afirmou a nível nacional e internacional, e procuraremos elencar algumas das consequências da sua realização para a cidade onde se insere.

VILA DO CONDE. BREVE CARACTERIZAÇÃO

Distando 35 km do Porto, pertencente à AMP, Vila do Conde é sede de concelho que integra 30 freguesias e tem, actualmente, cerca de 77 mil habitantes (INE, 2008). Banhada pelo oceano Atlântico, tem 18 kms de praias, o que a tornou localidade de referência para aqueles que, vindos do interior, procuravam “*ir a banhos*”. Cidade onde desagua o Ave, cresceu virada para o rio e a tradição da construção naval ainda hoje se mantém, aqui residindo a maior comunidade piscatória do Norte do País. Vila do Conde é servida por uma ampla rede de transportes que compreendem vias terrestres, aéreas e marítimas. O sistema terrestre de acesso é constituído por auto-estradas, estradas nacionais e municipais, e pela rede de metropolitano ligeiro, utilizadas diariamente por milhares de pessoas. As acessibilidades ao concelho compreendem, ainda, os terminais do aeroporto e o porto marítimo.

Herdeira de uma riqueza arquitectónica notável, com particular destaque para o núcleo quinhentista, Vila do Conde desenvolveu-se em termos urbanísticos, sem nunca descurar a preservação do seu património, sendo política de referência do Município¹³ a recuperação de edifícios antigos, adaptando-os a novas funcionalidades. São disso exemplo vários equipamentos de serviços, designadamente culturais: o Solar de São Sebastião (Centro de Memória – Arquivo e Museu Municipal), a Alfândega Régia (Museu de Construção Naval), o Solar dos Vasconcelos (Auditório Municipal), a Cadeia Civil (Centro Ciência Viva), o Casino de Vila do Conde (Centro Municipal de Juventude), o Solar de São Roque (Galeria de Arte Cinemática), a Casa do Vinhal (Museu das Rendas de Bilros), o Convento do Carmo (Gabinete Técnico Local), ou as reabilitações do Cine-Teatro, das Casas de José Régio ou de Antero de Quental e, ainda, a exemplar ampliação dos Paços do Concelho, a mais antiga construção de raiz para Câmara Municipal que ainda mantém a funcionalidade, embora agregando à esquerda e à direita uma série de pequenas moradias. Elevada à categoria de cidade em 1988¹⁴, Vila do Conde seguiu a tendência de outras localidades do País, no que respeita à sua evolução, sendo um concelho marcado pelas características rurais de algumas das suas freguesias e pela forte actividade marítima que sempre a distinguiu¹⁵.

¹³ Vila do Conde é um município liderado pelo Partido Socialista desde o 25 de Abril de 1974. O actual Presidente da Câmara, Eng. Mário Almeida, é autarca há 35 anos e cumpre, actualmente, o seu último mandato, por imposição da recente Lei de Limitação de Mandatos.

¹⁴ Por deliberação da Assembleia da República, decisão expressa na Lei nº5/88, publicada em 1 de Fevereiro de 1988, no Diário da República nº26 – I série.

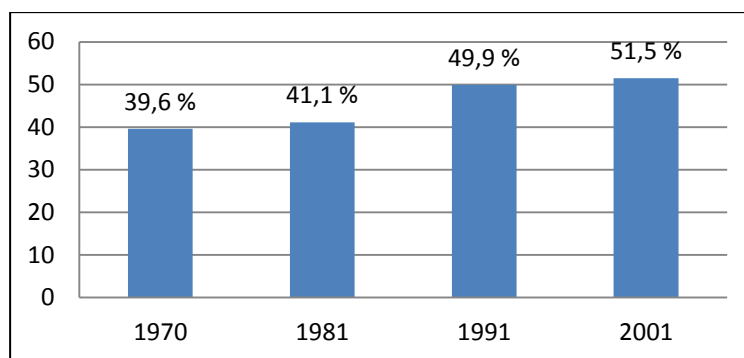
¹⁵ A recuperação do centro histórico e, em particular, da zona ribeirinha, mantém a coerência arquitectónica da cidade, defendendo uma política urbana de reabilitação dos espaços e actividades que marcaram o passado, ainda hoje inúmeras vezes salientado para atestar a importância da localidade, por exemplo na Época dos Descobrimentos, mas também para justificar uma série de investimentos, entretanto concretizados pela Autarquia local. Cita-se a título de exemplo, a concretização do projecto «Viagem à Rosa dos Ventos», no âmbito do apoio comunitário concretizado através de candidatura aos Projectos-Piloto Urbanos. O projecto vilacondense envolveu a Alfândega Régia – Museu de Construção Naval de Madeira, o CEDOPORMAR – Centro de Documentação dos Portos Marítimos Quinhentistas, a

Segundo dados do INE e da CMVC, a densidade populacional do concelho aumentou de 435,1 hab./Km² em 1991 para 499,3 hab./Km² em 2001, mas este acréscimo populacional (64,1 hab./Km²) não se revelou uniforme em todas as freguesias, sendo de destacar a preferência para a fixação nas freguesias do litoral vilacondense e na própria sede de concelho. Em 1993, data de criação do FICM, a população do Concelho pouco ultrapassava os 64 mil habitantes.

Para além das actividades do sector primário já referidas e que mantém (agricultura e pesca), o concelho possui ainda uma indústria bastante diversificada, integrando algumas empresas de referência a nível nacional¹⁶. A par do consecutivo aumento da população activa (Quadro 1), também a população empregada registou um crescimento passando de 31.021 em 1991 para 35.981 em 2001.

O contributo dos diferentes sectores de actividade para o emprego no concelho tem variado, com particular incidência nos sectores secundário e terciário, sendo que este, no entanto, não chegava a 50%, em 2001 (Quadro 2).

Quadro 1 – Evolução da população activa no Concelho de Vila do Conde, entre 1970 e 2001



Fonte: INE e CMVC

A conjuntura dos últimos anos terá, necessariamente, alterado de forma negativa estes indicadores, em particular o desemprego que também aumentou, sofrendo um agravamento significativo na década de 90 e que, de resto, acompanhou a tendência a nível nacional (situação que ainda se verifica).

Entre 1991 e 2001, o concelho conheceu, como referimos, uma forte expansão demográfica, embora não se trate de um crescimento uniforme nas suas 30 freguesias. Em todo o caso, importa salientar que se verificou uma subida de 15% da população residente, a uma taxa de crescimento médio anual de 1,38%, pois estes indicadores são superiores relativamente à AMP e RN, que são as unidades territoriais em que o concelho se insere. Seguindo a tendência nacional, também a população do concelho de Vila do Conde tem vindo a envelhecer, embora o valor registado em 2001 seja inferior ao verificado no país.

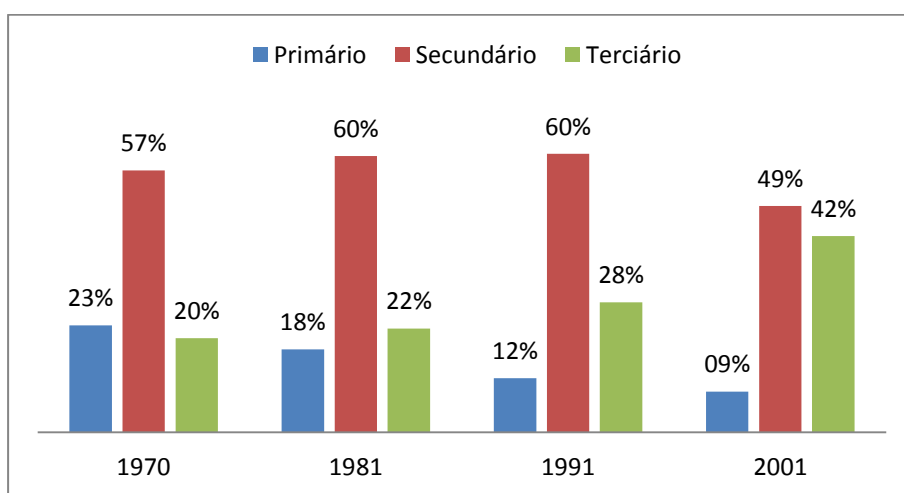
construção do Navio-Réplica de uma Nau Portuguesa, a Praça D. João II, em evocação à época dos Descobrimentos e à participação das gentes de Vila do Conde.

¹⁶ Do conjunto de empresas, que constituem/constituíram a principal fonte de emprego da população do concelho, salientam-se os casos da Lactogal (sector dos lacticínios), da Infineon (agora denominada Nanium – componentes electrónicos), e Maconde (têxtil).

Constata-se que o Índice de Envelhecimento¹⁷ aumentou de 42,5% em 1991 para 64,9% em 2001. Relativamente aos níveis de escolaridade da população residente, registou-se, entre 1991 e 2001, um crescimento positivo. Destaca-se que a população sem qualquer diploma escolar baixou de 49,7% para 47,5%, enquanto a população com qualificação académica aumentou de 50,3% para 52,5% (ver Quadro 3).

O cruzamento da qualificação académica com a idade e o sexo da população residente, permite concluir que, em 2001, no 1º Ciclo, a população masculina representava 50,3% e a população feminina 49,7%, tendência que se mantém no 2º e 3º Ciclos. No entanto, nos graus seguintes (secundário e médio/superior), a tendência inverte-se. Por exemplo, no ensino médio/superior existiam apenas 70 diplomados do sexo masculino para cada 100 do sexo feminino com esta qualificação.

Quadro 2 – População empregada por sectores de actividade em Vila do Conde, entre 1970 e 2001



Fonte: INE e CMVC

Quadro 3 – Distribuição da população residente em Vila do Conde por qualificação académica, entre 1991 e 2001

Distribuição da população residente por qualificação académica						
	1991	2001	Varição 1991-2001	Varição 1991-2001	1991	2001
Nível de ensino	Nº	Nº	Nº	%	%	%
Pop. Residente	64836	74391	9555	14,7%	100,0%	100,0%
s/Qualificação	32210	35370	3160	9,8%	49,7%	47,5%
c/Qualificação	32626	39021	6395	19,6%	50,3%	52,5%
1º Ciclo	20144	19462	-682	-3,4%	31,1%	26,2%
2º Ciclo	8047	8845	798	9,9%	12,4%	11,9%
3º Ciclo	1456	3399	1943	133,4%	2,2%	4,6%
Secundário	1443	3839	2396	166,0%	2,2%	5,2%
Médio/Superior	1536	3476	1940	126,3%	2,4%	4,7%

Fonte: INE e CMVC

¹⁷ Relaciona o número de efectivos com 65 e mais anos com o número de efectivos com menos de 15 anos e constitui um indicador de referência do envelhecimento demográfico.

Esta tendência verifica-se, igualmente, quando comparamos a qualificação académica e a idade dos indivíduos residentes no concelho, constatando-se que é entre os mais jovens que se encontra a maior percentagem de qualificados com o ensino médio/superior (ver Quadro 4).

Quadro 4 – Qualificação académica da população de Vila do Conde, segundo sexo e idade, em 2001

Qualificação académica, segundo sexo e idade, em 2001									
	15-64 Anos			15-24 Anos			25-64 Anos		
	Total	H	M	Total	H	M	Total	H	M
Total	52342	49,51%	50,49%	11276	10,90%	10,64%	41066	38,61%	39,85%
s/Qualificação	1159	0,81%	1,40%	55	0,06%	0,05%	1104	0,75%	1,35%
1º Ciclo	16421	15,52%	15,85%	354	0,37%	0,31%	16067	15,16%	15,64%
2º Ciclo	8644	8,60%	7,91%	1776	1,82%	1,57%	6868	6,78%	6,34%
3º Ciclo	3245	3,24%	2,96%	1123	1,17%	0,98%	2122	2,07%	1,98%
Secundário	3706	3,49%	3,59%	847	0,68%	0,94%	2859	2,81%	2,65%
Médio/Superior	3279	2,56%	3,72%	211	0,12%	0,29%	3035	2,44%	3,44%

Fonte: INE e CMVC

A nível cultural, Vila do Conde regista um conjunto de associações e clubes, alguns fundados muito cedo no século XX, e cujas actividades atraíam, sobretudo, a elite vilacondense (para a breve história da cidade, consultámos Carmo Reis, 2000). O Casino, por exemplo, foi inaugurado em 1907; o Teatro Afonso Sanches em 1900 e o Cine-Teatro Neiva em 1947. Às centenárias colectividades Círculo Católico de Operários, Clube Fluvial Vilacondense (ambos fundados em 1905) e Associação Recreativa e Cultural de Aveleda (1909) se devem grande parte dos eventos de índole cultural, nomeadamente espectáculos de teatro, palestras, exposições, projecção de cinema, desportos náuticos. O aparecimento dos Ranchos das Rendilheiras da Praça e do Monte, praticamente em simultâneo (os registos de fundação apontam para a criação do Rancho do Monte em 1918 e do Rancho da Praça em 1920), do Rio Ave Futebol Clube (1939), do Cineclub de Vila do Conde (1959) e do Ginásio Clube Vilacondense (1963) e a realização do Circuito Automóvel de Vila do Conde¹⁸, veio, de igual modo, contribuir para a dinamização da localidade. Actualmente, o concelho tem cerca de 100 colectividades que desenvolvem actividade diversa nas áreas da cultura, desporto e recreio.

No domínio da produção literária¹⁹, é incontornável a referência àquele que é considerado um dos filhos mais ilustres de Vila do Conde: José Régio, cuja Casa/Museu foi, recentemente, alvo de uma empreitada de recuperação.

¹⁸ O primeiro Circuito Automóvel de Vila do Conde decorreu em 1931. O evento terminou em 2003, após o início das obras de requalificação da frente marítima, no âmbito do Programa Polis, com que Vila do Conde foi contemplada.

¹⁹ São vários os exemplos de escritores/pintores que nasceram ou viveram em Vila do Conde, facto que levou a Câmara Municipal a desenvolver o projecto Rota d'Escritas, visando precisamente divulgar a obra dos autores e a sua ligação a Vila do Conde. Neste projecto se incluem: Afonso Sanches (poeta), José Régio (escritor), Júlio/Saul Dias (pintor/poeta), Antero de Quental (poeta, filósofo), Camilo Castelo Branco (escritor), Eça de Queiroz (escritor), Robert e Sonia Delaunay (pintores), Eduardo Viana (pintor), Joaquim Pacheco Neves (escritor), Guerra Junqueiro (escritor) e Ruy Belo (poeta).

Ao nível da imprensa, Vila do Conde acompanhou a evolução nacional, pelo que o aparecimento de vários títulos locais ocorre no século XIX (Carmo Reis, 2000). Presentemente, existem apenas três jornais: o semanal Jornal de Vila do Conde, o quinzenal Terras do Ave e o mensal Correio da Junqueira²⁰.

A cidade dispõe de vários equipamentos públicos dedicados à cultura, todos construídos e/ou reabilitados após a Revolução de 1974, período em que, seguindo a tendência do resto do país, a Câmara Municipal iniciou uma série de investimentos visando dotar o concelho das infra-estruturas consideradas necessárias ao seu desenvolvimento. O Quadro 5 apresenta os orçamentos gerais e orçamentos para a cultura e educação da CMVC (desde 1990 até 2009), com a respectiva percentagem que este último representa na verba total, sendo que a construção de equipamentos ou reabilitação de edifícios antigos (nalguns casos, responsável por uma parte maioritária desse orçamento), bem como o financiamento, em forma de subsídio, às associações, também se integra no orçamento destinado a estas áreas. Os anos de 1993, 1997, 2001, 2005 e 2009 coincidem com a realização de eleições Autárquicas e, simultaneamente, com maiores orçamentos apresentados pela Câmara de Vila do Conde. Entre 1996 e 1997, verifica-se o maior aumento orçamental em relação aos anos precedentes, o que se explica pelo lançamento de vários projectos, destacando-se claramente o início do Plano Especial de Realojamento. No domínio da cultura, cujo orçamento também subiu, iniciava-se a recuperação do edifício dos Paços do Concelho, o processo de ampliação e recuperação da Casa José Régio, do Solar de S. Roque e da antiga Cadeia Civil. Em 1999 ocorre novo aumento do orçamento global e uma clara subida na verba destinada à cultura e educação, coincidindo com a execução do Projecto - Piloto Urbano e com o início da recuperação da Casa de S. Sebastião. No ano seguinte, a Autarquia pediu a declaração de utilidade pública do Cine-Teatro Neiva e sua imediata posse administrativa, começando o projecto de reabilitação do edifício, o que veio a traduzir-se no orçamento de 2001, ano em que foi, também, lançado o projecto Polis, inaugurada a nova Biblioteca Municipal, bem como a Alfândega Régia e formalizada a constituição do Centro Ciência Viva, inaugurado em 2002. Até este ano, o orçamento destinado às áreas da educação e cultura foi sempre inferior a 10%, situação que só volta a ocorrer em 2009. Nos anos que perfazem este intervalo temporal, o salto mais significativo ocorre em 2003, ano em que desce o orçamento global, mas aumenta para 21% a verba destinada às áreas já referidas. Foi o ano de inauguração da nova Escola Secundária Afonso Sanches, da Casa da Juventude de Guilhabreu, do Telecentro e de novas bibliotecas escolares, ao mesmo tempo que prosseguem os investimentos na

²⁰ Através do site da Biblioteca Municipal de Vila do Conde (<http://www.bm-joseregio.com/portalweb/>) é possível aceder à Biblioteca Digital da Imprensa Periódica Vilacondense, com início de publicação até 1970. Em colaboração com o Plano Operacional da Cultura, foram digitalizados 46 títulos de jornais e revistas publicados em Vila do Conde, entre os anos de 1871 e 1983. O 1º jornal conhecido tem como título O Correio do Ave, contemplando, esta 1ª fase do projecto, todos os títulos até Renovação, periódico impresso durante grande parte do século XX. Este projecto foi executado com os exemplares propriedade da Biblioteca Municipal, a que se juntaram outros na posse da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

recuperação da Casa de S. Sebastião e do Solar de S. Roque. Conforme mencionado, em 2009, a verba orçamentada para a cultura decaí para menos de 10%, o que se explica pelo período de crise actual, havendo necessidade de canalizar o dinheiro disponível para outros sectores, nomeadamente para o reforço do apoio social da Autarquia prestado à população. De resto, todas as grandes obras planeadas pelo Município estavam já concluídas, destacando-se a inauguração do Teatro Municipal²¹, precisamente, em 2009.

No que respeita a equipamentos, tomando como referência o ano de 1993, altura em que decorreu a 1ª edição do FICM, constata-se que, à data, apenas o Auditório Municipal reunia as condições mínimas para receber o evento. Todos os restantes equipamentos, tal como os conhecemos hoje, são posteriores (encontram-se listados no Quadro 6). Verifica-se que existe, de facto, um número importante de equipamentos dedicados à memória e património, onde os museus têm um peso particular: são no total 12, embora nem todos municipais.

Refira-se que – apesar de o edifício ter sido adquirido pela Autarquia em 1980²² – a adaptação da casa de Submosteiro para albergar o Auditório Municipal só ficou concluída 11 anos mais tarde, razão pela qual o Cineclube de Vila do Conde ainda chegou a desenvolver a sua actividade no auditório da Santa Casa da Misericórdia da cidade.

As primeiras projecções de cinema em Vila do Conde decorreram na Praça da República, e a exibição regular de cinema foi iniciada no antigo Teatro Afonso Sanches, equipamento que entra em declínio no final dos anos 30, do século XX. Como consequência da falta de espaços propícios à prática cultural, a Misericórdia de Vila do Conde cria uma solução alternativa, mas de carácter provisório até à inauguração do Cine-Teatro Neiva, em 1947 (fechou 40 anos depois). Em 1991, após a inauguração do Auditório Municipal, as sessões de cinema promovidas pelo Cineclube fixam-se, com carácter definitivo, no novo equipamento cultural²³.

Na senda do aparecimento de vários cineclubes um pouco por todo o País, Vila do Conde viu criado o seu primeiro Cineclube em 1959²⁴, como secção integrada do Clube Fluvial Vilacondense. De resto,

²¹ No Anexo 3, transcrevemos um texto publicado no Boletim Municipal de Vila do Conde, aquando da inauguração do novo Teatro.

²² A casa do Submosteiro, também denominada Solar dos Vasconcelos, foi construída por volta de 1770. O facto de se tratar de um imóvel classificado de Interesse Público, conforme Decreto-Lei nº129/77, de 29 de Setembro, não impediu de, em 1980, ter sido objecto de quase total demolição, tendo ficado de pé somente a fachada principal. Procurando encontrar uma solução condigna para o que restava do edifício preexistente, a Câmara Municipal de Vila do Conde procedeu à aquisição do imóvel, criando, desta forma, as condições necessárias à instalação de um equipamento que compreendesse diferentes vectores socioculturais, nomeadamente a produção de exposições, exibição de cinema e vídeo, realização de conferências, concertos e espectáculos de teatro e dança.

²³ Aquando da inauguração do novo Teatro Municipal (2009), a Autarquia divulgou uma breve nota sobre a projecção de cinema em Vila do Conde, da autoria do Arquitecto Maia Gomes, e que se transcreve no Anexo 4, pois dá conta da evolução verificada, a este nível, na cidade.

²⁴ Dois anos depois da criação do Cineclube da Póvoa de Varzim, que aqui referimos, não apenas por se tratar de uma localidade contígua a Vila do Conde, mas também pelo papel na exibição de cinema na região (Azevedo, Natália, 2000)

sendo uma colectividade dedicada, essencialmente, aos desportos aquáticos, o Fluvial regista, no seu historial, uma intensa actividade cultural, sendo o cinema a mais expressiva²⁵.

Quadro 5 - Orçamentos gerais e orçamentos para a cultura da CM de Vila do Conde, desde 1990 até 2009 (€)

Ano	Orçamento Geral	Orçamento Cultura	Subsídios Curtas	% Cultura no Orçamento Geral	% Curtas no Orçamento Cultura
1990	13.966.341,00 €	1.178.000,00 €		8,40%	
1991	19.446.384,00 €	809.703,00 €		4,10%	
1992	25.688.091,00 €	1.611.316,00 €		6,20%	
1993	29.030.037,00 €	674.309,00 €	4.987,00 €	2,30%	0,74%
1994	28.364.142,00 €	904.639,00 €	3.740,00 €	3,10%	0,41%
1995	31.424.267,00 €	811.544,00 €	6.234,00 €	4%	0,76%
1996	38.407.438,00 €	1.028.521,00 €	7.481,00 €	2,70%	0,72%
1997	64.843.726,00 €	2.339.362,00 €	12.469,00 €	3,60%	0,53%
1998	62.349.737,00 €	2.269.729,00 €	12.469,00 €	3,60%	0,54%
1999	67.337.716,00 €	3.317.205,00 €	29.927,00 €	4,90%	0,90%
2000	59.855.747,00 €	1.281.262,00 €	29.927,00 €	2,10%	2,33%
2001	79.807.663,00 €	4.524.096,00 €	32.920,00 €	5,60%	0,72%
2002	75.000.000,00 €	2.568.000,00 €	48.000,00 €	3,40%	1,86%
2003	66.500.000,00 €	13.987.360,00 €	41.500,00 €	21%	0,29%
2004	65.000.000,00 €	8.905.305,84 €	40.000,00 €	13,70%	0,44%
2005	75.000.000,00 €	9.518.777,21 €	40.000,00 €	12,60%	0,42%
2006	65.000.000,00 €	11.641.692,54 €	40.000,00 €	17,90%	0,34%
2007	70.000.000,00 €	10.996.700,33 €	40.000,00 €	15,70%	0,36%
2008	76.000.000,00 €	10.800.175,21 €	45.000,00 €	14,20%	0,41%
2009	76.000.000,00 €	6.295.107,46 €	46.740,00 €	8,20%	0,74%

Fonte: CMVC/autora

Importa aqui referir o nome de dois dos seus primeiros seccionistas, António José Lima Saraiva Dias (actual Presidente da Direcção do Clube Fluvial Vilacondense) e António Cândido Guerra Rodrigues (já falecido), pelas suas relações de paternidade de dois dos membros fundadores do FICM (Miguel Dias e Nuno Rodrigues, respectivamente), dando conta da transmissão intergeracional de uma proximidade e um gosto pelo cinema que não será alheio à criação do Festival. A secção de cinema, iniciada em 1959, entrou em declínio nos anos 70, mas manteve actividade, ainda que irregular, até meados dos anos 80²⁶. Em 1990, reatando a tradição cinéfila iniciada no Clube Fluvial Vilacondense, o Cineclube de Vila do Conde “renasce” com uma equipa directiva muito jovem e bastante dinâmica. Apesar da sua localização e da sua dimensão geográfica, Vila do Conde é um concelho que sempre valorizou a sua memória colectiva, sendo disso reflexo a política de recuperação de edifícios antigos para os adaptar a novas funcionalidades, de que os equipamentos listados no Quadro 6 dão conta. A cidade tem uma forte história relacionada com a Epopeia dos Descobrimentos (devido aos seus

²⁵ Ver «Para a História do Clube Fluvial Vilacondense», de Faria Correia, Vila do Conde, 2005

²⁶ A estreia da secção de cinema ocorreu no dia 11 de Março, no Cine-Teatro Neiva, com o filme de Jacques Tatti «As férias do Sr. Hulot», conforme referido no jornal Renovação (Março 1959). Refira-se que Jacques Tatti foi um dos realizadores seleccionados, pela equipa promotora do FICM, para um programa especial, logo na 1ª edição do Festival, tendo sido exibidas duas curtas-metragens da sua autoria.

estaleiros de construção naval em madeira) e o seu desenvolvimento urbanístico ocorre, precisamente, a partir dessa época, desenvolvendo-se em torno da Quinhentista Igreja Matriz.

O centro histórico de Vila do Conde sempre foi preservado e valorizado, assim como o seu conjunto de monumentos e edifícios históricos. Como vimos, a Câmara Municipal apostou na requalificação/adaptação dos equipamentos, potenciando os espaços para o desenvolvimento do já efervescente movimento cultural.

Quadro 6 - Relação dos equipamentos culturais existentes em Vila do Conde

Equipamentos culturais em Vila do Conde	Data de Inauguração
Arquivo Municipal	Funcionou, durante vários anos, nas antigas instalações da Biblioteca, tendo sido, posteriormente, transferido para o Centro de Memória, onde agora se encontra. (começou a estruturar-se. por volta de 1840)
Auditório Municipal	Adquirido pela CMVC em 1980, abriu ao público em 1991
Biblioteca Municipal	Criada em 1944, está instalada em edifício construído de raiz e inaugurado em 2001
Centro de Actividades do Parque Polis	2005
Centro Ciência Viva de Vila do Conde	2002
Centro Municipal de Juventude	1995
Centro de Memória	2008
Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental	2007
Centro de Pedagogia Ambiental	2008
Espaço Acqua	2009
Espaço Internet	2008
Gabinete Municipal de Arqueologia	1998
Livraria Municipal	2005
Museu: Alfândega Régia	2001
Museu: Nau Quinhentista	2007
Museu: Casa do Barco	2007
Museu: Casa José Régio	1975
Museu Agrícola de Entre Douro e Minho	1989 (em reestruturação)
Núcleo Museológico de Vilar da Fundação PT	1983
Museu dos Bombeiros	1984
Museu do Mar	1991 (em reinstalação)
Museu das Rendas de Bilros	1991
Museu de Arte Sacra	1985
Museu das Cinzas	SI
Museu da Cooperativa Agrícola	SI
Solar de S. Roque	2005
Teatro Municipal	2009
Telecentro	2003

Fonte: CMVC/autora

Memória, história e identidade conjugam-se na caracterização de Vila do Conde. O Festival Internacional de Curtas Metragens integra-se nesses pressupostos, adicionando-lhes inovação e contemporaneidade. Como dizia Paulo Vasques, do Circular-Festival de Artes Performativas: *“Sempre houve uma grande vontade de estar próximo dos processos criativos contemporâneos, a partir do contexto de Vila do Conde. Sem a ligação e a sensibilização do público local, o Circular não faria sentido. (...) Queremos fazer um projecto onde há espaço e tempo para desenvolver aquilo que nos interessa a nível artístico”*.

CURTAS VILA DO CONDE. GÉNESE E EVOLUÇÃO

Na nota de abertura do catálogo da 1ª edição do Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde, realizada em 1993, a organização enumera os objectivos que sustentam a realização do evento, referindo pretender “contribuir para a criação de um espaço onde, por um lado, a produção internacional encontre entre nós real projecção e, por outro lado, a produção nacional encontre uma verdadeira ‘montra’ para a sua projecção internacional”.

Naquele que pode ser considerado como o manifesto de intenções da equipa produtora do Festival, que, globalmente, se mantém ainda hoje, são descritas as finalidades de um certame que terá nascido da vontade de um grupo de amigos, já ligados à dinamização do Cineclube de Vila do Conde e que, num momento de “inspiração e arrojo”, se lançavam na “aventura” de promover um evento internacional, dedicado a um género cinematográfico “menor”, numa cidade pequena, localizada na periferia de um grande centro urbano: o Porto (daqui resulta, entre outros, que o Festival estaria sempre dependente da capacidade de captar públicos fora do Concelho de Vila do Conde). A “inspiração” deve-se aos antecedentes e experiências dos organizadores (na adolescência, frequentavam, em grupo, o Festival de Cinema da Figueira da Foz, onde integraram o júri do público); o “arrojo”, ao facto de pretenderem criar um festival de cinema, especializado na curta metragem, numa altura em que a “sétima arte” não atravessava o seu melhor momento em Portugal.

De acordo com Dario Oliveira, da organização, naquele momento, a equipa desejava criar um evento que contribuísse para o ritmo citadino, onde se discutisse a contemporaneidade, as artes visuais, o cinema. Mas o processo que conduziu ao nascimento do Festival não se revelou de imediato. Só depois da conjugação de diferentes factores, o grupo de cinco elementos (José Nuno Rodrigues, Dario Oliveira, Miguel Dias, Mário Micaelo e Rui Maia) resolveu apostar num certame em grande escala, dando início à recolha de apoios para a montagem do projecto de criação de um festival internacional.

A 16 de Junho de 1993 (ano de estreia do Festival), no recém fundado jornal Público, Augusto M. Seabra, colunista e crítico de cinema, assina um artigo que a própria equipa do FICM considera como “o diploma”, ou seja, a certificação da importância e das potencialidades do evento, e nomeadamente a mobilização da comunicação social e da crítica especializada para o Festival que acabava de ser criado nesse ano. A publicação deste artigo (ao qual voltaremos no capítulo 9) atesta o efeito novidade que o aparecimento do FICM constituiu, bem como legitima a programação apresentada.

Logo desde a primeira edição, o festival mereceu o apoio da CMVC, tendo-lhe sido atribuído um subsídio de mil contos (5 mil euros). Salienta-se que a cooperação da Autarquia se materializa ainda na

disponibilização de meios logísticos e recursos humanos. Reportamo-nos ao Quadro 5, que apresenta a distribuição das verbas atribuídas, sob a forma de subsídio, à organização do FICM, desde a sua fundação até 2009. Para que seja perceptível a dimensão do contributo financeiro da Câmara Municipal para a realização do Festival, apresentam-se ainda os orçamentos globais da Autarquia, desde 1990 até à actualidade, bem como a verba destinada à cultura.

A análise do Quadro 5 permite concluir que os apoios financeiros da Autarquia à organização do Festival, excepção feita aos anos de 2000²⁷ e 2002²⁸, não atinge 1% do orçamento global destinado à Cultura. Entre 1996 e 1997, o orçamento geral da CMVC conhece um aumento significativo, o que se traduz em idêntica proporção no orçamento para a cultura e no subsídio atribuído ao FICM. Nos últimos anos, o apoio concedido ao evento não tem sofrido alterações significativas, seguindo a tendência do orçamento geral da Autarquia, ainda que o investimento na cultura seja superior, o que se explica pela recente recuperação de dois edifícios (Casa de S. Sebastião, agora Centro de Memória, e Cine-Teatro Neiva, agora Teatro Municipal).

Após vários contactos com elementos da organização do FICM, não foi possível obter os relatórios de contas das várias edições do certame desde a sua génese à actualidade. Esses dados seriam fundamentais para perceber qual a verdadeira dimensão do subsídio financeiro atribuído pela Autarquia ao evento, através da parcela que ocupa no financiamento global do Festival. Tal como noutras estruturas deste tipo (Santos, 2002), a Cooperativa Curtas Metragens não dispõe de recursos humanos suficientes para ter criado e mantido um arquivo documental propriamente dito. Os suportes documentais, ainda em papel, relativos às edições mais antigas do Festival encontram-se depositados num armazém (sem luz eléctrica), em caixas de arquivo, sem identificação relativa ao seu conteúdo ou ano de edição²⁹.

Em formato digital, a organização do Festival apenas dispõe de dados relativos aos anos de 2008 a 2010, que são aqueles que aqui se apresentam, servindo de referência para se aferirem os encargos financeiros implicados no desenvolvimento e organização do evento.

Pela soma dos valores aqui apresentados (Quadro 7)³⁰, constata-se que o FICM movimentou, nos últimos três anos, cerca de 350 mil euros por edição, sendo que o apoio concedido pela Câmara Municipal (financeiro e em espécie) representou 23,56% do total em 2008, 24,80% em 2009 e 23,88%

²⁷ Neste ano, o Festival promoveu, em associação com a Agência da Curta Metragem, os encontros Geração Curtas, apoiados pelo lançamento de uma publicação com o mesmo título que ilustra a produção da curta metragem em Portugal na última década.

²⁸ O aumento do subsídio por parte da CMVC explica-se, para o ano 2002, com a realização do Programa Especial de Comemorações dos 10 anos do Festival que incluiu: Programa Itinerante 10 anos de Curtas > Vila do Conde 1993-2002 + “10” com uma série de 4 curtas metragens (produções do Festival, encomenda de 4 vídeos a realizadores nacionais e estrangeiros); a edição de um livro (publicação que reúne contributos de realizadores que já colaboraram com o Festival) e 3 exposições de fotografia.

²⁹ O gabinete responsável pela gestão contabilística da Cooperativa Curtas Metragens apenas dispõe de informação referente aos anos mais recentes, pelo que também este recurso não se afigurou como válido para a obtenção da informação solicitada.

³⁰ Constatam-se para os anos 2008 e 2009 discrepâncias entre os valores indicados pela Câmara Municipal e pelo Festival, ficando por esclarecer os motivos que justificam tal facto.

em 2010. Apesar desta evidência, é convicção do Presidente da CMVC que “o grande suporte do FICM assenta na Autarquia”, afirmando que o valor atribuído ao evento “tem aumentado todos os anos”, facto justificado com a “ projecção nacional e internacional” que este assegura a Vila do Conde. O apoio concedido pelo ICA (Instituto do Cinema e Audiovisual) atinge uma expressão significativa no orçamento geral do FICM, sempre acima dos 30%, mas constata-se que o evento deixou de contar com o subsídio atribuído pela Direcção Geral das Artes, a partir de 2009. Através das receitas próprias (fundos próprios, vendas e receitas comerciais) e do apoio de empresas privadas (prémios, transporte de filmes, cedência de materiais, apoios à divulgação e serviços vários), o FICM consegue fazer uma gestão equilibrada da verba disponível. Note-se que a soma das verbas listadas em receitas próprias e empresas privadas totaliza 38,6% em 2008, 42,5% em 2009 e 39,7% em 2010.

Quadro 7 – Receitas e subsídios angariados pelo FICM, nos anos 2008, 2009 e 2010

	2008		2009		2010	
	Numerário	Espécie	Numerário	Espécie	Numerário	Espécie
Receitas próprias	60.536,13€		80.405,25€		43.000,00€	
CMVC	43.397,09€	40.000,00€	50.340,00€	40.000,00€	43.000,00€	40.000,00€
ICA	110.000,00€		115.000,00€		115.000,00€	
DGArtes	20.873,85€					
Outras entidades públicas	2.750,00€		1.500,00€	2.200,00€	4.000,00€	7.500,00€
Empresas Privadas	6.332,15€	69.950,13€	2.847,00€	71.865,50€	25.000,00€	70.000,00€
TOTAIS PARCIAIS	243.889,22 €	109.950,13 €	250.092,25 €	114.065,50 €	230.000,00 €	117.500,00 €
TOTAIS GLOBAIS	353.839,35 €		364.157,75 €		347.500,00 €	

Fonte: FICM

Reconhecendo a importância da realização deste certame para o Município, Mário Almeida sustenta, conforme já verificado, que os apoios concedidos à organização não se limitam à atribuição dos subsídios financeiros, sendo também assegurados vários serviços de apoio logístico, como sejam a disponibilização de “instalações para a sua realização; espaços para o funcionamento da sua estrutura ao longo de todo o ano; recursos humanos para auxiliar no festival”. O Presidente da Câmara Municipal utiliza a expressão “pesado” para definir a representação do apoio concedido no âmbito do orçamento disponível para a área da cultura, embora sustente que se trata de um investimento “perfeitamente justificado” pela sua dimensão e pelas actividades que, entretanto, na sua opinião, conseguiu gerar (casos do projecto *Animar*, Galeria Solar e, futuramente, do projecto *Estaleiro*³¹).

De facto, o contributo do evento para o dinamismo da cidade cedo começou a notar-se, sobretudo porque, no âmbito cultural, apenas um outro certame com alguma notoriedade merece referência à data

³¹ De acordo com Dario Oliveira, este projecto será lançado em Janeiro, no âmbito do Programa Novo Norte, com o objectivo de sensibilizar, formar e celebrar. Visa criar em Vila do Conde uma nova dinâmica cultural, aumentando o raio de acção da Cooperativa Curta Metragem. Tem como público alvo as crianças e jovens, criadores e professores. Será semelhante a um Campus Universitário.

da 1ª edição (1993): a Feira Nacional de Artesanato (FNA). Sendo uma iniciativa que visa a divulgação das artes tradicionais portuguesas, a FNA foi criada com o objectivo de promover as Rendas de Bilros (*ex-libris* do artesanato local), pelo seu carácter pioneiro, pela sua dimensão e “perenidade” (data de 1977), tornou-se um marco entre os eventos congéneres, colocando Vila do Conde no mapa das iniciativas relacionadas com a cultura popular. Em termos de cobertura jornalística assídua, a FNA é, provavelmente, o único evento realizado na cidade que se equipara ao FICM em projecção.

Com o objectivo de se enquadrar o FICM na dinâmica de eventos culturais promovidos em Vila do Conde, no Quadro 8 são apresentados os principais acontecimentos desta índole, com as respectivas datas de fundação, verificando-se que apenas dois outros eventos são anteriores ao aparecimento do Festival: a já referida FNA e os Cursos de Aperfeiçoamento Musical a que voltaremos adiante.

António Saraiva Dias, que, na altura da criação do Festival, era Vereador na Câmara Municipal, com os pelouros da Cultura e Turismo³², descreve assim o processo de acompanhamento da génese do certame: “O acolhimento às actividades desenvolvidas pelo Cineclube levou os seus responsáveis a sonhar com um evento que preenchesse uma lacuna no País e colocasse Vila do Conde no roteiro dos cinéfilos. E assim nasceu a proposta para o Festival Internacional de Curtas Metragens, projecto que, com pessoal e particular entusiasmo, acarinhei junto do Executivo da Câmara Municipal, do qual então fazia parte”.

A receptividade que o evento mereceu por parte da Autarquia local não oferece dúvidas, não só porque havia o reconhecimento do trabalho realizado no Cineclube, mas também porque a cidade reunia já as condições necessárias para o acolhimento de uma iniciativa cultural que permitisse adquirir uma maior projecção para Vila do Conde, contribuindo assim para o seu próprio crescimento e desenvolvimento.

Mário Almeida recorda que a realidade cultural de Vila do Conde nessa altura “espelhava” o retrato generalizado do País, em que a cultura estava limitada a “muito poucos”, pela própria situação que decorre do regime ditatorial a que Portugal esteve sujeito durante décadas.

Em 1974, Mário Almeida desempenhava funções de Presidente da Direcção do Ginásio Clube Vilacondense e alude a “problemas” verificados aquando da realização de alguns eventos de índole cultural para justificar a apatia de então. “O ‘salto’ a partir dessa altura foi qualificável e quantificável”, diz, acrescentando que a evolução verificada se deve, em grande parte, ao “trabalho desenvolvido pelas associações e instituições” locais. À Câmara Municipal compete a função, no entender do autarca, de “estimular” e “motivar” os projectos que vão surgindo, o que não invalida que a Autarquia desenvolva programação cultural própria, de resto definida aquando da gestão autárquica iniciada após a Revolução de 1974.

³² Tentamos obter informação junto da CMVC, relativamente ao número de dormidas nas unidades hoteleiras do concelho, para avaliar uma parte do possível impacto do FICM, mas a Autarquia não dispõe desses dados.

Quadro 8 - Principais eventos de índole cultural, realizados em Vila do Conde, até 2009

Evento	1ª edição	Breve descrição
Feira Nacional de Artesanato	1977	Conta, habitualmente, com a presença de duas centenas de artesãos que aqui demonstram o seu saber nas mais diversas expressões do artesanato, cobrindo a totalidade das regiões portuguesas.
Cursos de Aperfeiçoamento Musical da Academia S. Pio X	1988	Promovidos pela Academia de Música de S. Pio X, destinam-se a alunos que pretendam trabalhar com pedagogos e músicos de craveira internacional, enriquecendo dessa forma os seus percursos académicos.
Festival Internacional de Curtas Metragens	1993	Dedicado, sobretudo, à competição nacional e internacional de curtas metragens. Paralelamente, foram-se realizando inúmeras iniciativas relacionadas com o cinema, música e multimédia.
Teatro de Formas Animadas	1998	É uma companhia teatral estável, e reúne na actualidade artistas profissionais e jovens recém-formados, apresentando espectáculos regulares. A estrutura conta com o apoio permanente da Câmara Municipal e funciona em instalações cedidas pela autarquia.
Feira de Gastronomia	1999	Idealizado após ser constatado o sucesso das Jornadas Gastronómicas integradas no programa da Feira Nacional de Artesanato, este certame apresenta gastronomia tradicional de todo o País.
Queima do Judas	1999	Promovido pela Associação Nuvem Voadora, é um espectáculo de rua que decorre, anualmente, no sábado de Aleluia, fazendo o cruzamento de diferentes linguagens artísticas.
Circular – Festival de Artes Performativas	2005	Resulta de um trabalho de pesquisa de criadores e promove o desenvolvimento de um espaço de debate e reflexão em torno da criação artística contemporânea. No decurso do Festival têm lugar encontros informais e conversas entre os artistas participantes e o público.
Animar	2005	Evento anual da Curtas Metragens CRL, parte dos filmes de animação para a realização de uma série de actividades de carácter educativo concebidas para escolas e público em geral.
Festival Ollin Kan	2008	O conceito do festival prende-se com a promoção e preservação das raízes e heranças musicais dos países representados. Realiza-se desde 2003 na cidade do México e, numa perspectiva de internacionalização, a organização escolheu Vila do Conde como o primeiro palco desta iniciativa na Europa.
1º Festival Internacional de Circo e Artes de Rua	2009	Sucessor da Convenção de Malabarismo e Artes do Circo, apresenta múltiplos e diversificados espectáculos em vários espaços da cidade.

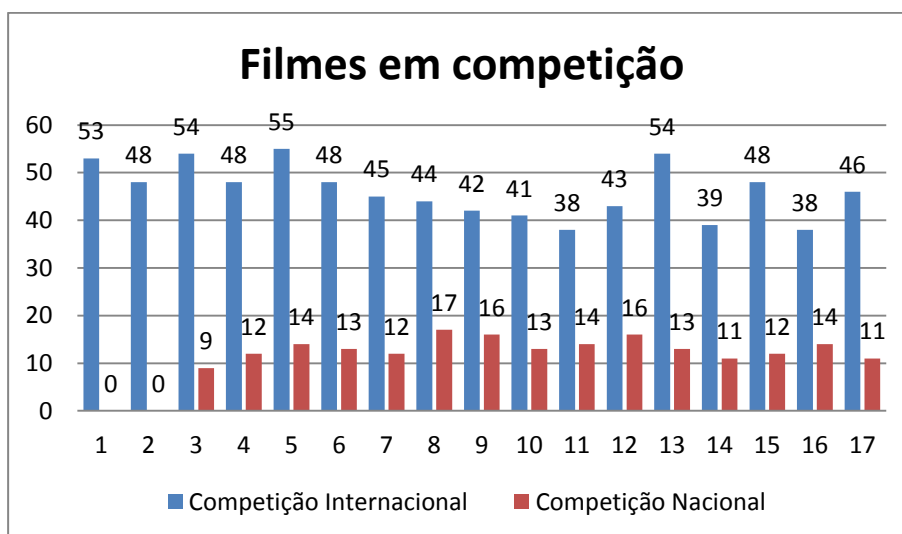
Fonte: CMVC/autora

“Começámos por realizar alguns concertos no Salão Nobre dos Paços do Concelho. A adesão era muito diminuta e tivemos de fazer telefonemas a pessoas amigas para as convidar. Ao fim de alguns anos, começou a notar-se a diferença em termos de adesão”, salienta o autarca. Acrescenta que, desde então, a Câmara Municipal sempre adoptou uma política de incentivo e apoio às instituições e associações locais (a maior parte das quais também fundadas após 1974). Cita o exemplo da Academia de Música S. Pio X, na altura sob alçada da Paróquia de S. João Baptista de Vila do Conde. Não sendo mais suportável, do ponto de vista financeiro, apenas pela Paróquia, a Câmara Municipal “envolveu-se” e, em conjunto com aquela instituição religiosa, criou a Fundação Dr. Elias de Aguiar que, actualmente, tutela a referida Academia. É convicção do Presidente da Câmara que a política a seguir deve passar por “ajudar a ultrapassar as dificuldades quando elas existem, mas tendo um papel apagado para que as

instituições possam crescer e trabalhar autonomamente”. É também neste âmbito que justifica o facto de a Autarquia ter apoiado o FICM desde a sua primeira edição.

Numa primeira fase do Festival, a organização dedicou particular atenção à produção da curta metragem, mas importa referir que a produção nacional era incipiente, pelo que, nos dois primeiros anos, nem sequer existia a diferenciação competitiva entre filmes nacionais e estrangeiros. Em todo o caso, merece destaque a exibição de uma retrospectiva de curtas metragens portuguesas recentes. E a evolução dos filmes apresentados a concurso, seja a nível internacional ou nacional (a secção de competição nacional foi criada na 3ª edição) foi quase sempre em crescendo, conforme se constata através dos dados apresentados no Quadro 9, referentes à evolução dos filmes exibidos, mantendo-se ainda hoje, como critério de selecção, o facto de os filmes inscritos serem de produção recente e em estreia nacional. Tendo em conta os critérios de selecção e de programação, muitos dos filmes inscritos nunca chegam à sala de exibição. O Quadro 10 apresenta a evolução do número de filmes inscritos para selecção no Festival, sendo de notar um aumento significativo a partir da 12ª edição (2004), altura em que o certame recebeu 2.000 filmes candidatos. Este aumento constitui um indicador do impacto do Festival no seu contexto próprio, e, indirectamente, no que ele pode verter para a cidade.

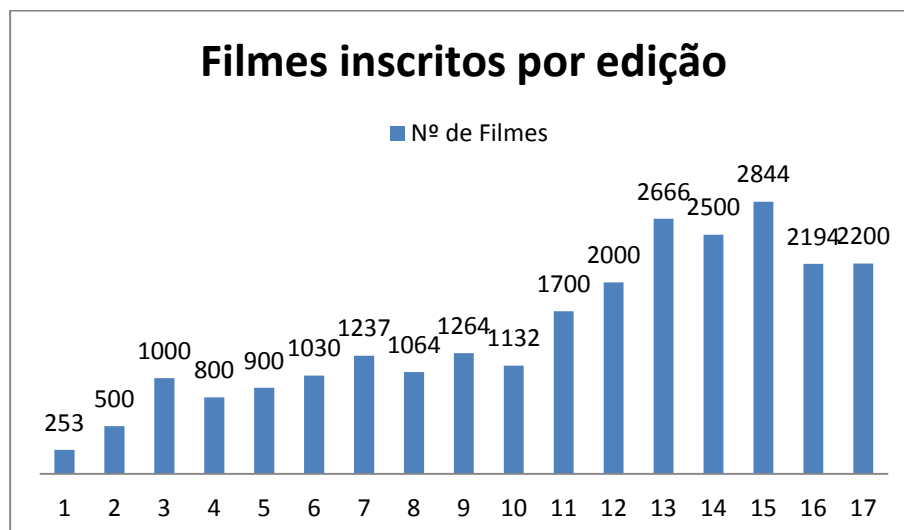
Quadro 9 - Evolução do nº. de filmes apresentados nas competições ao longo das 17 edições do Festival



Fonte: FICM/autora

Nesse mesmo ano, apenas 43 curtas não nacionais foram seleccionadas para a competição oficial do certame, mas nem isso impede os realizadores de apostarem no evento, sobretudo porque, ao longo dos anos, foi obtendo uma reputação que o tornou na “capital da curta metragem”, e uma credibilidade internacional difícil de imaginar alguns anos antes. Esse foi o fruto de um trabalho de preparação, planificação e estratégia, assente, entre outros, na articulação com eventos análogos, sobretudo europeus, porque é neste continente, como vimos, que se multiplicam os festivais de cinema e onde existe grande tradição neste género.

Quadro 10 - Evolução do número de filmes enviados para selecção do Festival de Vila do Conde



Fonte: FICM/autora

Na altura em que o FICM foi criado, assistia-se a um fenómeno de transformação, que a organização do evento não ignorou: as curtas metragens ganhavam espaço nos canais de televisão que proliferavam, graças à crescente divulgação por cabo, e o cinema regenerava-se sobretudo por influência americana.

Com base nestas mutações, e com o decorrer dos anos, o Festival começou a expandir-se para outras áreas: artes visuais, vídeo, pintura, fotografia, música... Por outro lado, apostou-se de forma mais incisiva na revisitação de alguns autores que voltam ao Festival com novos filmes ou que nem sequer trabalham exclusivamente na produção de filmes: trabalham com museus, com galerias de exposição e arte. No entanto, voltam sempre ao cinema de sala.

O desejo de crescimento do evento foi “natural” para a equipa organizadora. “A nossa ambição acompanhou as ‘exigências’ do público e do mercado. A estrutura começou a crescer no dinamismo, na capacidade e no âmbito de acção”, salienta Dario Oliveira.

Deste processo de desenvolvimento, nasceu, em 1999, a Agência da Curta Metragem, como estrutura externa ao Festival, tendo por objectivo redimensionar as hipóteses internacionais dos filmes portugueses de curta metragem que começaram a estar presentes em muitos mais festivais, graças ao trabalho desenvolvido por este organismo. Um ano depois da sua criação, coincidindo com a 8ª edição do Festival, o número de filmes portugueses apresentados a concurso registou um aumento, sendo mesmo o ano em que se exibiu o maior número de curtas metragens nacionais em competição (ver Quadro 9).

Não sendo possível afirmar com exactidão, por falta de dados que o atestem, que o FICM contribuiu para o aumento da produção nacional de curtas metragens, importa referir que o aparecimento da Agência da Curta Metragem gerou um impulso importante na divulgação do cinema português,

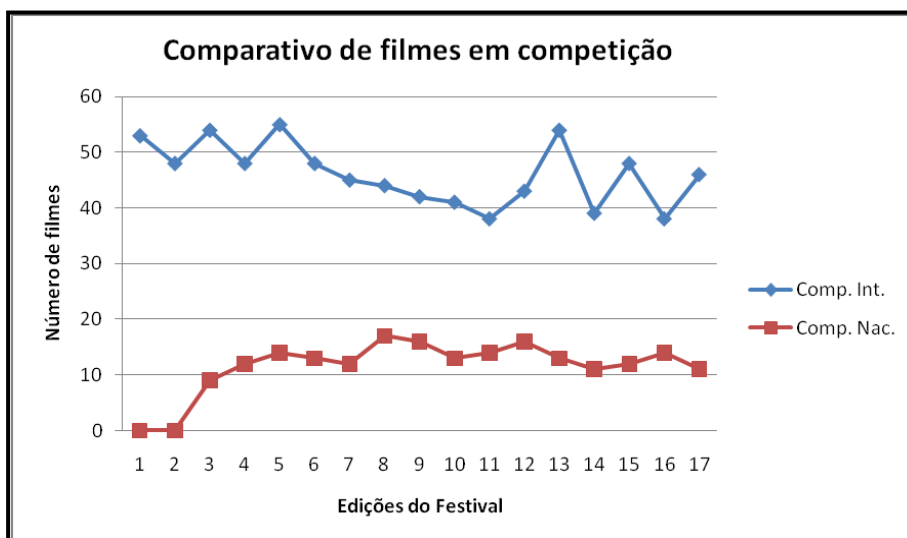
dinamizando uma série de acções que permitem aos realizadores nacionais verem os seus filmes inscritos em vários festivais em diferentes cidades do mundo. Criada com o apoio do Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia, e sediada em Vila do Conde pelos interlocutores do FICM, a Agência visa a promoção e divulgação da curta metragem portuguesa em todo o mundo, entendendo-se por ‘curtas metragens’ todas as obras audiovisuais de produção ou co-produção portuguesa, em qualquer suporte profissional.

O número de filmes em catálogo ronda as duas centenas, sendo este o resultado da conjugação de diferentes factores, elencados pela própria Agência: “aumento da produção da curta metragem em Portugal; crescente qualidade da cinematografia nacional e, decorrente desta, embora não exclusivamente, a assiduidade da presença de filmes nacionais em festivais e certames similares”.

Voltando ao FICM, verifica-se que o número de filmes portugueses apresentados em competição é significativamente inferior ao número de películas internacionais, o que se compreende pela diversidade de países que concorrem ao evento. O Quadro 11 mostra uma análise comparativa entre filmes nacionais e internacionais exibidos nas sessões competitivas. A competição nacional iniciou-se apenas na 3ª edição do festival, constatando-se que, a partir da 6ª edição, existe uma tendência para a diminuição do número de filmes internacionais, enquanto a competição nacional regista um ligeiro aumento. É possível ainda constatar que a competição nacional tem sido mais regular ao longo dos anos do que a competição internacional, que regista algumas oscilações, sobretudo a partir da 11ª edição. De acordo com Dario Oliveira, esta situação justifica-se pelos critérios de selecção de filmes que integram as secções competitivas: critérios artísticos e de qualidade cinematográfica em primeiro lugar; critérios estéticos e de gosto pessoal dos programadores, em segunda escolha.

A ligação do Festival a outras entidades e os apoios que o mesmo conseguiu granjear são os argumentos apresentados para justificar a evolução “natural” e quase que “obrigatória”, no sentido de viabilizar a longevidade do certame. A Coordenação Europeia de Festivais de Cinema (criada em 1995 e extinta em 2007) é referida pela organização como um organismo fundamental para a articulação em rede e o conhecimento internacional de eventos similares. É neste contexto que o trabalho da Agência da Curta Metragem é valorizado. Dario Oliveira refere que as repercussões do trabalho desenvolvido por este organismo são “imensas”, ainda que com pouca expressão na comunicação social. Não sendo visível para a sociedade em geral, é um trabalho que contribui para a “saúde” e “vitalidade” das pequenas produtoras existentes em Portugal, como veremos adiante.

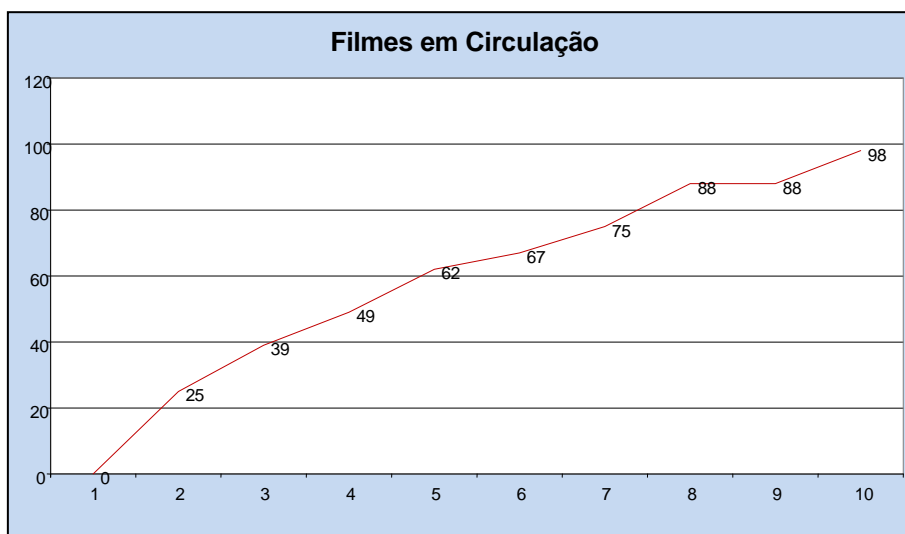
Quadro 11 - Análise comparativa dos filmes nacionais e internacionais em competição



Fonte: FICM/autora

O Quadro 12 apresenta a evolução do número de filmes em circulação pelos festivais de cinema internacionais, desde a criação da Agência da Curta Metragem em 1999 até 2008, notando-se que a tendência foi sempre em crescendo, atingindo um pico precisamente no último ano, com 98 filmes portugueses a serem exibidos nos diferentes certames mundiais.

Quadro 12 - Evolução do número de filmes em circulação, desde 1999 até 2008



Fonte: ACM

Conforme já referimos, actualmente a Agência representa cerca de duas centenas de curtas metragens, gerindo todo o percurso que os filmes portugueses terão nos principais festivais, mostras e mercados internacionais, desde toda a logística de promoção dos filmes junto desses eventos até ao envio das cópias. A Agência assegura, de igual modo, uma presença regular junto de todos os potenciais exibidores (distribuidores, televisões, internet, ou quaisquer outros canais de difusão). Dispõe ainda de um pequeno fundo de apoio à tiragem de novas cópias, legendagem das mesmas e edição de masters.

Os filmes de catálogo não incluídos na distribuição, proporcionam a oportunidade de organizar programas mais diversificados de cinema português em secções não competitivas de festivais ou, a nível nacional, de prosseguir o objectivo de distribuição alternativa às salas comerciais - cineclubes, associações culturais, câmaras municipais - , apresentando curtas metragens avulsas ou compiladas em programas temáticos. Ainda a nível nacional, a Agência tem vindo a desenvolver um projecto de educação pela imagem, levando as curtas portuguesas e os seus criadores às escolas básicas e secundárias.

Da iniciativa bem sucedida do Festival de Vila do Conde, surgiram entretanto novos festivais e secções inseridas em certames similares, que, segundo alguns interlocutores, aproveitaram este exemplo para criar eventos dedicados ao cinema. O Imago – Festival Internacional de Cinema Jovem do Fundão é considerado por Dario Oliveira como um “afilhado” do Curtas, e terá descoberto em Vila do Conde os factores de sucesso para conseguir implementar um certame deste género numa cidade pequena e longe dos grandes centros urbanos. Cita ainda o caso do Indie Lisboa que criou uma secção portuguesa de curtas metragens, assente no facto de as sessões da competição nacional no Festival de Vila do Conde serem sempre as mais concorridas (rever lista dos festivais em Portugal, no Anexo 1).

A propósito do alargamento do âmbito do Festival, alterando o seu conceito inicial apenas respeitante ao universo da curta metragem, importa notar que, aliado à limitação de espaço do Auditório Municipal, esse incremento foi decisivo para o aumento do território do Festival. A dinâmica criada através das iniciativas paralelas, e a falta de instalações para a sua realização, “obrigou” a organização do Festival a apostar em diversas soluções de recurso, nomeadamente no que respeita aos espaços físicos da cidade com potencial para acolher as actividades propostas. Esta situação constata-se a partir da 4ª edição do FICM (1996) e manteve-se inalterada até à mudança para as novas instalações do Teatro Municipal de Vila do Conde (2009). O quadro 13 apresenta a listagem dos espaços físicos ocupados por realizações do FICM ao longo da sua existência, citando-se, a título de exemplo, algumas das soluções improvisadas: cinema ao ar livre, cinema na tenda, Solar de S. Roque ou piso -3 do parque de estacionamento da Praça José Régio.

Os benefícios resultantes da limitação de espaço do Auditório Municipal podem ser assim traduzidos: aumento do território do Festival e conseqüente mobilização de público que, de outra forma, poderia não tomar contacto com o evento; maior proximidade e envolvimento do Festival com a comunidade local; impacto económico para a cidade e comerciantes, nomeadamente ao nível da restauração; maior divulgação turística da cidade, já que os espectadores do Festival passam a frequentar outros espaços e, obrigatoriamente, a conhecer o “circuito” do evento e as suas potencialidades.

Evidentemente, ao longo dos anos, os condicionalismos impostos pela limitação de instalações físicas provocaram dificuldades logísticas e de organização que nunca foram omitidas ou ignoradas, quer pela

organização, quer pela própria Autarquia. No entanto, e conforme se viu, esta situação acabou por se traduzir em retorno positivo, indo de encontro à política seguida pelo próprio Presidente da Câmara que, questionado sobre se a falta de equipamentos alguma vez condicionou a realização de eventos de índole cultural na cidade, cita, precisamente, o caso do FICM: “Quando o Festival começou, apenas existia o Auditório Municipal que não correspondia ao desafio de um evento cujo sucesso era previsível. Isso não impediu que o Festival se realizasse”.

De resto, Mário Almeida argumenta que é necessário “encontrar soluções alternativas” para a realização da actividade cultural mesmo quando não existem os equipamentos considerados mais adequados. Essa actividade cultural acabará, no entender do autarca, por “evidenciar e justificar o investimento em novos equipamentos e infra-estruturas”.

Quadro 13 - Listagem dos espaços físicos ocupados por realizações do FICM ao longo da sua existência

Espaços	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Auditório Municipal	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Centro Municipal Juventude				x													
Cinema ao Ar Livre					x	x	x	X	x								
Feira Nova					x												
Vídeo-Café Concerto					x												
Convento do Carmo					x	x											
Vídeo-Café Totta Bar						x											
Cinema na Tenda									x	x	x	x	x	x	x		
Nox Clube									x	x							
Alfândega Régia										x							
Solar S. Roque											x	x					
Biblioteca Municipal											x						
Tota Bar											x	x					
Galeria Solar													x	x	x	x	x
Parque de Estacionamento														x	x	x	
Plazza Bar													x				
Sala Dois																x	
Teatro Municipal																	x
Centro de Memória																	x
Bar da Praça																	x

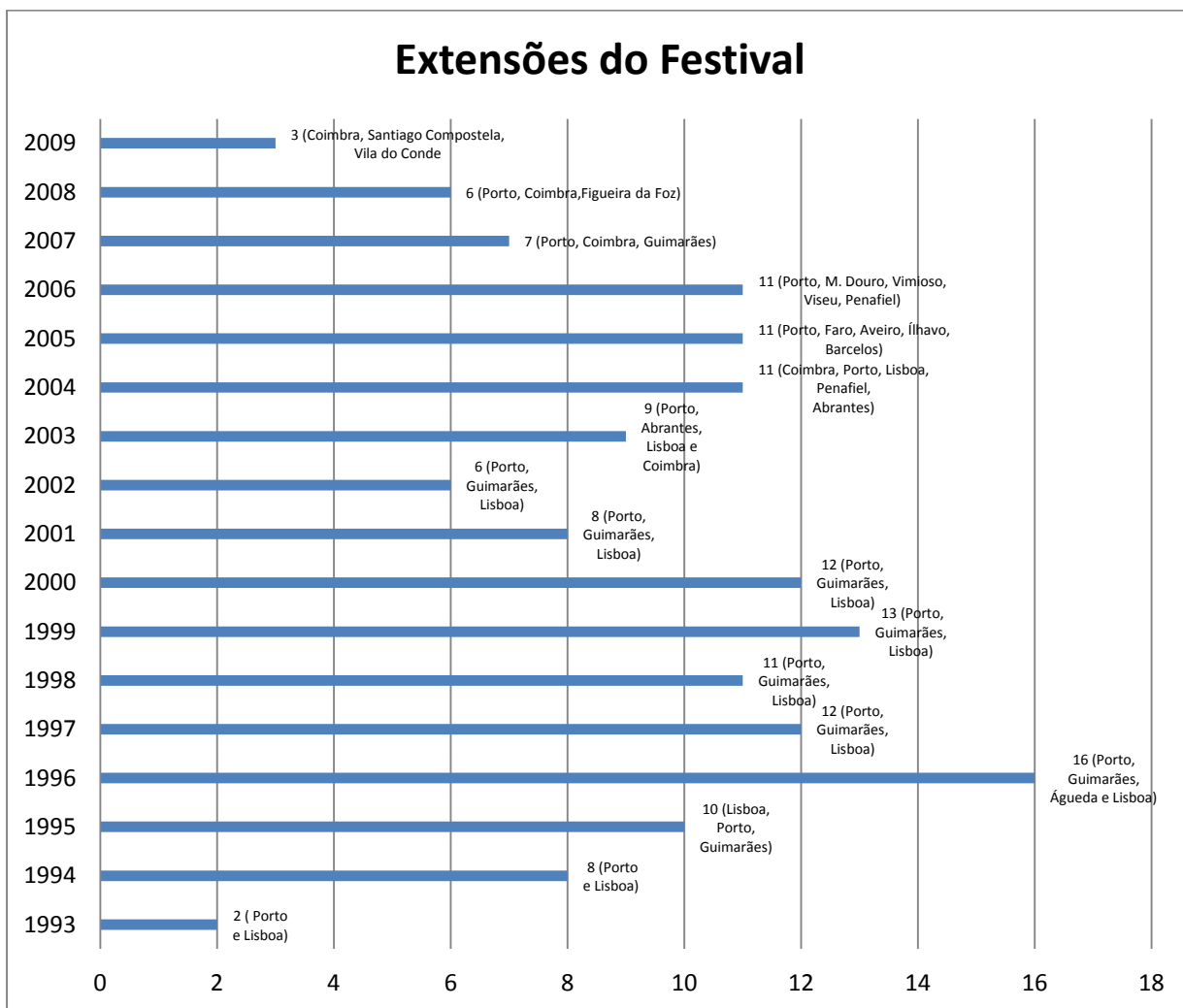
Fonte: FICM/autora

Foi o que aconteceu com o Teatro Municipal de Vila do Conde, inaugurado a 27 de Junho de 2009, cuja recuperação foi reivindicada durante anos pela organização do Festival. A geografia do FICM mudou. A dúvida que se coloca é se conseguirá adaptar-se e impor-se no seu novo território, no que à fruição da cidade respeita, mas essa é uma questão que ficará para o futuro.

Um outro factor de ressonância, e de estratégia, do FICM encontra-se na realização, desde a primeira edição, de extensões do evento noutras localidades, ainda que em número variável (Quadro 14). Dario Oliveira cita Lisboa, Porto e Coimbra como as cidades onde mais “facilmente” a proposta apresentada

pela organização do Festival para estas extensões é aceite. Apresenta duas justificações para a tendência dos últimos anos, que aponta para uma diminuição do número de cidades abrangidas: o encerramento de várias salas de projecção e o tema do Festival que pode, ou não, interessar a determinada autarquia. Há ainda um outro motivo para a tendência de diminuição dos últimos anos: as dificuldades económicas das autarquias, decorrentes da crise financeira actual.

Quadro 14 – Extensões do FICM a outras localidades entre 1993 e 2009



Fonte: FICM/autora

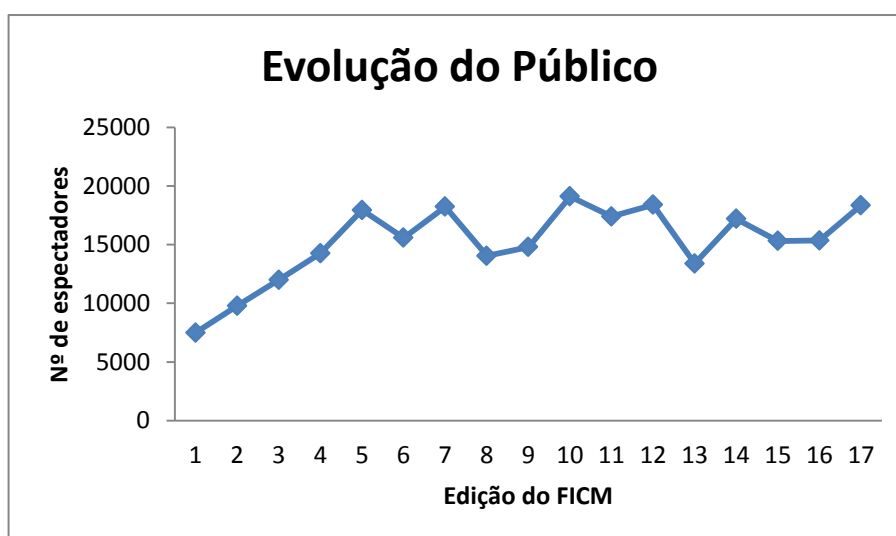
Como veremos a seguir, para além do incremento dado à produção e distribuição da curta metragem, da expansão do território do Curtas (quer em Vila do Conde, quer noutras cidades do país), sempre se verificou, por parte da organização, uma preocupação relacionada com a formação de públicos, ainda que as iniciativas mais visíveis sejam muito recentes, por falta de capacidade organizativa anterior.

CURTAS VILA DO CONDE. FORMAÇÃO DE NOVOS PÚBLICOS

A programação do Festival de Curtas Metragens, de acordo com Dario Oliveira, procura ser abrangente, ainda que “irreverente e provocadora”. A organização conhece o público para que trabalha, tendo por base estudos de público já realizados (aos quais não conseguimos ter acesso), mas procura outros potenciais interessados, no momento de definir a programação (resultado da conjugação com os interesses e gostos dos programadores). Por exemplo, um dos critérios para a programação paralela do Curtas é que os realizadores convidados estejam vivos, para que possam deslocar-se a Vila do Conde, dialogar e interagir com o público. Significa isto que a organização não descarta os interesses do público, nem tão-pouco a necessidade de rejuvenescer e formar novos públicos, algo fundamental para a reprodução e repercussão do próprio evento. Como veremos a seguir, a estratégia da organização tem seguido uma linha orientadora que visa cativar, mas, sobretudo, formar público para o cinema, logo desde a infância.

Durante os cinco primeiros anos de realização, o FICM apresentou uma evolução crescente de público, passando de 7.500 espectadores no ano de estreia (1993) para 17.950 em 1997, ano da sua quinta edição. Desde então, o evento sempre conseguiu superar essa marca, embora com algumas oscilações ao longo dos 17 anos de realização em análise, conforme se constata no Quadro 15. A média de espectadores do Festival é de 15.215 pessoas por edição.

Quadro 15 – Evolução do público ao longo das 17 edições do FICM



Fonte: FICM/autora

Tendo em conta que o Festival se realiza numa cidade pequena, localizada na periferia de um grande centro urbano, a afluência de público ao evento é considerável, sendo também o resultado de uma

estratégia de formação de novos públicos que a organização do certame assume. António Saraiva Dias, Vereador da Cultura e Turismo em 1993, salienta que a localização geográfica de Vila do Conde pode ter sido um factor decisivo para a captação dos visitantes do evento, já que se encontra no centro de uma área de forte concentração populacional, constituída pelo Litoral Norte (e Galiza), e a escassos minutos da segunda cidade do País (Porto) e do seu aeroporto, localização que justifica a escolha de grandes empreendimentos comerciais e industriais, e que também potencia os eventos culturais. Sobre o contributo que o Festival deu ao Turismo e Cultura da cidade, o ex-Vereador considera que o certame em questão é “o mais mediático evento cultural de Vila do Conde e a vida que traz às ruas e praças do Centro Histórico é inquestionável”.

A criação de novas iniciativas paralelas às secções competitivas do Festival tem sido constante ao longo dos anos, com um objectivo definido de continuar a atrair público, mas também de afirmação do evento como um espaço de experimentação. Por outro lado, há um trabalho de formação e de educação muito importante a realizar, sobretudo, junto dos mais jovens³³. Esta intenção é colocada em prática através da realização de duas iniciativas, entretanto criadas no âmbito do Festival de Curtas Metragens: a *Animar* e o *Take One!*.

Em 2006, decorreu a *Animar*, exposição dedicada ao cinema de animação e a primeira direccionada a um público jovem, mais concretamente aos alunos do ensino básico e secundário da região. Tratando-se de uma exposição com forte carácter didáctico e com vocação para um público juvenil, a organização entendeu que esta deveria ser objecto de visita mais alargada. Assim, o projecto *Animar* passou a ser anual. Em 2009, de 14 de Fevereiro a 26 de Abril, decorreu um conjunto de actividades no âmbito desta iniciativa: uma exposição colectiva de animação com visitas guiadas na Galeria Solar, sessões de cinema para escolas e público em geral, ateliers e outras acções dirigidas a alunos, pais, professores e a todos os interessados em cinema de animação³⁴.

A outra iniciativa, que se enquadra na geração de novos públicos, tem por objectivo a formação de novos realizadores, potenciando a existência de um lugar próprio onde os jovens aspirantes a cineastas podem exhibir os seus primeiros trabalhos. Através desta actividade, é notória a intenção do Festival em motivar o aparecimento de novos cineastas. Criada em 2004, a secção competitiva *Take One!* afirmou-se como espaço de formação, divulgação e discussão do panorama audiovisual e cinematográfico de

³³ O exemplo mais recente desta estratégia é o programa Curtinhas iniciado em 2009. Uma aposta na formação e sensibilização de públicos que resulta das experiências anteriores do Curtas e do projecto Animar, que programa actividades de educação pela imagem dirigidas a crianças e jovens de diferentes faixas etárias.

³⁴ A quarta edição da Animar decorreu em quatro espaços culturais e contou com 8798 participantes, dos quais 4906 são alunos de 40 escolas de diversos graus de ensino, de Aveiro, Braga, Matosinhos, Guimarães, Póvoa de Varzim, Porto e Vila do Conde.

produções realizadas no âmbito académico expondo a perspectiva de quem empreende os primeiros passos nesta área³⁵.

Apesar de todas estas iniciativas, a proveniência do público que afluí ao evento é bastante diversa e não se limita aos residentes em Vila do Conde, até porque, sendo de carácter internacional, o FICM recebe vários realizadores e convidados, bem como público estrangeiro, que também contribuem para reforçar a imagem do Festival no exterior do País. A este propósito, Dario Oliveira salienta que a intenção de não fazer um evento para “consumo interno” sempre esteve na ambição da equipa que integra a organização.

Sem atribuir ao FICM um carácter pioneiro na dinamização de eventos que contribuem para o posicionamento de Vila do Conde no panorama cultural português, António Saraiva Dias partilha da opinião de Dario Oliveira, ao considerar que este certame consegue mobilizar e atrair o público, podendo ter sido o motor para o aparecimento de outras iniciativas dinamizadas por pessoas que, de alguma forma, estiveram/estão ligadas ao Festival. A organização do evento tem realizado, ao longo dos anos, alguns estudos de público, com o objectivo de perceber a sua caracterização, mesmo que os critérios de programação, como já referimos, procurem cativar outros interessados. Com base nesses estudos, Dario Oliveira define o público do Festival como “específico”, resultado da soma de várias minorias, interessadas nas diferentes propostas do FICM. É um público “fiel”, oriundo de Vila do Conde e do Grande Porto, com formação académica superior, jovem entre os 16 e os 30 anos. E agora, também, um público juvenil com idades entre 4/5 anos, frequentador da iniciativa paralela intitulada *Curtinhas*.

³⁵ A mostra competitiva de filmes de escola, participação de filmes produzidos exclusivamente nas escolas nacionais, contou, em 2008, com 105 filmes provenientes de cerca de 20 diferentes escolas de vários pontos do país, resultando a selecção final num total de 16 filmes, divididos em 2 sessões, representando 8 diferentes escolas.

CURTAS VILA DO CONDE. ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

Os métodos e estratégias de divulgação do FICM assentam em suportes tradicionais de campanhas de promoção, embora, nos últimos anos, tenham acompanhado a evolução dos novos media, criando o seu site oficial na Internet³⁶ em 2000, e, mais tarde, com o lançamento de uma segunda versão, em 2007. Esta mudança acompanhou a alteração verificada na própria designação do evento que, desde 2001, passou para Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema. A estratégia de mudança da denominação visa apenas o marketing do evento e uma mais fácil memorização por parte do público, até porque no seu catálogo oficial mantém o nome inicial com que foi criado – Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde.

Da adesão aos novos media destaca-se ainda a criação de perfis em redes sociais, como Facebook (2009), MySpace (2006), YouTube (2008), Vimeo e Twitter (2010), através dos quais são divulgadas algumas das iniciativas promovidas no âmbito do Festival.

De resto, a estratégia de comunicação sempre assentou nos meios e suportes tradicionais: cartazes, catálogos, convites, conferências e comunicados à imprensa. Só em 2008 a organização do evento resolveu apostar na contratação de uma assessora de imprensa, com a missão de estabelecer os contactos necessários com os meios de comunicação e elaborar e divulgar os comunicados através dos quais se procura a repercussão nos *media* daquelas que constituem as principais novidades do evento. Até aí, essa função era desempenhada pela própria equipa produtora do Festival, mas o crescimento da estrutura organizativa e a diminuição do espaço reservado a temáticas culturais, sobretudo na imprensa, motivaram o recurso a um elemento externo que, neste momento, tem a seu cargo a missão de transmitir para os *media* as informações consideradas relevantes.

Mesmo em questões de marketing do Festival, os métodos utilizados sempre recaíram no estabelecimento de parcerias estratégicas com empresas, instituições e meios de comunicação, como forma de viabilizar uma maior projecção e rentabilidade financeira do projecto. Apresentam-se os casos dos encartes nos jornais Público e Jornal de Notícias com a programação do Festival; as parcerias com empresas do ramo automóvel e que asseguram a frota de veículos do evento (utilizados, por exemplo, para as deslocações ao aeroporto com o objectivo de facilitar o acesso dos convidados internacionais a Vila do Conde); ou as festas nocturnas que o Festival promove em alguns bares da cidade.

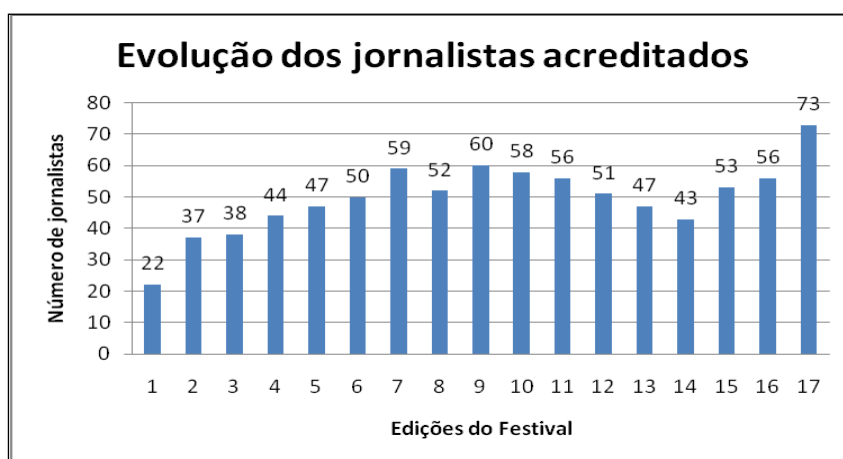
De acordo com Dario Oliveira, o marketing do evento sempre foi trabalhado de forma “arcaica”, devido às limitações orçamentais com que a organização se deparava. Apesar da constatação de que o espaço

³⁶ Respectivamente em www.curtasmetragens.pt e www.curtas.pt

dados à cultura na comunicação social está a ser redimensionado, com tendência para diminuir, o Festival continua a ser alvo de destaque e atenção, sobretudo na sua semana de realização. Em todo o caso, verifica-se, pela análise que apresentamos no capítulo 8, que o número de notícias publicadas sobre o evento não se apresenta constante, o que poderá estar relacionado com a diminuição dos meios humanos que as redacções disponibilizam para essa tarefa.

Através do Quadro 16, constata-se que o número de jornalistas acreditados para a cobertura do Festival apresenta pequenas oscilações, mas, nos dois últimos anos, registou um aumento, fruto da proliferação de meios de comunicação social. Os dados apresentados são apenas indicativos, não sendo possível estabelecer qualquer relação entre o número de jornalistas acreditados e o volume de notícias publicadas, já que os meios que constituem objecto de análise estão limitados a jornais diários nacionais.

Quadro 16 - Evolução do número de jornalistas que acompanha o Festival ao longo dos últimos 17 anos

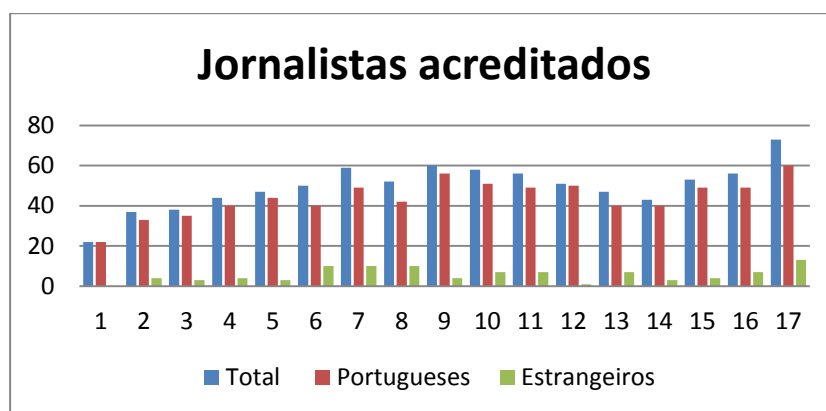


Fonte: FICM/autora

A atenção jornalística dedicada ao Festival é justificada, na opinião de Dario Oliveira, por dois factores fundamentais: pela qualidade do evento e pela novidade que apresenta ano após ano. De facto, o certame tem conseguido mobilizar a cobertura dos *media*, e o número de jornalistas acreditados para acompanhar o evento ao longo dos anos é reflexo disso mesmo. Os números apresentados nos Quadros 16 e 17 incluem todos os jornalistas inscritos, com credencial que lhes garante livre acesso ao FICM (desde repórteres de imagem a redactores de jornais, passando pelos jornalistas de rádios, televisões e revistas). O quadro 17 apresenta o número total de jornalistas inscritos, fazendo-se a separação entre jornalistas de órgãos de informação nacional e internacional, para que se perceba melhor o mediatismo do certame. Sendo um evento de carácter internacional, ao qual acorrem diversos profissionais do sector cinematográfico (desde produtores a actores, passando por representantes e programadores de outros festivais), justifica-se a atenção dos órgãos de comunicação social estrangeiros, mas essa cobertura jornalística poderia ser feita à distância, recorrendo, por exemplo, ao trabalho de agências (nomeadamente, a Lusa). No entanto, excepção feita à primeira edição, o Festival tem vindo a acolher

jornalistas estrangeiros que se deslocam a Vila do Conde, precisamente com o objectivo de acompanhar o evento em permanência e a sua proveniência é bastante diversa (França e Espanha são os países mais representados, sobretudo nos últimos anos).

Quadro 17 – Evolução do número de jornalistas portugueses e estrangeiros acreditados



Fonte: FICM/autora

Mas, apesar de todos os esforços, a comunicação continua a ser o “parente pobre” da estrutura organizativa do Curtas, dado que a verba disponível para este fim “não permite muito mais”, refere Dario Oliveira. Mesmo assim, em termos de edições e material promocional, o Festival realizou em 2009: Catálogo oficial, bilingue, com 240 páginas; CD com catálogo e base de dados online do 14º Mercado da Curta Metragem; duas brochuras promocionais dirigida a profissionais do cinema, em Inglês; jornal de grande tiragem (80.000 exemplares) com a programação, em Português, 12 páginas, para distribuição com o jornal Público a nível nacional e ainda distribuição no Grande Porto e Grande Lisboa; cartaz oficial; flyer de bolso com o geral da programação do festival, em Português (40.000 exemplares); flyers sobre partes específicas da programação (*Take One!*, eventos musicais, exposições, sessões do *Curtinhas*); lonas e outdoors, espalhados pela cidade; merchandising oficial (t-shirts), que promove a imagem do Festival; convites impressos para os momentos-chave (abertura do Festival, abertura das exposições e encerramento), para uma guest-list de 3.000 convidados; press-releases e convites digitais para cerca de 12.000 destinatários; equipa de reportagem fotográfica e vídeo, na cobertura de todo o evento; presença nas redes sociais online de maior relevância (Facebook, Myspace, Twitter, YouTube); distribuição dos materiais promocionais numa rede de espaços culturais, públicos e de maior interesse, por todo o país³⁷.

Tendo em conta todo este “esforço” de divulgação, veremos a seguir qual o seu retorno em termos de visibilidade na imprensa escrita.

³⁷ Dados fornecidos pela organização do Curtas

CURTAS VILA DO CONDE. ECO NA IMPRENSA

Apesar de ter iniciado o seu serviço de assessoria de imprensa apenas em 2008, o FICM sempre mereceu cobertura jornalística por parte dos *media*. Desde logo porque, quando foi criado, constituía, de facto, uma novidade no panorama cinematográfico nacional. Com o objectivo de avaliar o impacto do evento junto da imprensa, e a repercussão dos artigos publicados sobre o mesmo na dinamização cultural da cidade ou do seu reconhecimento como município que aposta na cultura como elemento diferenciador, o presente estudo inclui uma análise quantitativa e qualitativa dos dossiers de imprensa (nacional). Apresenta-se a seguir a análise quantitativa.

A amostra dessa análise é composta por 906 notícias publicadas em cinco diários nacionais de referência (Comércio do Porto, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro e Público) e jornais locais, constantes dos dossiers de imprensa recolhidos pela organização do FICM. Não incluímos o Expresso por razões de incompatibilidade.

No quadro seguinte (18), apresenta-se a evolução do número de notícias publicadas referentes ao Festival durante os anos incluídos no período em análise 1993-2009 (refira-se a extinção do jornal Comércio do Porto em 2005 para justificar a ausência de dados em anos posteriores a essa data). Constata-se que o jornal Público é o que apresenta mais notícias dedicadas ao tema e, no extremo oposto, figura o jornal Primeiro de Janeiro, embora com variações em alguns anos, nomeadamente 2000 e 2005.

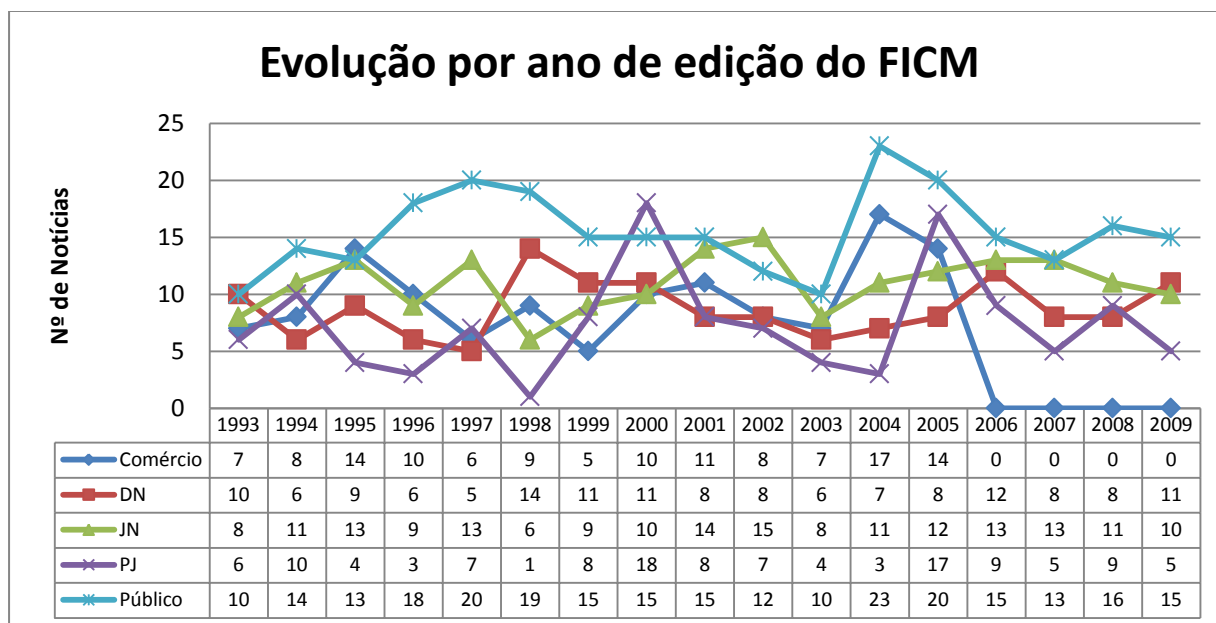
No ano 2003, todos os jornais em análise apresentam um decréscimo do número de notícias publicadas. Dario Oliveira rejeita a hipótese de que esta diminuição esteja relacionada com a programação que o Curtas apresenta, avançando com outras justificações possíveis assentes na experiência da própria organização do evento: primeiro, porque as redacções dos jornais têm cada vez menos recursos humanos, o que impede o destacamento de um jornalista para acompanhar em permanência o certame; segundo, porque o Festival não ocorre num grande centro urbano, sendo “difícil convencer os editores” a fazerem a cobertura; terceiro, porque os editores têm gostos pessoais, o que condiciona a opção de acompanhar ou não determinado evento.

Pela análise do Quadro 19, no qual o número de notícias publicadas é apresentada por grupos de anos, constata-se que 54% do total das notícias foi publicada até 2001, sendo o intervalo 1997 a 2001 aquele que reúne maior percentagem de artigos (31,3%).

Uma tendência que pode justificar-se com a redução do número de jornalistas nas redacções, mas também com a programação apresentada nesse intervalo temporal. As retrospectivas dedicadas a Orson

Welles e Charles Bowers, e os programas «10 anos de curtas metragens em Portugal» e «Geração Curtas», em 2000 e 2001, respectivamente, motivaram superior produção de notícias.

Quadro 18 - Evolução do número de notícias publicadas sobre o Festival nos principais diários nacionais



Fonte: autora

Como veremos adiante, o intervalo 1997/2001 é o que regista maior percentagem de artigos relacionados com os temas Programa do Festival (6,2%) e Realizadores (1,9%).

Quadro 19 – Percentagem das notícias publicadas sobre o Festival, por grupos de anos

Anos	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
1993 a 1996	205	22,6	22,6
1997 a 2001	284	31,3	54,0
2002 a 2006	281	31,0	85,0
2007 a 2009	136	15,0	100,0
Total	906	100,0	

Analisamos aspectos relevantes para determinar a importância que os jornais atribuem ao evento, nomeadamente o tamanho da notícia (Quadro 20), os elementos figurativos que acompanham o texto (Quadro 22) e a secção do jornal (Quadro 33) em que os textos são publicados (neste caso particular, não foi possível determinar para todos os artigos qual a secção em que foram publicados, já que a base de dados que suporta a análise é constituída pelos dossiers de imprensa da própria organização do Curtas, nos quais apenas constam os recortes dos textos publicados).

Assim, e quanto ao tamanho das notícias, constata-se, por ordem de relevância, que 38% ocupa meia página, 25% são textos breves e 17% ocupam uma página. De referir que a soma dos artigos de meia página com os de página inteira totaliza 55%, o que atesta a importância dedicada ao evento, sobretudo se tivermos em consideração o, cada vez mais abreviado, espaço que os jornais dedicam à cultura. Apesar de figurarem com uma percentagem reduzida, os artigos com duas páginas ou mais (o maior artigo que integra a base de dados tem 12 páginas, publicado a 15.06.2003 na Revista Pública) merecem também uma referência. Tratando-se de um evento com uma duração limitada no tempo (recorde-se que o Festival tem uma frequência anual, decorrendo ao longo de nove dias consecutivos), é notável o facto de conseguir motivar artigos com tal dimensão (não se avalia aqui o conteúdo ou relevância dos artigos, mas apenas a sua extensão).

Quadro 20 – Percentagem de artigos agrupados de acordo com o tamanho

Dimensão	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Breve	230	25,4	25,4
1/2 página	344	38,0	63,4
1/4 página	99	10,9	74,3
3/4 página	49	5,4	79,7
Uma página	154	17,0	96,7
Duas páginas	20	2,2	98,9
Mais de 2 páginas	10	1,1	100,0
Total	906	100,0	

Ao longo dos anos agrupados por intervalos temporais, constata-se que o número de artigos com uma página de dimensão tem vindo sempre a decrescer, o mesmo sucedendo com os artigos de $\frac{3}{4}$ de página. Tomamos como referência comparativa os intervalos 1997/2001 (em que se verificou o maior número de artigos publicados) e 2002/2006 (por ser imediato na sequência e porque o intervalo 2007/2009 engloba menos anos). Entre estes dois intervalos, quase todos os artigos classificados por dimensão diminuem. As exceções são os textos que ocupam $\frac{1}{2}$ página (aumentaram 119,1%) e os que ocupam mais de duas páginas (400%). Daqui se conclui que aos textos dedicados ao Curtas os jornais dedicam menos espaço, mas, em contrapartida, o evento tem sido gerador de artigos mais desenvolvidos em matéria de conteúdo. Pelo menos, o suficiente para publicação em mais de duas páginas.

Relativamente aos elementos ilustrativos que acompanham o corpo da notícia, verifica-se que 52,6% dos artigos publicados são ilustrados com uma fotografia, seguindo-se os artigos com duas fotografias

(9,3%). Os artigos sem fotografias (31,7%) acompanham a tendência dos artigos de dimensão breve e ¼ página (ambos totalizam 36,3%).

Quadro 21 – Cruzamento do tamanho das notícias por grupos de anos de publicação

Tamanho da notícia	Anos Agrupados				Total
	1993 a 1996	1997 a 2001	2002 a 2006	2007 a 2009	
Breve	35	72	81	42	230
1/2 página	73	99	118	54	344
1/4 página	23	43	24	9	99
3/4 página	20	13	11	5	49
Uma página	51	47	37	19	154
Duas páginas	3	9	6	2	20
Mais de 2 páginas	0	1	4	5	10
Total	205	284	281	136	906

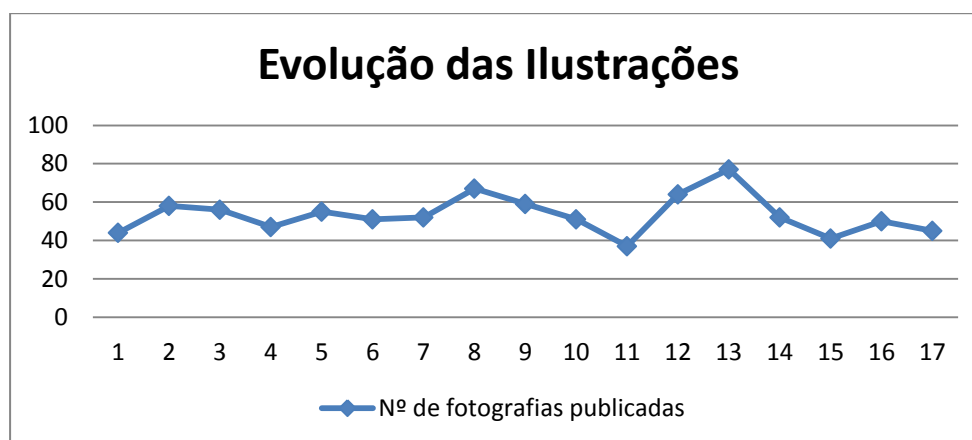
O número de artigos com duas páginas ou mais é igual ao número de artigos ilustrados com quatro fotografias ou mais, o que se justifica plenamente tendo em consideração as linhas gráficas dos jornais em análise. O Quadro 23 apresenta a linha de evolução do número de fotografias publicadas ao longo dos 18 anos de realização do Festival, verificando-se que, a partir da 8ª edição (2000), se acentua uma diminuição que, só quatro anos mais tarde, conhece uma inversão, atingindo o seu máximo aquando da 13ª edição (2005). Nos últimos três anos, a publicação de fotografias ilustrativas dos artigos têm-se mantido sem grandes oscilações, embora seja perceptível uma nova tendência de diminuição. Estes resultados não são surpreendentes, uma vez que acompanham a diminuição do espaço reservado ao texto das notícias.

Quadro 22 – Percentagem dos elementos ilustrativos que acompanham os artigos

Elementos ilustrativos	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Sem fotografia	287	31,7	31,7
Uma fotografia	477	52,6	84,3
Duas fotografias	84	9,3	93,6
Três fotografias	28	3,1	96,7
Quatro ou mais fotografias	30	3,3	100,0
Total	906	100,0	

De um modo geral, as linhas gráficas dos jornais têm vindo a apostar mais na imagem e menos no texto, com artigos de dimensão mais reduzida. Em várias das notícias de dimensão breve que analisámos, verifica-se esta propensão: texto resumido, acompanhado de fotografia.

Quadro 23 – Evolução do número de ilustrações dos artigos ao longo dos 17 anos do FICM



Fonte: autora

Porque o nosso estudo se centra nas relações entre o Festival e a cidade, procuramos a referência explícita a Vila do Conde no título das notícias, com o objectivo de determinar se a localização geográfica do Festival é importante para os jornais em análise. Do total de 906 notícias, apenas 27,5% apresenta a menção a Vila do Conde (como cidade ou referência ao Festival, e no pressuposto de que a referência a Vila do Conde se traduz em impacto positivo para a cidade através do FICM) na frase escolhida para título do artigo (ver Quadro 24). Procedeu-se à agregação dos temas (Quadro 25) que constituem título das notícias (em “VC e instalações”, incluem-se as notícias em cujos títulos figura a referência a Vila do Conde, bem como às instalações físicas onde decorre o evento). Como exemplo esclarecedor dos títulos mais frequentemente utilizados e agrupados em cinco categorias temáticas, cita-se “Vila do Conde vai mexer!” como título na categoria ‘VC e instalações’; “Grande Prémio para ...”, na categoria ‘Premiados e realizadores’; “FICM começa hoje” nos títulos referentes ao ‘Festival’; as notícias relativas a ‘Apoios e extensões’ apresentam títulos como “CEE subsidia festivais” e “Curtas e boas...metragens” é um exemplo para a categoria ‘Metafórico’.

Pela análise destes resultados se conclui que, em 33% dos casos, foi feita referência ao Festival no título das notícias, seguindo-se (22%) a escolha de títulos com carácter metafórico (nestes casos, o título da notícia é associado a uma expressão ou símbolo imaginário, pelo que não existe uma associação directa entre o título e o conteúdo da notícia).

Esta análise permite concluir que os títulos escolhidos procuram relacionar-se com o conteúdo da notícia, sendo dado maior destaque aos assuntos dedicados ao Festival, mas não deixa de ser notória a expressão dos artigos com título Metafórico, já que estes, apesar de construídos com o objectivo de captar a atenção do leitor, não o remetem de imediato para o contexto do Curtas.

Quadro 24 – Percentagem das notícias que incluem a menção a Vila do Conde no título

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
S/ VC	657	72,5	72,5
C/ VC	249	27,5	100,0
Total	906	100,0	

Quadro 25 – Percentagem de notícias publicadas de acordo com os assuntos escolhidos para título

Temas do título	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
VC e instalações	72	7,9	7,9
Premiados e realizadores	203	22,4	30,4
Festival	301	33,2	63,6
Apoios e extensões	31	3,4	67,0
Metafórico	204	22,5	89,5
Outros (inclui sem título)	95	10,5	100,0
Total	906	100,0	

Ou seja, um leitor interessado em acompanhar as notícias relacionadas com este evento em concreto terá, obrigatoriamente, de as procurar nos jornais. Caso contrário, a informação poderá passar despercebida.

Analisando apenas os 847 artigos publicados nos jornais diários nacionais (Quadro 26), verifica-se a seguinte preferência dos editores na escolha dos temas para título da notícia: Comércio do Porto – Festival (5,7%), Diário de Notícias – Premiados e Realizadores (4,6%), Jornal de Notícias – Metafóricos (7,1%), Primeiro de Janeiro – Festival (7,1%), Público – Premiados e realizadores (9%). A leitura deste Quadro permite uma hipótese interessante que poderá estar relacionada com o âmbito de cobertura geográfica dos jornais diários nacionais aqui referidos: Comércio do Porto e Primeiro de Janeiro, sendo jornais com maior implantação no Norte do País, dedicam maior percentagem dos títulos ao tema Festival. Público e Diário de Notícias, pelo seu segmento de mercado mais direccionado para as classes média/alta e pelo seu âmbito mais nacional, chamam a título os Premiados e Realizadores. O Jornal de Notícias é o que segue uma tendência mais híbrida, apostando em títulos de carácter metafórico. No conjunto dos cinco jornais em análise, o tema Festival é aquele que em maior proporção é chamado a título (31%).

O quadro 27 apresenta a percentagem de artigos recolhidos em jornais nacionais (93,5%) e em jornais locais (6,5%), sendo a diferença justificada pela periodicidade entre ambos. (constituem objecto de análise cinco jornais diários nacionais, enquanto que os principais jornais locais analisados – especial destaque para o Jornal de Vila do Conde - têm periodicidade semanal ou bimensal. O Jornal de Vila do Conde assume aqui particular relevância por se tratar do jornal mais lido na região, de acordo com os dados da Marktest para o 1º trimestre de 2010³⁸.)

Do total de 847 artigos publicados na imprensa nacional, importa salientar que apenas 28,5% faz referência a Vila do Conde no título da notícia, sendo o Público (9,9%) e o Diário de Notícias (6,1%) os jornais que o fazem com maior frequência (ver Quadros 26 e 29).

Na leitura destes resultados importa ter em atenção o já referido encerramento do jornal Comércio do Porto em 2005.

Quadro 26 - Percentagem de notícias publicadas de acordo com os assuntos escolhidos para título (jornais nacionais)

Fonte		Assunto do título						Total
		VC e instalações	Premiados e realizadores	Festival	Apoios e extensões	Metafórico	Outros (inclui sem título)	
Comércio do Porto	V.A.	4	25	48	2	36	11	126
	%	0,5	3,0	5,7	0,2	4,3	1,3	14,9
Diário de Notícias	V.A.	14	39	37	9	32	17	148
	%	1,7	4,6	4,4	1,1	3,8	2,0	17,5
Jornal de Notícias	V.A.	16	38	43	7	60	22	186
	%	1,9	4,5	5,1	0,8	7,1	2,6	22,0
Primeiro de Janeiro	V.A.	7	24	60	5	19	9	124
	%	0,8	2,8	7,1	0,6	2,2	1,1	14,6
Público	V.A.	22	76	73	8	53	31	263
	%	2,6	9,0	8,6	0,9	6,3	3,7	31,1
Total	V.A.	63	202	261	31	200	90	847
	%	7,4	23,8	30,8	3,7	23,6	10,6	100,0

³⁸ O Jornal de Vila do Conde viu reforçada a sua posição de “líder de mercado”, após a divulgação dos resultados do Bareme da Imprensa Regional, nos quais aparece no topo da tabela, sendo o jornal mais lido do distrito do Porto, posição que reparte com A Voz da Póvoa. Estes são os resultados de uma sondagem efectuada pelas empresas Marktest e Meio Regional. A sondagem teve como base indivíduos com 15 anos e mais, residentes no distrito do Porto, num total de 1 milhão e 467 mil inquéritos.

Quadro 27 – Percentagem de artigos recolhidos em jornais nacionais versus jornais locais

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Locais	59	6,5	6,5
Nacionais	847	93,5	100,0
Total	906	100,0	

Quadro 28 – Percentagem dos artigos publicados em jornais nacionais que incluem menção a Vila do Conde no título

		Vila do Conde no título		Total
		Não	Sim	
Jornais	V.A.	606	241	847
Nacionais	%	71,5	28,5	100,0
Total	V.A.	606	241	847
	%	71,5	28,5	100,0

Quadro 29 – Percentagem dos artigos publicados em cada jornal nacional que incluem menção a Vila do Conde no título

			Vila do Conde no título		Total
			Não	Sim	
Fonte	Comércio do Porto	V.A.	97	29	126
		%	11,5	3,4	14,9
	Diário de Notícias	V.A.	96	52	148
		%	11,3	6,1	17,5
	Jornal de Notícias	V.A.	139	47	186
		%	16,4	5,5	22,0
	Primeiro de Janeiro	V.A.	95	29	124
		%	11,2	3,4	14,6
	Público	V.A.	179	84	263
		%	21,1	9,9	31,1
Total		V.A.	606	241	847
		%	71,5	28,5	100,0

Quanto ao estilo de notícia (Quadro 30), a reportagem assume particular destaque, representando quase metade dos artigos publicados (49%). Esta situação acaba por ser consistente com o teor da notícia, já que dessa análise se conclui que o “Programa do Festival” e a “Análise de filmes exibidos” são os

principais temas, representando 20,2% e 17,4%, respectivamente, do total de artigos publicados. As notícias classificadas como “Informação” limitam-se a apresentar dados relativos ao Festival, onde se inclui por exemplo a constituição do Júri, sem qualquer citação de entrevista ou reportagem. A leitura destas notícias nos diferentes jornais onde foram publicadas revela uma uniformidade de discurso, sendo possível concluir que, provavelmente, resultam da informação veiculada pela própria organização do Festival, baseando-se nos comunicados enviados à imprensa. O número de artigos de opinião dedicados ao evento não tem grande expressão, quando comparado com os restantes estilos (excepção feita à entrevista), mas, como veremos no capítulo 9, a sua análise de conteúdo é importante para determinar as afirmações dos críticos de cinema a propósito do Festival.

Quando comparadas apenas as fontes nacionais com o género de notícia (Quadro 31), verifica-se a mesma tendência de apresentar textos em estilo “Reportagem” (49,4%). Em todos os jornais este é o formato mais utilizado ao longo dos anos em estudo, sendo o Público aquele que mais artigos publicou (13,6%).

Quadro 30 – Percentagem de artigos publicados de acordo com o estilo dos mesmos

Género	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Agenda	90	9,9	9,9
Entrevista	27	3,0	12,9
Informação	326	36,0	48,9
Opinião	19	2,1	51,0
Reportagem	444	49,0	100,0
Total	906	100,0	

Também o estilo “Informação” segue a orientação já verificada no quadro anterior, sendo o segundo formato mais utilizado (34,7%). Público e Jornal de Notícias estão aqui muito próximos com 8,6% e 8,3%, respectivamente.

Agrupados por tema em destaque, os artigos foram classificados em 18 categorias distintas. Fez-se a distinção entre Entrevista A – inclui entrevistas a realizadores, elementos do Júri, actores e outros convidados especiais, e Entrevista B – nas quais os protagonistas são elementos pertencentes à organização do evento. Esta separação é importante para se verificar o peso comparativo entre ambos. Embora o formato/estilo entrevista não seja relevante no total de artigos analisados, conforme se constatou no quadro anterior, verifica-se que as entrevistas a elementos da organização são muito escassas (apenas 6 entrevistas, o que representa 0,6% do total de artigos analisados).

No entanto, não pode daqui inferir-se que os jornais ignoram a organização ou não lhes reservam espaço nas suas publicações, já que, nos artigos dedicados, por exemplo, à apresentação do Festival ou aos apoios que este recebe, os diferentes elementos que integram a direcção do Curtas são, regra geral, os protagonistas do corpo da notícia. (esta situação justifica-se pelo facto de existir uma conferência de imprensa de apresentação prévia do evento).

Na maior parte dos casos, os jornalistas limitam-se a publicar artigos relacionados com a programação do Curtas. Há, de resto, uma linha sequencial que pode ser estabelecida pelos temas de notícias mais frequentes, seguindo os momentos mais importantes do evento e as respectivas notas à imprensa: apresentação do festival (11,1%), programa do festival (20,2%), análise de filmes (17,4%), agenda (9,2%), premiados (9,6%) e balanço final (4%).

A discrepância verificada entre os artigos de opinião elencados no Quadro 32 “Tema da Notícia” e no Quadro 31 “Género de Notícia” justifica-se pelo teor do artigo em questão.

Quadro 31 – Percentagem de artigos publicados apenas em jornais nacionais, por estilo

			Género de notícia					Total
			Agenda	Entrevista	Informação	Opinião	Reportagem	
Fonte	Comércio	V.A.	8	3	39	0	76	126
	do Porto	%	,9	,4	4,6	,0	9,0	14,9
	Diário de	V.A.	7	1	51	5	84	148
	Notícias	%	,8	,1	6,0	,6	9,9	17,5
	Jornal de	V.A.	12	9	70	1	94	186
	Notícias	%	1,4	1,1	8,3	,1	11,1	22,0
	Primeiro	V.A.	7	4	61	3	49	124
	de Janeiro	%	,8	,5	7,2	,4	5,8	14,6
	Público	V.A.	56	9	73	10	115	263
		%	6,6	1,1	8,6	1,2	13,6	31,1
Total		V.A.	90	26	294	19	418	847
		%	10,6	3,1	34,7	2,2	49,4	100,0

Cita-se a título de exemplo o caso do artigo publicado no Diário de Notícias, em 07.07.2009, assinado por João Lopes e que, em concreto, se refere à inauguração do Teatro Municipal de Vila do Conde. Sendo um artigo de opinião, interessa distinguir os casos em que as “Instalações físicas” onde decorreu/decorre o Festival são mencionadas, uma vez que este assunto foi transversal a praticamente todas as edições do evento (excepção feita aos primeiros anos de realização). Mesmo assim, os temas “Cultura em Vila do Conde” e “Instalações físicas” não ocupam mais do que 2,4% da totalidade de artigos analisados. Por se tratar de um tema com particular interesse para o presente estudo, alguns destes artigos foram seleccionados para análise de conteúdo (ver capítulo 9).

Não foi possível determinar a secção em que foram publicados 374 dos 906 artigos. Assim, apenas servem de referência os restantes 532. Considerando que as secções dos jornais não são estanques nem uniformes, ao que acresce a sua constante diversidade de denominação num mesmo jornal (note-se que o período de referência para análise dos artigos se situa entre os anos 1993-2009), as secções identificadas foram associadas a cinco grandes grupos temáticos, destacando-se uma clara tendência (62%) para a inclusão dos artigos sobre o Curtas na rubrica “Cultura e Espectáculos”. Embora com menor expressão quando comparada com a anterior, também a rubrica “Artes” figura no topo das preferências editoriais dos jornais (19,7%). A soma das rubricas “Suplementos”, “Local” e “Actualidade” totaliza 18,3%, valor inferior ao número de artigos que integram a secção “Artes”. Da análise do Quadro 32, importa reter os dados relativos aos temas “Cultura em Vila do Conde” e “Instalações físicas”.

Quadro 32 – Distribuição dos artigos sobre o Festival por categorias temáticas

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Abertura	45	5,0	5,0
Agenda	83	9,2	14,1
Análise de Filmes	158	17,4	31,6
Apoios	8	,9	32,5
Apresentação	101	11,1	43,6
Balanço	36	4,0	47,6
Cultura em VC	3	,3	47,9
Curtas genérico	30	3,3	51,2
Entrevista A	19	2,1	53,3
Entrevista B	6	,7	54,0
Extensões	36	4,0	57,9
Iniciativas paralelas	26	2,9	60,8
Inscrições	18	2,0	62,8
Instalações físicas	19	2,1	64,9
Opinião	12	1,3	66,2
Premiados	87	9,6	75,8
Programa	183	20,2	96,0
Realizadores	36	4,0	100,0
Total	906	100,0	

Quadro 33 – Distribuição dos artigos sobre o Festival de acordo com a secção do jornal

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
Cultura e Espectáculos	330	62,0	62,0
Artes	105	19,7	81,8
Suplementos	57	10,7	92,5
Local	28	5,3	97,7
Actualidade	12	2,3	100,0
Total	532	100,0	

Apresentando-se o total de notícias, agrupadas em intervalos temporais, cruzadas com os seus respectivos temas (Quadro 34), verifica-se que o tema “Cultura em Vila do Conde” apenas foi abordado nos últimos anos (intervalo 2007 a 2009).

Quadro 34 - Total de notícias, agrupadas em intervalos temporais, cruzadas com os respectivos temas

Tema da notícia	Anos Agrupados				Total
	1993 a 1996	1997 a 2001	2002 a 2006	2007 a 2009	
Abertura	V.A. 11 % 1,2	14 1,5	13 1,4	7 .8	45 5,0
Agenda	V.A. 21 % 2,3	22 2,4	21 2,3	19 2,1	83 9,2
Análise de Filmes	V.A. 30 % 3,3	38 4,2	63 7,0	27 3,0	158 17,4
Apoios	V.A. 4 % 4		4 4		8 .9
Apres. do Festival	V.A. 23 % 2,5	42 4,6	25 2,8	11 1,2	101 11,1
Balanço do Festival	V.A. 9 % 1,0	9 1,0	9 1,0	9 1,0	36 4,0
Cultura em VC	V.A. %			3 .3	3 .3
Curtas genérico	V.A. 5 % .6	16 1,8	9 1,0		30 3,3
Entrevista A	V.A. 13 % 1,4	4 .4	1 .1	1 .1	19 2,1
Entrevista B	V.A. %	4 .4	1 .1	1 .1	6 .7
Extensões	V.A. 6 % .7	15 1,7	13 1,4	2 .2	36 4,0
Iniciativas paralelas	V.A. 3 % .3	9 1,0	9 1,0	4 .4	25 2,8
Inscrições	V.A. %	1 .1	13 1,4	4 .4	18 2,0
Instalações físicas	V.A. 1 % .1	8 .9	4 .4	6 .7	19 2,1
Opinião	V.A. 2 % .2	2 .2	8 .9	1 .1	13 1,4
Premiados	V.A. 21 % 2,3	27 3,0	27 3,0	12 1,3	87 9,6
Programa do Festival	V.A. 49 % 5,4	56 6,2	50 5,5	28 3,1	183 20,2
Realizadores	V.A. 7 % .8	17 1,9	11 1,2	1 .1	36 4,0
Total	V.A. 205 % 22,6	284 31,3	281 31,0	136 15,0	906 100,0

Esta situação significa que o movimento cultural da cidade pouco ou nada foi tido em conta na abordagem jornalística do evento, daqui se podendo concluir que, do ponto de vista da comunicação social, a sua realização tanto poderia ocorrer em Vila do Conde como noutra parte do país.

A análise dos temas abordados nas notícias permite afirmar que o foco jornalístico está centrado no Festival e nas actividades que dinamiza, relevando para segundo plano a sua ligação à cidade onde decorre (recorde-se que apenas 28,5% dos jornais nacionais faz referência a “Vila do Conde” no título). A excepção acontece com os artigos publicados sobre “Instalações Físicas”. No primeiro intervalo temporal, este tema não tem expressão, mas nos seguintes é perceptível um aumento do número de notícias relacionadas com as limitações de espaço do Auditório Municipal para acolher um evento que, rapidamente, ganhou expressão e atraiu o público. Uma vez constatada essa limitação, organização e autarquia apontaram o Cine-Teatro Neiva (agora Teatro Municipal) como futuro local de acolhimento do Festival, mas a sua recuperação foi sendo sucessivamente adiada, até à inauguração oficial que ocorreu apenas em 2009. Esta situação motivou, ao longo dos anos, alguns artigos jornalísticos dedicados ao assunto (2,1% do total de artigos em análise), ainda que o tema não tenha particular relevância quando comparado com os restantes (dedicados ao Festival propriamente dito).

Dado que a evolução do número de artigos publicados não se apresenta constante, coloca-se a possibilidade desse facto estar relacionado com o tema escolhido para os programas paralelos às sessões competitivas do Festival de Curtas Metragens e com as limitações do número de páginas dedicadas à cultura e a eventos culturais nos vários jornais diários em análise. O Quadro 35 apresenta os principais temas de cada edição, o número de público registado, bem como as notícias publicadas no ano a que se referem e a percentagem que representa o seu total em relação ao ano de fundação do Festival (1993 é o ano de referência, pelo que: 41 notícias = 100%).

A leitura do Quadro 35 permite concluir que em quase todos os anos, após a criação do Festival, houve um aumento do número de notícias publicadas comparativamente com o ano 1993, que aqui serve de referência (1993 = 100%). A excepção ocorre nos anos 2003 e 2007. (para opinião de Dario Oliveira sobre o assunto, ver página 51)

Em todo o caso, e conforme já referido, verifica-se uma oscilação ao longo dos anos no número de notícias publicadas. Por se situarem nos dois extremos da tabela comparativa (ver Quadro 18), os jornais Público (maior número de notícias publicadas) e Primeiro de Janeiro (menor número de notícias publicadas) constituem objecto de análise mais pormenorizada, tendo sido recolhidas as opiniões dos seus editores de cultura.

Sérgio C. Andrade, do Público, aponta os seguintes argumentos para justificar o destaque dado ao certame: “Por ser um festival originário de uma cidade de província e o jornal tinha a preocupação de ser a expressão do que acontecia no País, independentemente do local onde nascia.

Quadro 35 –Listagem dos principais temas, número de público e total de artigos publicados, por cada edição do Festival

Ano	Temas principais	Público	Total de Notícias	% Notícias 1993=100%
1993	Retrospectivas Hal Hartley e Jane Campion, Retrospectiva de curtas-metragens portuguesas recentes, Homenagens a Manoel de Oliveira, Jean Rouch e Jacques Tati	7500	41	100%
1994	Cinema de Abril, Pequenos Filmes de Grandes Cineastas, Retrospectivas de Artavzd Pelechian, Wim Wenders e Martin Scorsece	9786	49	119%
1995	“100 Anos de Curtas-Metragens” (Seleções pessoais feitas por Manoel de Oliveira, Gus Van Sant, Jon Jost, Abbas Kiarostami e Mikhail Khobakhidzé)	12000	53	129%
1996	“100 Anos de Cinema em Portugal”, Retrospectivas de Mathias Muller, Peter Greenaway, Chris Marker e Raridades da Cinemateca Portuguesa	14264	46	112%
1997	“Música e Curtas Metragens”, Retrospectivas de Kenneth Anger e Carl Stalling	17950	51	124%
1998	Retrospectiva Saul e Elaine Bass e Programa Especial “Sob o Trópico de Câncer”	15588	49	129%
1999	Programa Especial “Sexo e Transgressões” e Retrospectiva Alexander Sokurov	18234	48	117%
2000	Retrospectiva e Homenagem Sergei Dvortsevoy e Orson Welles, Programa Especial: “O Nosso Século”, Debate: 10 anos de curtas metragens em Portugal	14050	64	156%
2001	Cinema Cínico, Dolce Cinema, Charles Bowers e Geração Curtas: 14 curtas metragens	14800	56	136%
2002	Retrospectiva Roy Andersson e Dominique Gonzalez-Foerster, Programa Especial “Work in Progress” e Programa de comemoração dos 10 anos do Festival	19100	50	121%
2003	Restrospectivas de Eija-Liisa Ahtila, Mike Hoolboom Charles & Ray Eames	17400	35	85%
2004	Retrospectiva Luc Moullet e Programa Especial Electric Guitar	18398	61	148%
2005	Programa Especial Made in Japan	13387	71	173%
2006	Retrospectivas Hou Hsiao-Hsien e Apichatpong Weerasethakul	17195	49	119%
2007	Retrospectivas David Lynch, Anna Sanders Films e Peter Whitehead, Programa de 11 curtas dedicadas ao universo Hitchcock	15306	39	95%
2008	Retrospectivas de Yu Lik-wai e Matin Arnold, Programa especial Title Design	15354	44	107%
2009	Exposições “Salla Tykka”, “No cinema”, “Wish we could tell”; Programa Especial “Back to the future”	18346	41	100%

Fonte: FICM/autora

Depois, porque sendo organizado por uma equipa do Cineclube de Vila do Conde, o festival era uma experiência muito curiosa e inovadora de actualização e renovação da actividade cineclubista”. Acrescenta ainda o interesse do programa proposto, onde se apresentavam filmes desconhecidos de grandes realizadores.

No caso do Primeiro de Janeiro, Filinto Melo explica que a cobertura jornalística do Festival era “a possível para um jornal com poucos meios como o PJ e sem um crítico de cinema ou um especialista no assunto”. Mas quando comparado com outros eventos culturais, o Festival de Vila do Conde não merecia tratamento especial por parte do PJ, sendo equiparado aos festivais Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira ou ao Cinanima. Recebia menos destaque do que os festivais de teatro do Porto (FITEI, PoNTI e Fazer a Festa) e do que o Fantasporto, “por questões logísticas e por este [Fantasporto] ser um maior gerador de notícias” justifica. E menos destaque também do que festivais de música e, por

exemplo, que o Correntes de Escritas, porque “a opção editorial do jornal (e sobretudo dos seus dois suplementos na área da cultura) era orientada para a música e a literatura”³⁹.

Por parte do Público, o acompanhamento jornalístico do evento justificava que o mesmo fosse feito com jornalistas e colaboradores do jornal que fazem crítica especializada de cinema: Vasco Câmara, Luís Miguel Oliveira, Mário Jorge Torres. O Festival tem sido seguido de perto todos os anos, porque tem conseguido “renovar-se e acompanhar as novas tendências do cinema e do audiovisual, numa ligação muito estreita, por exemplo com as artes plásticas e artes visuais”, diz Sérgio C. Andrade, acrescentando que a cobertura diária do evento era uma constante, sobretudo, nas primeiras edições. Actualmente essa tendência parece inverter-se: “Hoje, isso seria impensável, sobretudo pelas condições em que se faz jornalismo neste momento”, sustenta.

O destacamento de um jornalista da secção de Cultura para acompanhar em permanência o Festival nunca foi hábito no Primeiro de Janeiro, sobretudo porque o jornal tinha correspondente em Vila do Conde, a quem competia fazer a cobertura do evento. Outra das razões invocadas está relacionada com o número de jornalistas disponíveis na redacção: “Não havia jornalistas com especialidade e conhecimentos na área de cinema e eram apenas quatro (mais o editor) na produção de trabalhos para uma secção diária do jornal e dois suplementos”, explica Filinto Melo.

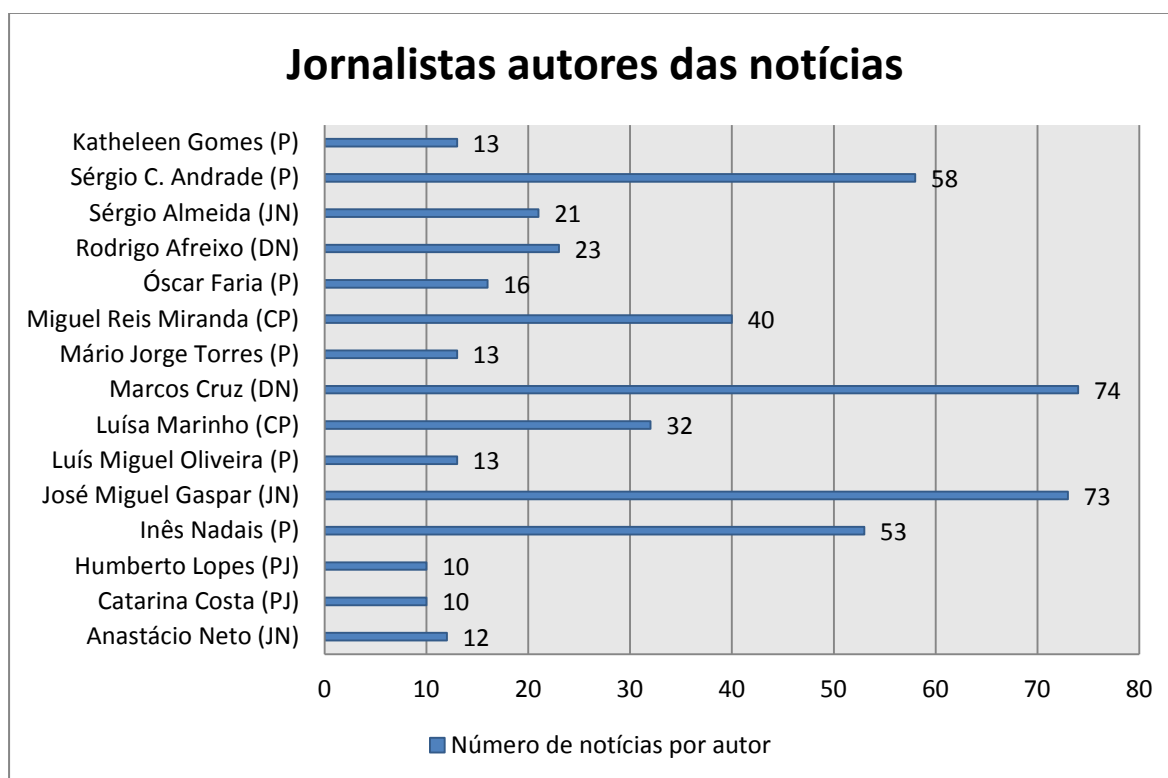
Com o objectivo de verificar se existe ou não a tendência por parte dos editores para destacarem jornalistas para acompanhar em permanência o Festival, fizemos a separação entre artigos não assinados e assinados, e destes, foram seleccionados apenas aqueles que reúnem maior número de notícias. Para figurar no quadro seguinte (36) foram seleccionados todos os jornalistas com mais de 10 artigos assinados, representando 51% do total de artigos e 75,5% dos artigos assinados. Excluindo os artigos sem assinatura (24%) e todos os autores com menos de 10 notícias assinadas (16%), verifica-se a existência de um grupo de jornalistas que acompanhou o festival com carácter regular ao longo dos anos.

De resto, todos os cinco jornais analisados figuram no Quadro 36, confirmando-se que se trata de uma tendência transversal a todas estas publicações, destacando-se, claramente, os casos do Público, Diário de Notícias e Jornal de Notícias. Esta tendência de destacamento de jornalistas para acompanharem *in loco* o decorrer do Festival, é ainda mais notória quando se analisa o estilo de notícia que cada um assina. Do total de 461 artigos assinados por este grupo de jornalistas, 67% correspondem a reportagem (ver Quadro 37), cuja classificação implica que o jornalista tenha estado presente no Festival, relatando no seu texto o que lá ocorreu. Excepção feita a Mário Jorge Torres e José Miguel Gaspar, nenhum dos

³⁹ Teria todo o interesse que pudéssemos dispor deste tipo de análise comparativa para os principais jornais. Porém, a economia de investigação não o permitiu.

outros jornalistas aqui listados assina artigos de opinião, percebendo-se claramente que essa tarefa não lhes estava destinada pelos editores.

Quadro 36 – Listagem dos jornalistas com mais de 10 artigos assinados nos jornais nacionais



Fonte: autora

Quadro 37 – Cruzamento dos jornalistas com mais de 10 artigos assinados com o estilo de notícia

Autores	Agenda	Entrevista	Informação	Opinião	Reportagem	Total
Anastácio Neto (JN)	3	0	0	0	9	12
Catarina Costa (PJ)	0	2	1	0	7	10
Humberto Lopes (PJ)	4	0	1	0	5	10
Inês Nadais (P)	3	0	12	0	38	53
José Miguel Gaspar (JN)	3	5	17	1	47	73
Luís Miguel Oliveira (P)	1	1	3	0	8	13
Luísa Marinho (CP)	1	0	4	0	27	32
Marcos Cruz (DN)	0	0	14	0	60	74
Mário Jorge Torres (P)	0	0	0	1	12	13
Miguel Reis Miranda (CP)	0	3	9	0	28	40
Óscar Faria (P)	0	4	2	0	10	16
Rodrigo Afreixo (DN)	0	1	6	0	16	23
Sérgio Almeida (JN)	0	0	6	0	15	21
Sérgio C. Andrade (P)	16	3	20	0	19	58
Katheleen Gomes (P)	0	0	2	0	11	13
Total	31	19	97	2	312	461

Fonte: autora

Ambos os editores, aqui referidos, defendem a especialização dos jornalistas, em áreas temáticas que possam acompanhar com regularidade, embora refiram que a comunicação social em geral tem vindo a reduzir o espaço concedido à cultura. Filinto Melo considera que a especialização não pode impedir o jornalista de relacionar o assunto em destaque com o “índice médio de cultura do leitor”, sob pena de não conseguir estabelecer comunicação. Aponta como vantagens desta especialização “conhecer muito bem um determinado assunto; conhecer as pessoas que podem ajudar a compor a informação e fazer com que ela chegue às mãos dos jornalistas” e como desvantagens “não conseguir descer dos seus conhecimentos a ponto de atingir o leitor; e conhecer em demasia o meio em que se integra, criando relações com as fontes que lhe podem condicionar o trabalho”.

Sérgio C. Andrade é peremptório ao afirmar que um festival de cinema, por exemplo, “tem de ser acompanhado por críticos de cinema”, mas não deve limitar-se a esse tipo de cobertura, já que há um acompanhamento jornalístico do evento que vai muito para além da apresentação dos filmes. Iniciativas paralelas ou entrevistas com realizadores são situações que dispensam críticos de cinema e que podem ser acompanhadas por jornalistas, embora, defende, “seja recomendável que os jornalistas envolvidos percebam sobre o que estão a falar”.

Da análise quantitativa aos artigos publicados sobre o Curtas ressaltam algumas conclusões importantes, destacando-se, em primeiro lugar, o facto de a menção a “Vila do Conde” no título – o que é importante não só para a divulgação do Festival, mas também da própria cidade onde decorre o evento – apenas figurar em 27,5% do total de artigos analisados. Por outro lado, percebe-se que o volume de notícias (o mesmo se aplicando à sua dimensão e elementos ilustrativos) que o certame gera não se apresenta constante ao longo dos anos, existindo anos em que o decréscimo é mais notório (2003 e 2007). Das opiniões recolhidas a esse propósito, é consensual que essa oscilação não está directamente relacionada com a programação do Festival, mas antes com o novo paradigma do jornalismo que segue uma tendência de diminuição do número de jornalistas afectos às redacções e redução do espaço dedicado à cultura nos jornais, o que gera, como consequência óbvia, menor disponibilidade para acompanhar o evento.

CURTAS VILA DO CONDE NA IMPRENSA. UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Conforme verificado no capítulo anterior, a soma dos temas abordados nas notícias com maior frequência totaliza 58,3%, sendo referentes (por ordem de frequência) à análise de filmes exibidos, ao programa do festival, à apresentação do mesmo e aos premiados. Perante esta constatação, foram seleccionadas 36 notícias para análise de conteúdo, nas quais se incluem as primeiras notícias publicadas nos jornais nacionais que constituem a base deste estudo e no Jornal de Vila do Conde, conforme supracitado, considerado o jornal de referência no Concelho.

Para integrar este conjunto de 36 notícias foram seleccionados artigos de opinião e notícias que abordam a prática cultural em Vila do Conde e as limitações físicas do Auditório Municipal para acolher um evento com as características do FICM. O objectivo desta análise qualitativa (ver Anexo 5) é, por um lado, verificar como é descrito o Festival e, por outro, perceber de que forma os jornalistas e críticos de várias especialidades relacionam o evento com a cidade onde o mesmo se realiza. Embora não muito significativa em termos de dimensão (porque, como vimos a maioria dos artigos não se refere a estes temas), esperamos, através desta amostra, obter algumas conclusões que possam ser úteis para o nosso objectivo geral, centrado na questão da política cultural de Vila do Conde e no contributo do Curtas para o seu impulso.

Analisando as primeiras notícias dedicadas ao evento, salienta-se a publicada pelo Jornal de Vila do Conde, que reproduzimos (Figura 1). O Festival é noticiado na última página e, embora o teor do texto seja muito incipiente no que respeita a dados concretos sobre a primeira edição, há duas afirmações que merecem particular atenção, pela afirmação da qualidade do evento: o Festival é apresentado como “um êxito antecipadamente assegurado” e “tema de conversa obrigatória nos meios nacionais ligados à cultura e, claro, ao cinema”.

O artigo não é assinado (situação frequente no Jornal de Vila do Conde) e o facto de ser incluído na última página significa que mereceu, desde logo, destaque neste semanário local (a notícia é breve, mas é ilustrada com o cartaz alusivo à primeira edição do Festival). Aliás, faz uma apologia do sucesso antecipado do evento, deixando antever que o autor e/ou editor da notícia era conhecedor do trabalho realizado pela equipa directiva do Cineclub de Vila do Conde, o que, à partida, assegurava o crédito atribuído a esta nova iniciativa.

Figura 1 – Recorte da primeira notícia dedicada ao FICM publicada no Jornal de Vila do Conde

JUNHO: VILA DO CONDE VAI "MEXER"

Logo a seguir à Festa do Corpo de Deus, que trará à nossa terra milhares de pessoas para verem as ruas do velho burgo espectacularmente cobertas por quilómetros de tapetes de flores, e antes do S. João, festas que têm indiscutível lugar no coração dos vilacondenses, vai ter lugar, de 16 a 20 de Junho, o 1.º Festival Internacional de Curtas-Metragens.


Esta iniciativa do nosso Cineclub é já um êxito antecipadamente assegurado, a que o apadrinhamento de Manoel de Oliveira e Jean Rouch empresta a devida honra.

A presença de nomes sonoros da cinematografia mundial, as retrospectivas asseguradas e as manifestações paralelas e o certame propriamente dito, são já tema de conversa obrigatória nos meios nacionais ligados à cultura e, claro, ao cinema.

Aguardamos a apresentação à imprensa deste verdadeiramente importante acontecimento para então poder dar aos nossos leitores mais pormenores. Mas, entretanto, sabemos que o troféu do Grande Prémio "Cidade de Vila do Conde" será uma escultura de José Rodrigues, e os prémios para o melhor documentário e melhor ficção, um belo bronze, bem vilacondense, da autoria de Manuel Sousa Pereira.

Também é já conhecida a constituição do prestigiadíssimo júri deste Festival — Vejamos:

- *Timoty Burrell*, produtor inglês dos filmes *Superman*, *Momentos de Glória*, *O Amante* e *Lua de Mel*, *Lua de Fel*;
- *Adrianna Shelly*, actriz norte-americana, protagonista, entre outros de *Uma Questão de Confiança* e *A Incrível Verdade*, filme cuja primeira exibição em Portugal ocorrerá durante o Festival;
- *Gilles Colparte*, crítico de cinema das revistas *Le Monde du Cinema* e *Breff*, é o responsável da área de curtas-metragens do Festival de Cannes;
- *Michael Schmid*, director do Festival de Cinema de Augsburg/Alemanha;
- e *Ana Luísa Guimarães*, a realizadora do filme *Núvem*, um dos maiores sucessos do cinema português.



Fonte: Dossier de imprensa do FICM

Excepção feita ao Jornal de Notícias, que publicou a primeira notícia sobre o FICM em Maio de 1993, todas as restantes são anteriores, verificando-se que Público e Diário de Notícias deram o primeiro destaque ao evento em Outubro de 1992, ou seja, com cerca de nove meses de antecedência (Comércio do Porto e Primeiro de Janeiro publicaram essas notícias em Março 1993). Todos os artigos se referem ao Festival como algo inédito e pioneiro no panorama cinematográfico nacional, depositando elevadas expectativas na realização do mesmo, por se tratar de um certame exclusivamente dedicado às curtas metragens, formato pouco divulgado no país. Apenas Diário de Notícias e Comércio do Porto apresentam citações, incluídas nestes artigos, de elementos ligados ao Cineclub de Vila do Conde (Dario Oliveira e Miguel Dias). Os outros abordam sobretudo a génese do evento, e também a questão relacionada com os apoios necessários para corporizar o Festival.

Tratando-se de um evento que ainda não acontecera – sendo, portanto, difícil avaliar o seu impacto – salienta-se o espaço que estas primeiras notícias ocupam: Comércio do Porto e Diário de Notícias (uma página), Primeiro de Janeiro (meia página). Público e Jornal de Notícias não lhe reservam mais do que um quarto de página e uma notícia breve, respectivamente.

No capítulo 5 fizemos referência ao artigo do colunista e reputado crítico de cinema Augusto M. Seabra, publicado a 16 de Junho de 1993 no jornal Público (reproduzimo-lo no Anexo 6), por se tratar

de um texto de opinião que a organização do FICM ainda hoje valoriza, considerando-o o “diploma” que atesta a qualidade do evento.

Apresentam-se, a seguir, alguns excertos retirados desse artigo e que sustentam o discurso da equipa directiva do certame, começando, precisamente, pelo carácter inovador do FICM ao apostar no género da curta-metragem: “Nos grandes festivais de cinema, as curtas-metragens são sempre o parente pobre. Tão pobre que, mesmo os que depois têm opinião, as não vêem, tão pobre que, num recente festival de Berlim, um júri decidiu, taxativa e justificadamente, nem sequer atribuir prémio (...)”. É tendo como referência este exemplo que Augusto M. Seabra considera que “o festival de Vila do Conde, pelo espaço que vem preencher e pela notável programação, é já uma das mais importantes propostas no panorama cinematográfico português”. No entanto, alerta para o perigo da falta de divulgação ou de atenção por parte dos meios de comunicação, nomeadamente no que à crítica especializada do cinema diz respeito. “Este festival de Vila do Conde pode ser um grande acontecimento de cinema, que corre o risco de não ser suficientemente notado. Se os críticos de cinema não repararem, a culpa não é do cinema nem das curtas-metragens, mas das vistas curtas”⁴⁰, escreve.

Publicado alguns anos mais tarde (13.08.1998), o artigo de opinião de Augusto Santos Silva (professor universitário), no jornal Público (meia página, sem foto), aborda a disseminação da cultura pelo território nacional e inclui nas suas referências o Festival de Vila do Conde. Não se tratando de um artigo jornalístico, o texto tem um enquadramento mais direccionado para as políticas culturais, começando por referir que “(...) tem crescido a qualidade média dos acontecimentos culturais de Verão promovidos fora das duas cidades de Lisboa e Porto”. Uma situação decorrente da “acção das câmaras municipais [que] tem sido determinante, materializando-se umas vezes na própria organização, noutras vezes no apoio aos produtores de festivais e feiras”. É neste contexto que o Festival de Vila do Conde é apontado como “bom exemplo” de outros eventos que conseguiram criar “um nicho” e “uma singularidade que enriqueceu a diversidade da oferta disponível”.

Não sendo uma apologia da regionalização, como o próprio faz questão de notar no artigo, Augusto Santos Silva introduz dois temas que nos interessam particularmente: o papel das autarquias na dinamização cultural e a oferta crescente de eventos que foi despoletando fora dos circuitos tradicionais e das grandes cidades de Lisboa e Porto. Paralelamente, aborda a questão dos públicos e da diversidade de “produtos” culturais a que os mesmos passam a ter acesso, graças à proliferação desses eventos. O facto de um académico mencionar o FICM neste artigo é revelador do impacto que o mesmo já havia granjeado em 1998, apenas com seis edições decorridas.

Voltando ao “rescaldo” da primeira edição, o artigo de opinião do jornalista Humberto Lopes (publicado a 19.06.1993 no Primeiro de Janeiro), ocupando uma página, e sem qualquer citação,

⁴⁰ Analogia com uma situação ocorrida no Festival de Cannes e relatada na abertura do artigo.

intitula-se “Nasceu um Festival”⁴¹. Também aqui se fazem elogios à forma como decorreu o certame nessa sua primeira edição, destacando-se a afirmação: (...) “no medonho deserto cultural que assola o país real, o FICMVC apresenta-se com uma bem definida identidade e com um projecto a desenvolver”. Idênticas afirmações encontram-se no Jornal de Notícias (José Miguel Gaspar, 18.06.1993): “Pelo que já se viu [do FICM], muito se pode esperar e isto para dizer o mínimo”, “Vale a pena a deslocação a Vila do Conde, onde poderão ser vistas coisas que nunca passarão à frente dos olhos do grande público das salas de cinema”. Ainda no que concerne à primeira edição do Festival, refira-se que o Jornal de Vila do Conde atribui-lhe honras de primeira página (situação que desde então se verificou constante) e apresenta um texto baseado em citações retiradas de artigos publicados na imprensa nacional para enaltecer as qualidades do certame.

Esta propensão elogiosa e reforçadora de uma imagem de sucesso do Festival prossegue nos anos posteriores. Dois artigos relativos à segunda edição do FICM atestam esta tendência, baseando-se em dois conceitos-chave: credibilidade e consagração. No Comércio do Porto (20.06.1994), Miguel Reis Miranda assina um artigo intitulado “Batalha da credibilidade foi ganha” (uma página, ilustrado com cinco fotografias alusivas a filmes exibidos), escrevendo que “O cineclube conseguiu montar um certame sem paralelo no nosso país”, “(...) garantiram já a virtude mais importante para um projecto deste tipo: a credibilidade”. No Diário de Notícias (22.06.1994), Rodrigo Afreixo (3/4 de página, com fotografia alusiva a um filme exibido) faz a reportagem da sessão de encerramento do Festival, escrevendo: “NUNCA, em Portugal, nenhum festival demorou tão pouco até atingir a mais absoluta consagração”, “(...) simpatia e eficácia irrepreensíveis da organização; o encanto de Vila do Conde, que reúne todas as condições para que o certame decorra como verdadeiro acontecimento centralizador das atenções (...)”, “num Auditório Municipal a abarrotar”, “as secções paralelas não poderiam suscitar maior curiosidade”, “O II FICM pareceu também revelar-se, este ano, como um local de encontro privilegiado para o cinema português”, “o sucesso deste festival vem, em grande parte, da coerência global do projecto”.

Atente-se na frase “num Auditório Municipal a abarrotar”, porque esta realidade começou, a partir daqui, a figurar nos textos de opinião e de reportagem sobre o certame, sendo uma constante até à inauguração do novo Teatro Municipal de Vila do Conde. Além de sugerir uma procura grande (superior à capacidade do equipamento), o evento é eleito como justificação para o investimento nas obras de recuperação do Cine-Teatro Neiva.

⁴¹ Não pode deixar de nos remeter para um dos filmes clássicos de Hollywood *A Star Is Born*, originalmente realizado por William A. Wellman (1937) e com vários remakes posteriores, de que se destaca o musical de 1954, com Judy Garland (realização de George Cukor).

Miguel Reis Miranda, no Comércio do Porto, assina duas reportagens onde aborda essa questão. No primeiro texto (09.07.1996), intitulado “A rebentar pelas costuras” (meia página, sem fotografia), refere-se em concreto à limitação de espaço do Auditório: “(...) o certame já não cabe no Auditório Municipal”. “(...) aquele espaço esteve sempre a rebentar pelas costuras”, “Se mais pretextos não existissem, o festival já constituía, só por si, um excelente motivo para recuperar uma sala de espectáculos (...)” [refere-se aqui à recuperação do Cine-Teatro Neiva]. No segundo texto (14.07.1998), intitulado “Procura-se casa nova” (uma página, ilustrado com uma fotografia alusiva a um filme exibido), aborda novamente essa temática: “(...) insuficiência do Auditório Municipal para acolher o muito público (...)”, “(...) o espaço nobre do festival rebenta facilmente pelas costuras”.

A partir de 1999, ano que Câmara Municipal de Vila do Conde e Ministério da Cultura assinam um acordo para a remodelação do Cine-Teatro Neiva, o tema da limitação de espaço do Auditório Municipal foi recorrente. Nesse ano, Comércio do Porto (13.07.1999) e Primeiro de Janeiro (16.07.1999) publicam sobre o assunto, citando o Presidente da Câmara na defesa do interesse de recuperação do edifício, justificado, precisamente pela “actividade cultural existente em Vila do Conde e que inclui o Festival de Curtas-Metragens”. O evento volta a ser referido no Jornal de Notícias, num texto em que se afirma que “foi o êxito do FICM que obrigou à recuperação do Cine-Teatro Neiva” (28.06.2000 – Jornal de Notícias - reportagem de meia página, assinada por José Miguel Gaspar com uma fotografia dedicada à montagem da tenda de cinema ao ar livre). Mas apesar da celebração do referido protocolo, os atrasos na recuperação do Cine-Teatro Neiva foram, como já vimos, sucessivos. E, em praticamente todos os anos, o tema era abordado, quer pela organização do Festival, quer pela Autarquia, ou pelos próprios jornalistas que iam dando conta da situação de sobrelotação em que se encontrava o Auditório Municipal. Seis anos após a assinatura do protocolo, reacendiam-se as esperanças de que o processo pudesse ser desbloqueado, e disso fizeram eco os jornais Comércio do Porto (04.07.2005 - reportagem de meia página, assinada por Luísa Marinho, ilustrada com uma fotografia alusiva a um filme exibido) e Público (04.07.2005 - reportagem de uma página, assinada por Inês Nadais, ilustrada com uma fotografia alusiva a um filme exibido). No entanto, a inauguração oficial do renovado edifício, adaptado para acolher o novo Teatro Municipal, apenas se verificou três anos mais tarde, mesmo assim, merecedor de elogios sobretudo pela sua qualidade arquitectónica, mas também pela nova dinâmica que empresta ao Festival de Curtas Metragens. O crítico de cinema João Lopes assina um breve artigo no Diário de Notícias (07.07.2009), no qual se mostra sensibilizado pelo esforço nesta empreitada: “Num país nem sempre capaz de defender o património arquitectónico, em particular na área dos equipamentos culturais, a reabertura desta sala é um exemplo de como é possível mobilizar dinheiros e competências para revalorizar o que não faz sentido perder”.

Note-se que outros temas foram merecendo referência especial ao longo dos anos de existência do Festival, nomeadamente a falta/escassez de apoios, que chegou a colocar em causa a realização do certame. O assunto mereceu reportagem no Jornal de Notícias (20.06.2002): para além de apresentar o programa definido para a edição desse ano, destaca a debilidade financeira com que a organização se debatia na altura: “A festejar dez anos de vida, o FICMVC vê o seu futuro comprometido”, “Grandes empresas sediadas no concelho continuam a negar apoios aos festival”, “(...) sérias dúvidas de que em 2003 consiga montar o projecto (...)”.

A questão dos apoios volta a ser aflorada em 2006, precisamente pelo Jornal de Notícias, com texto assinado por Sérgio Almeida (23.06.2006), no qual se lê: “Ao reforço da programação não correspondeu o desejado salto orçamental”.

Ainda em 2002, começa a surgir uma nova tendência nos artigos de opinião e de reportagem dedicados ao Festival. Se no primeiro artigo publicado sobre o assunto, Augusto M. Seabra escreveu um texto no qual elogiava o certame, a sua organização e formato, a partir deste ano, é notória uma orientação mais crítica pela negativa, apontando alguns exemplos de experiências que considera menos conseguidas por parte da organização. A sequência cronológica de artigos publicados, inclusive por outros autores, permite concluir que a organização do Curtas Vila do Conde foi inovando a partir da sua concepção inicial, desenvolvendo novos programas paralelos às secções competitivas (já aqui foi referida a criação de iniciativas paralelas às secções competitivas, casos do projecto *Animar* e da secção *Take One!*, bem como a abertura do Festival a outros géneros que extravasam a curta metragem), o que não terá sido sempre bem entendido pela crítica no seu primeiro ano. O artigo de opinião de Augusto M. Seabra (15.07.2002 – Público - com dimensão de meia página e ilustrado com uma fotografia alusiva a um filme exibido) aborda a utilização de outros espaços culturais de Vila do Conde para acolher iniciativas paralelas do Festival, referindo-se às instalações na Alfândega Régia como algo “inadequado”. E o mesmo tom de crítica é utilizado para a realização dos filmes-concerto que define como “indigesta”.

Este terá sido o ano “menos conseguido” em termos de programação por parte do Curtas, ou pelo menos, aquele que pior foi recebido pela crítica especializada. Em 2005, Augusto M. Seabra parece já rendido ao novo formato e ao novo conceito de programação do FICM e, sobre a criação de novas secções como o *Work in Progress* ou os filmes-concerto, escreve que o certame tem sido “um espaço de descobertas e reencontros...”, não deixando de notar o aparecimento, entretanto ocorrido, de outros festivais similares como o 'Indie' e o 'Doc' (cf Anexo 1), mas referindo-se-lhes como três realizações anuais “de maior relevo e todas elas sintonizadas com a contemporaneidade”. O que, na opinião de Augusto M. Seabra, não significa que as questões relacionadas com o cinema e a sua cultura específica possam ser desprezadas: “(...) há um risco enorme (...) de diluir tudo num conjunto geral de 'imagens'; se não estiver claramente presente a diferença de estatutos, um filme, um videoclip musical, a capa de

uma revista ou uma campanha publicitária teriam então o mesmo valor - e não creio, de modo nenhum, que tenham”.

Uma leitura dos artigos publicados nos anos posteriores permite verificar uma inversão deste teor menos positivo que encontramos em Augusto M. Seabra. Mário Jorge Torres, docente e crítico de cinema (07.07.2003 – Público - uma página, com uma fotografia alusiva a um filme exibido) assina um texto de opinião no qual enaltece o *palmarés* atribuído em 2003, descrito como “o melhor de que nos lembramos em Vila do Conde (...)”. Dois anos mais tarde, o argumentista Daniel Ribas (03.07.2005 – Primeiro de Janeiro - artigo de opinião com uma página, ilustrado com uma fotografia alusiva a um filme exibido) refere-se ao Festival de Vila do Conde como “[um] momento único no panorama cinematográfico (...) [, onde é possível] ver aquilo que realmente importa (...) [num] ambiente único e entusiasmante (...)”.

Esta opinião de um profissional ligado à área do cinema contrasta com os argumentos utilizados pelo jornalista Marcos Cruz (09.07.2005 – Diário de Notícias - reportagem de uma página, com uma fotografia alusiva a um filme exibido) para reivindicar explicações relacionadas com os critérios de selecção dos filmes a concurso na competição nacional desse ano, em concreto o filme de Pedro Caldas: “Gastar 40 minutos de um reduzido pacote competitivo nacional com um filme que, quando muito (...) poderia aceitar-se numa galeria de arte (...) não é servir o cinema que se faz por cá”, escreve, acrescentando que “o público do festival merecia este esclarecimento [por parte da direcção do festival, já que grande parte da audiência abandonou a sala a meio do filme de Pedro Caldas]”. A crítica é direccionada, sem margem para dúvidas, aos programadores do Festival, muito mais do que ao realizador que submeteu o filme ao certame. Marcos Cruz admite até a hipótese de os seus directores valorizarem “no impulso artístico uma espécie de pureza ou algo tendente a isso”, mas nesse caso, “dêem eles próprios o exemplo e assumam que já não lhes dá gozo fazer o festival que faziam”.

Não obstante este tom crítico, o Festival continuou a inovar e a apresentar novos projectos paralelos, a ponto de ser considerado como “um dos mais sólidos festivais de cinema portugueses”, pelo jornalista Sérgio Almeida (23.06.2006 – Jornal de Notícias - reportagem com meia página, com uma fotografia alusiva a um filme exibido). Cerca de duas semanas depois, o mesmo jornalista, afirma: “pese embora a concorrência crescente, o Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde, que hoje se inicia, continua a ser a referência máxima em Portugal do que de mais estimulante se produz fora do circuito dos grandes estúdios” (08.07.2006 – Jornal de Notícias - reportagem com dimensão de ¾ de página e com uma fotografia alusiva a um filme exibido).

Esta sequência de artigos é ilustrativa de uma oscilação no conceito de programação e coincidente com a diminuição do número de notícias publicadas nos jornais em análise no presente estudo, bem como no público frequentador do Festival em 2003, o que poderá ser o reflexo da edição menos bem sucedida

em 2002. Verifica-se que, entre 2002 e 2003, o público diminuiu 8,9% e o número de notícias publicadas desceu 30% (ver Quadro 35).

Uma última referência para dois artigos que abordam a relação do Festival com a cidade onde o mesmo se realiza. Este tema esteve na origem de alguma polémica aquando da edição de uma reportagem assinada por Inês Nadais e publicada pelo jornal Público em 2008, no qual o Curtas era apontado como um “Ovni” no panorama cultural da cidade. Não o incluímos nesta análise de conteúdo, porque o seu teor extravasa o âmbito do Festival, uma vez que foram entrevistadas – para a elaboração da referida reportagem – várias pessoas naturais ou com residência em Vila do Conde, mas sem uma ligação directa ao evento. De resto, o artigo provocou reacções no movimento cultural da cidade, a ponto de, no decorrer dessa mesma edição do Festival, se ter realizado um debate com vários agentes culturais no qual o teor do artigo acabou por ser contrariado.

Assim, e a este propósito (impacto do Festival para a cidade) foram apenas seleccionados dois artigos de reportagem. O primeiro, publicado por Sérgio C. Andrade, no jornal Público, a 29.06.2003, no qual se fazem diversas citações, nomeadamente do presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, comerciantes locais e agentes culturais da cidade. Este é o único dos 906 artigos de imprensa analisados que aborda o Festival por esta perspectiva, destacando-se: “Na cidade, os comerciantes fazem contas optimistas à aproximação de mais uma edição”, “problemas de estacionamento”, “crescimento de clientes de ano para ano”. Apresenta ainda uma citação de George Boulon, director do festival de Clermont-Ferrand⁴²: “Vila do Conde 'é um lugar raro, único na Península Ibérica, de comunicação de criadores de todo o mundo”.

O outro artigo, que aqui salientamos, foi também publicado no jornal Público, e apresenta a reportagem pós-debate que ocorreu na sequência do já citado artigo de Inês Nadais. Este texto (13.07.2008), assinado por Samuel Silva, tem a dimensão de meia página e apresenta uma fotografia do Arq. Maia Gomes (responsável pela elaboração do projecto de recuperação do Cine-Teatro Neiva), com um pequeno texto em caixa sobre o novo Teatro Municipal. Sob o título “Vila do Conde tenta mostrar que há vida cultural para além do Festival de Curtas”, reporta-se ao debate de desmistificação de que o Curtas “é um Ovni” e inclui citações de Elisa Ferraz, vereadora da Cultura na CMVC; Miguel Dias e Dario Oliveira, da organização do Curtas; Gil Ramos, membro da banda vilacondense Bildmeister; Paulo Vasques, director do Circular – Festival de Artes Performativas e valter hugo mãe, escritor radicado em Vila do Conde há vários anos. Destacamos apenas expressões da autoria do autor do artigo: “Ninguém concorda com a ideia do festival internacional de curtas-metragens como um OVNI

⁴² Festival Internacional de Curtas-Metragens, muito reputado (1ª edição em 1979).

numa terra onde nada acontece”, “O Curtas é antes um rebocador”, “Ninguém dúvida da importância do festival”.

Mesmo que, chegados a 2008, a imagem que transparece do Festival para a comunicação social seja a de um evento com capacidade para se repercutir no dinamismo cultural da cidade, a sequência cronológica dos artigos analisados não deixa dúvidas quanto à aceitação inicial do projecto pelo seu carácter inovador no domínio da promoção e divulgação do seu género próprio: curta metragem. As primeiras reticências colocadas ao Festival surgem, precisamente, quando o Festival alarga o seu conceito, partindo para a exploração de outras artes que, de alguma forma, possam estar relacionadas com o cinema. Esse conflito de concepções sobre as fronteiras do cinema demorou alguns anos a desaparecer da comunicação social, mas o Festival parece ter feito valer o seu projecto de mudança. De tal modo que, na transição decisiva para as novas instalações, a comunicação social voltava a antecipar-se (diríamos mesmo: a entusiasmar-se, como na primeira edição), ao referir-se a esse facto como um “renascer” do Curtas Vila do Conde.

CURTAS VILA DO CONDE. REPERCUSSÕES NO PÚBLICO

Na impossibilidade de realizar, em tempo útil para a elaboração do presente estudo, um inquérito aos públicos do Festival de Curtas Metragens, não quisemos perder a oportunidade de um pequeno exercício de auscultação sobre o evento. Dispondo, por razões profissionais de uma relativamente vasta lista de contactos, exterior à nossa rede de sociabilidade próxima, com alguma abrangência geográfica e sociográfica utilizámo-la como ponto de partida para uma amostra de um pequeno questionário online. O inquérito teve como objectivos específicos a visibilidade e a frequência do Curtas, assim como os mecanismos dessas disposições e uma superficial inserção dos inquiridos em hábitos culturais (apresentamos o guião no Anexo 7). Interessavam-nos particularmente os mecanismos de conhecimento do Festival, pela relação possível com as notícias publicadas sobre o mesmo. O inquérito foi realizado entre os dias 31 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2010, através da rede social Facebook e da lista de contactos que referimos, estimulando uma “bola-de-neve”, isto é, pedindo a cada inquirido que reencaminhasse o questionário através da sua lista pessoal de e-mails. A lista inicial contava com 1500 contactos, a nível nacional, essencialmente de indivíduos ligados à comunicação social, ao ensino e à administração pública, o que, aliado ao efeito “bola-de-neve” que suscitámos, acabou por se reflectir nos resultados, sobretudo em termos da caracterização sócio-profissional dos respondentes. Foram recolhidos 580 inquéritos, e validados 576.⁴³

Do total de respondentes, 50,2% é do sexo feminino e 49,3% do sexo masculino (0,5% Não Responde - NR) – Quadro 38. Agrupados por idades, constata-se que mais de metade tem idade inferior a 25 anos: 18,2% tem até 25 anos; 37,7% de 26 a 35 anos; 20,3% de 36 a 45 anos; 11,1% de 46 a 55 anos; 4,2% mais de 55 anos (8,5% NR). O intervalo etário varia entre 15 e 77 anos.

Uma maioria de respondentes é licenciada e mais de um quarto tem instrução superior à licenciatura. Através do cruzamento dos dados relativos à idade, ao sexo e à instrução, o mesmo Quadro 38 mostra que o subconjunto mais representado na amostra efectiva tem entre 26 e 35 anos, possui licenciatura e pertence ao sexo feminino (12,2%).

A residência é, para este estudo, uma variável importante, já que nos interessa a visibilidade e a frequência do Festival. 24% são residentes em Vila do Conde; 7,3% na Póvoa de Varzim (escolhida

⁴³ O procedimento de constituição da amostra implicou que não pudéssemos controlar a sua construção, a partir do momento em que os contactos “saíram” da nossa lista. Insistimos que se tratou de um mero exercício, que acabou, como mostraremos, por se revelar interessante para o nosso estudo.

para categoria isolada por se tratar de um concelho vizinho de Vila do Conde); 18% são residentes noutros concelhos da AMP; 13% em outros concelhos do Norte; 9% na Grande Lisboa. (Quadro 39)

Quadro 38 – Caracterização, segundo a idade, o sexo e a instrução (% sobre o total de respondentes, N=524)

Idade	Sexo	Instrução							
		Ensino Bas/Sec		Licenciatura		Superior		Total	
		N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
Até 25 anos	Feminino	12	2,3	42	8,0	19	3,6	73	13,9
	Masculino	14	2,7	12	2,3	6	1,1	32	6,1
	Total	26	5,0	54	10,3	25	4,8	105	20,0
De 26 a 35 anos	Feminino	9	1,7	64	12,2	31	5,9	104	19,8
	Masculino	25	4,8	54	10,3	34	6,5	113	21,6
	Total	34	6,5	118	22,5	65	12,4	217	41,4
De 36 a 45 anos	Feminino	18	3,4	21	4,0	14	2,7	53	10,1
	Masculino	13	2,5	33	6,3	17	3,2	63	12,0
	Total	31	5,9	54	10,3	31	5,9	116	22,1
De 46 a 55 anos	Feminino	2	,4	19	3,6	4	,8	25	4,8
	Masculino	7	1,3	24	4,6	7	1,3	38	7,3
	Total	9	1,7	43	8,2	11	2,1	63	12,0
Mais de 55 anos	Feminino			4	,8			4	,8
	Masculino	6	1,1	10	1,9	3	,6	19	3,6
	Total	6	1,1	14	2,7	3	,6	23	4,4
Total	Feminino	41	7,8	150	28,6	68	13,0	259	49,4
	Masculino	65	12,4	133	25,4	67	12,8	265	50,6
	Total	106	20,2	283	54,0	135	25,8	524	100,0

Quadro 39 – Caracterização segundo o concelho de residência (% sobre o total, N=576)

Concelho de residência	N.A.	%
Vila do Conde	136	23,6
Póvoa de Varzim	42	7,3
Outros AMP	102	17,7
Outros Norte	77	13,4
Grande Lisboa	54	9,4
Outros concelhos	33	5,7
NR/SI (inclui estrang)	132	22,9
Total	576	100,0

Um erro, provavelmente de formatação//visualização do inquérito online, impediu a obtenção desta informação para os primeiros 53 questionários, o que fez elevar para 23% as não respostas⁴⁴.

Dos 576 inquiridos, 75% afirma conhecer o Curtas. O Quadro 40 apresenta a informação mais relevante sobre este recorte.

⁴⁴ Apesar disso, estamos a falar de quase 444 questionários com informação sobre o concelho de residência – a dimensão é importante, tanto mais quanto a amostra nunca pretendeu ser representativa da população. Incluímos nas não-respostas os que declararam residir habitualmente no estrangeiro, dada o seu carácter residual.

Os que conhecem o Festival repartem-se entre homens e mulheres, enquanto os que não conhecem o Curtas são maioritariamente homens. A instrução “favorece” um pouco mais os primeiros relativamente aos segundos: 26% dos que declararam conhecer o Festival têm instrução acima da licenciatura, e enquanto entre os que não conhecem a categoria representa 21%. Já quanto à idade, são relativamente mais jovens os que nunca ouviram falar do Curtas (28% com idade até aos 25 anos, “contra” 20% entre os que conhecem), e, na generalidade, o aumento da idade parece favorecer o conhecimento do Festival. A distribuição do conhecimento do Curtas pelo concelho de residência coloca o problema de não sabermos (passe a redundância) “onde” aconteceu o erro que registámos. De facto, não temos nenhum respondente não conhecedor do Festival residente no concelho de Vila do Conde. Excluindo a Póvoa de Varzim (são poucos na amostra), verificamos que a distância geográfica parece negativamente condicionar a visibilidade do evento: quase metade dos que conhecem residem nos concelhos da AMP; se somarmos os do restante Norte, obtemos 62%. Mas vale a pena destacar que são quase 10 em cada cem de Lisboa. Tendo agrupado as profissões em grupos mais significativos, verifica-se que os indivíduos que conhecem o Curtas são, em maior proporção do que os que não conhecem, profissionais da cultura e da arte, liberais, quadros superiores e professores. Registe-se o peso dos estudantes entre os “desconhecedores” do Curtas (21%; o peso dos estudantes na amostra é de 13%, sendo que 72% declararam conhecer o evento).

O quadro 41 apresenta a distribuição do conhecimento e frequência do festival pelo concelho de residência. Verifica-se que mais de dois quintos dos respondentes conhece o Curtas, mas não o frequentou, sendo que apenas entre os residentes em Vila do Conde a proporção de frequentadores é maior do que de não frequentadores (respectivamente 61 e 38%), o que corrobora globalmente os resultados de outros estudos que apontam a distância que separa uma prática efectiva do seu conhecimento.

Nas respostas (combinadas, porque podiam ser várias as formas em simultâneo) sobre “Como conheceu o Curtas?”, a opção isolada «Através de Amigos» foi seleccionada por 19,1% dos inquiridos. Os jornais impressos, como único meio de conhecimento, 4%. Refira-se que, na opção Outros, estão incluídos 4 casos de respostas “Sou de Vila do Conde”. Não especificando em concreto como conheceram o Festival, referem-se à sua naturalidade/residência como condição, aparentemente “natural”, para conhecerem o evento. O Gráfico 1 apresenta as menções, que mostram o peso importante das redes de sociabilidade próxima nas escolhas culturais.

De facto, estes resultados permitem constatar que, apesar da organização do Curtas desenvolver um esforço significativo no sentido de reforçar o marketing do evento, através de cartazes, flyers ou outros suportes comunicativos, o marketing “boca-a-boca” é aquele que aqui pode ser considerado como método mais eficaz para a divulgação do Festival.

Quadro 40: Caracterização, segundo o conhecimento do Festival: sexo, instrução, idade, residência e grupos de profissão (% em coluna; omitimos as não-respostas, excepto para a variável residência e grupos de profissão)

		Conhece		Não conhece	
		V.A.	%	V.A.	%
Sexo	Feminino	289	50,4	88	62,4
	Masculino	284	49,6	53	37,6
	Total	573	100,0	141	100,0
Instrução	Ensino Bas/Sec	117	20,5	35	24,8
	Licenciatura	308	53,8	77	54,6
	Superior Licenciatura	147	25,7	29	20,6
	Total	572	100,0	141	100,0
Grupos de Idade	Até 25 anos	105	19,9	37	27,8
	De 26 a 35 anos	217	41,2	48	36,1
	De 36 a 45 anos	117	22,2	25	18,8
	De 46 a 55 anos	64	12,1	17	12,8
	Mais de 55 anos	24	4,6	6	4,5
	Total	527	100,0	133	100,0
Residência (concelho)	Vila do Conde	136	23,6		
	Póvoa de Varzim	42	7,3	3	2,1
	Outros AMP	102	17,7	34	23,8
	Outros Norte	77	13,4	32	22,4
	Grande Lisboa	54	9,4	30	21,0
	Outros concelhos	33	5,7	18	12,6
	NR/SI (inclui estrang)	132	22,9	26	18,2
	Total	576	100,0	143	100,0
Grupos de Profissões	Professores (qualquer grau)	98	17,0	26	18,2
	Jornalistas, apresentadores, produtores e editores de rádio e tv	37	6,4	4	2,8
	Artistas e Criativos (inclui arquitectos)	26	4,5	4	2,8
	Empresários, patrões, dirigentes e liberais	52	9,0	6	4,2
	Quadros superiores	35	6,1	4	2,8
	Quadros médios	122	21,2	33	23,1
	Empregados	56	9,7	15	10,5
	Estudantes	77	13,4	30	21,0
	Outros, inclassificados, SI	73	12,7	21	14,7
	Total	576	100,0	143	100,0
Total geral		432	75,0	143	24,8

De resto, tal como defende Emmanuel Ethis (ver capítulo 3), os amigos e conhecidos pré-garantem a publicidade e difusão. Por seu turno, vale a pena salientar que os jornais online são ainda residuais, e, nesta amostra, têm menos peso do que os sites culturais.

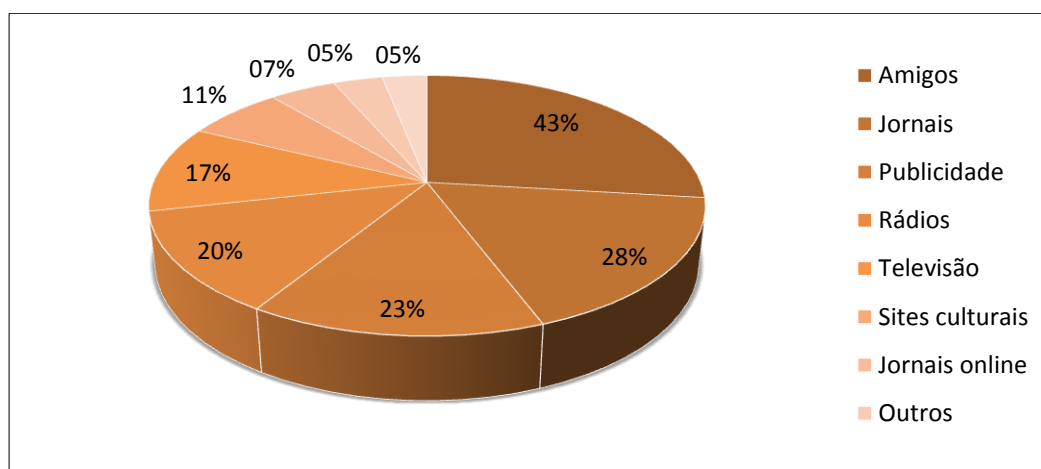
Dos indivíduos que conhecem e frequentam o festival (185), 59% consideram-se frequentadores ocasionais (assistiu poucas vezes); 34% regulares (assistiu a várias edições); e são residuais os fiéis (assistiu a todas as edições), 5%. Metade dos frequentadores, porém, seleccionou programação específica, enquanto 44% não seleccionou, assistiu à programação disponível no momento (Quadro 42).

41 – Frequência do Curtas, segundo o concelho de residência (% em linha; omitimos a não-resposta da variável dependente)

Residência (concelho)	Conhece o Curtas Vila do Conde?							
	Não		Sim, já frequentei		Sim, ouvi falar, mas não frequentei		Total	
	V.A.	%	V.A.	%	V.A.	%	V.A.	%
Vila do Conde			83	61,0	52	38,2	136	23,6
Póvoa de Varzim	3	7,1	15	35,7	24	57,1	42	7,3
Outros AMP	34	33,3	26	25,5	42	41,2	102	17,7
Outros Norte	32	41,6	12	15,6	33	42,9	77	13,4
Grande Lisboa	30	55,6	6	11,1	18	33,3	54	9,4
Outros concelhos	18	54,5	2	6,1	13	39,4	33	5,7
NR/SI (inclui estrang)	26	19,7	41	31,1	65	49,2	132	22,9
Total	143	24,8	185	32,1	247	42,9	576	100,0

Esta constatação permite a hipótese para um tipo de público do evento, que valeria a pena poder testar: indivíduos que, não frequentando o Festival assiduamente, quando o fazem, seleccionam programação específica, isto é, decidem previamente o que vão ver.

Gráfico 1 – Caracterização dos meios através dos quais os inquiridos conheceram o Curtas (% sobre o total, N= 4608 menções: o total é, portanto, superior a 100%)



As secções e actividades paralelas do evento podem ter alguma importância na captação de público (sobretudo se uma parte decide previamente o que vai ver), a par dos filmes seleccionados para integrar as diferentes secções competitivas.

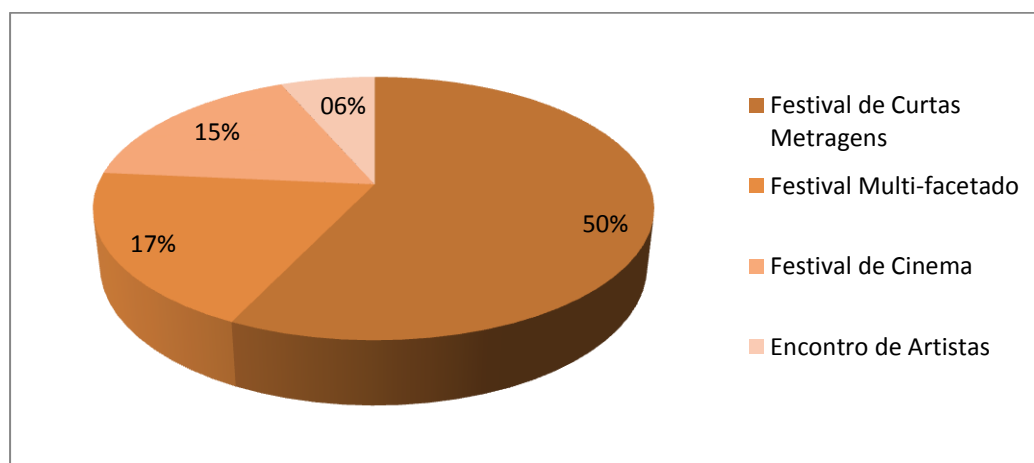
A propósito da definição de um conceito para o Curtas, nas respostas combinadas, 37% dos inquiridos refere um festival de curtas-metragens; 2,8% um festival de curtas-metragens e um evento cultural multi-facetado; 4,9% um festival de cinema e um festival de curtas-metragens; 5,9% um festival de cinema; 9,7% um evento cultural multi-facetado.

Quadro 42 – Selecção da programação e auto-classificação como público (% sobre o total de frequentadores, N= 185)

Como selecciona, em geral, a programação?	V.A.	%
Não seleccionou, assistiu à programação disponível no momento	82	44,3
Não seleccionou, assistiu a toda a programação	5	2,7
Seleccionou programação específica	93	50,3
NR/SI	5	2,7
Como se considera:		
Fiel - assistiu a todas as edições	10	5,4
Ocasional - assistiu poucas vezes	109	58,9
Regular - assistiu a várias edições	63	34,1
NR/SI	3	1,6
Total	185	100,0

O Gráfico 2 apresenta a percentagem de casos em que cada opção foi seleccionada (resposta de escolha múltipla, em que cada inquirido escolheu, de entre as categorias, aquelas que entendeu).

Gráfico 2 – Definição do Curtas pelos inquiridos (menções, N=2304)



No âmbito do inquérito, procurámos conhecer genericamente alguns hábitos culturais dos inquiridos. Assim, em relação ao tipo de eventos que frequentam, constata-se a seguinte hierarquia de respostas (combinadas): só cinema 6,8%; cinema e música 8,9%; cinema, música, museus 6,6%; música 5%; teatro, cinema e música 6,3%. Verifica-se uma “apetência” para os eventos relacionados com o cinema e a música (77 e 76% de menções, respectivamente – Gráfico 3), e a maioria dos questionários regista uma frequência cultural relativamente elevada. Por um lado, são resultados esperados (vd. cap. 1), por outro, vai de encontro à opção estratégica definida pela organização do Curtas, de alargar a programação a outros géneros artísticos que não apenas a curta-metragem.

O Gráfico 4 compara os hábitos culturais dos que conhecem e frequentam o Curtas e dos que não conhecem. Para todas as categorias, constata-se que os que conhecem o Curtas são mais frequentemente praticantes culturais. Cinema e espectáculos/concertos de música são, como esperado, os eventos mais

procurados, ultrapassando os 25 % no caso dos que conhecem, o que reforça a conclusão já avançada de que pode existir uma propensão por parte dos frequentadores do Curtas para, de igual modo, assistirem ou participarem noutros eventos culturais relacionados, sobretudo com o cinema, mas também com a música.

Perguntámos no questionário qual o suporte de informação preferido. A internet foi o meio mais declarado, qualquer que seja a idade, representando isoladamente (apenas internet) 18% do total de respostas. A combinação televisão, rádio, jornal e internet representa 15%; televisão e internet 13%; jornal e internet 10%. O que daqui se pode concluir é que a internet (ainda) aparece como complemento de outros meios de comunicação.

Gráfico 3 – Eventos culturais frequentados (% sobre o total; menções, N=2304)

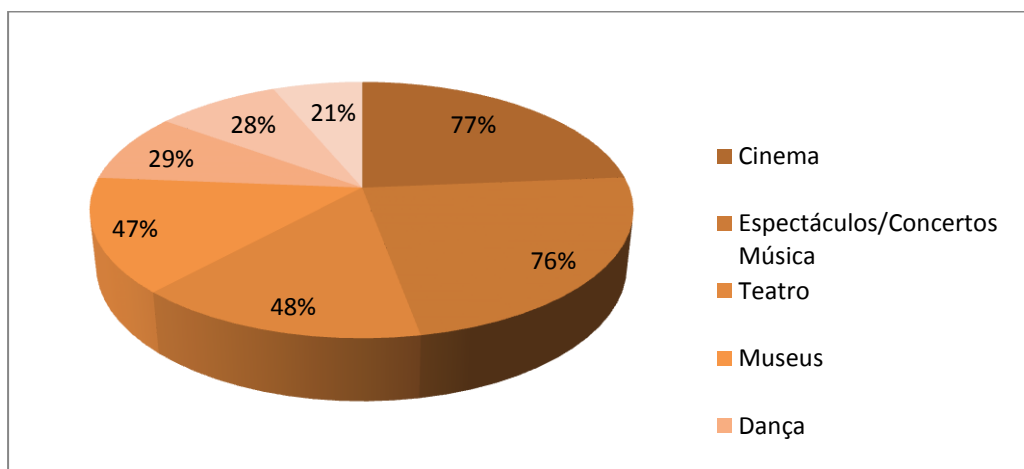
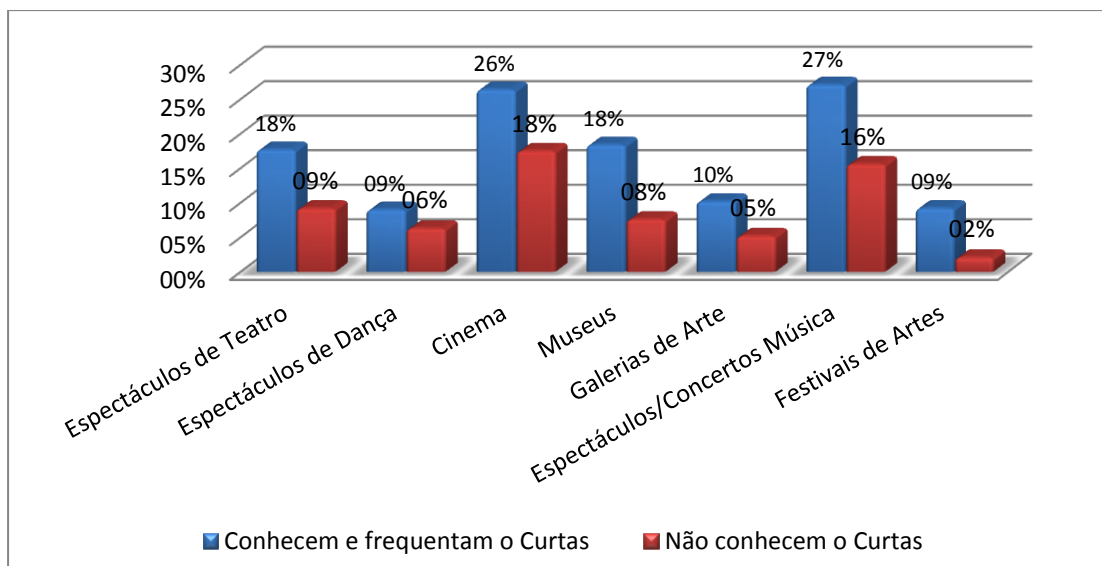


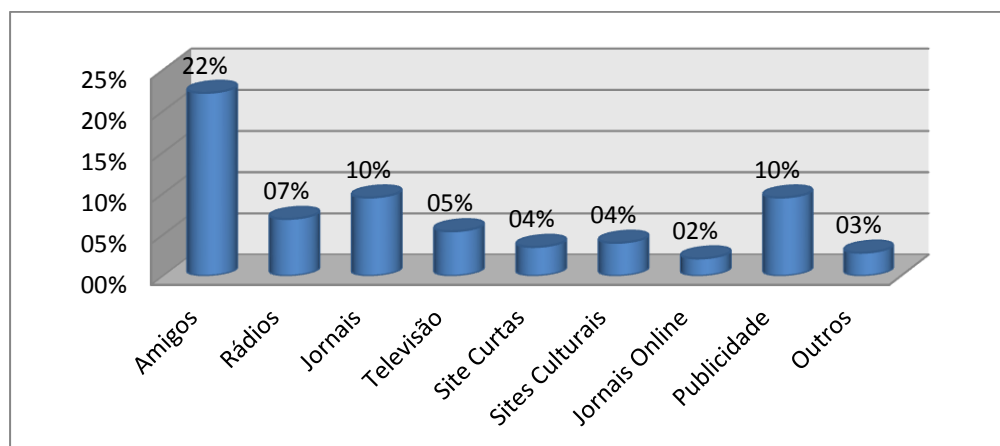
Gráfico 4 – Hábitos culturais dos inquiridos e conhecimento do Curtas (% sobre o total)



Os que conhecem o Curtas e já o frequentaram, seguem esta tendência, reforçando-a: a internet continua a figurar no topo das preferências, com 23% das respostas. Seguem-se os jornais com 18%, a televisão com 15% e a rádio com 10%.

Também seguem a tendência geral quanto ao modo como tiveram conhecimento do festival: através de amigos (22%), jornais e publicidade (10% cada), seguindo-se as rádios, televisão, sites culturais, site do Curtas e jornais online, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 – Meio de conhecimento do Curtas (% sobre o total dos que já o frequentaram, N=185; menções)



Atendendo ao nosso estudo, decidimos autonomizar os resultados relativos aos inquiridos residentes em Vila do Conde que responderam (136 inquéritos). 44% são do sexo feminino e 55% do sexo masculino. Ao nível da instrução destacam-se os inquiridos que possuem licenciatura (57%), seguidos dos que possuem Ensino Básico/Secundário (28%). Os inquiridos com grau académico superior à licenciatura constituem o grupo com menor expressão (15%, inferior à proporção no total da amostra), mas este valor não deixa de ser significativo. São, tendencialmente, um pouco menos jovens do que a média da amostra: 47% tem entre 26 e 35 anos, seguindo-se o grupo dos 36 aos 45 anos (26%). Relativamente à caracterização profissional (Quadro 43), verifica-se que a maior proporção pertence aos quadros médios (21,3%), seguindo-se como grupos mais expressivos os professores (16,2%) e os empresários, patrões, dirigentes e liberais (14,7%), o que, de novo, contraria um pouco os resultados globais.

Excluindo os estudantes (4%), 71% dos inquiridos residentes em Vila do Conde é assalariado, 15% trabalhador independente e 7% patrão ou empresário (3,7% não responde). Dos 136 inquiridos com residência em Vila do Conde apenas um não conhece o Curtas ou não responde à questão.

Na questão “Como conheceu o Curtas?”, verifica-se, tal como nos resultados globais do inquérito, que a resposta “amigos” assume particular relevância, seguindo-se a publicidade e os jornais e as rádios classificados em 3º e 4º lugares das opções indicadas, respectivamente (Gráfico 6).

Dos residentes em Vila do Conde 38% nunca frequentou o Curtas (apesar da importância que atribuímos à residência próxima). Dos que já frequentaram o Festival, a representação que fazem de si

como espectadores segue as tendências da amostra: espectadores ocasionais primeiro (35%), regulares menos (23%). Apenas 3% se consideram fiéis, o que não deixa de ser expressivo, tendo em conta que, por residirem na cidade onde o evento decorre, têm mais facilidade de acesso, ainda que o mesmo não se aplique, por exemplo, ao conhecimento ou interesse que têm relacionado com o Festival. Apenas 2% assistiu a toda a programação sem fazer qualquer tipo de selecção. 31% assistiu à programação disponível no momento e 27% seleccionou-a previamente. Perceber-se-á que os residentes próximo do Festival possam ser menos selectivos, atendendo a uma menor exigência de deslocação. Ou seja, poderá existir aqui uma relação de causa-efeito directa entre os que se consideram espectadores fiéis e os que assistem a toda a programação sem fazer selecção.

Quadro 43 – Caracterização profissional dos residentes no concelho de Vila do Conde (% N= 136)

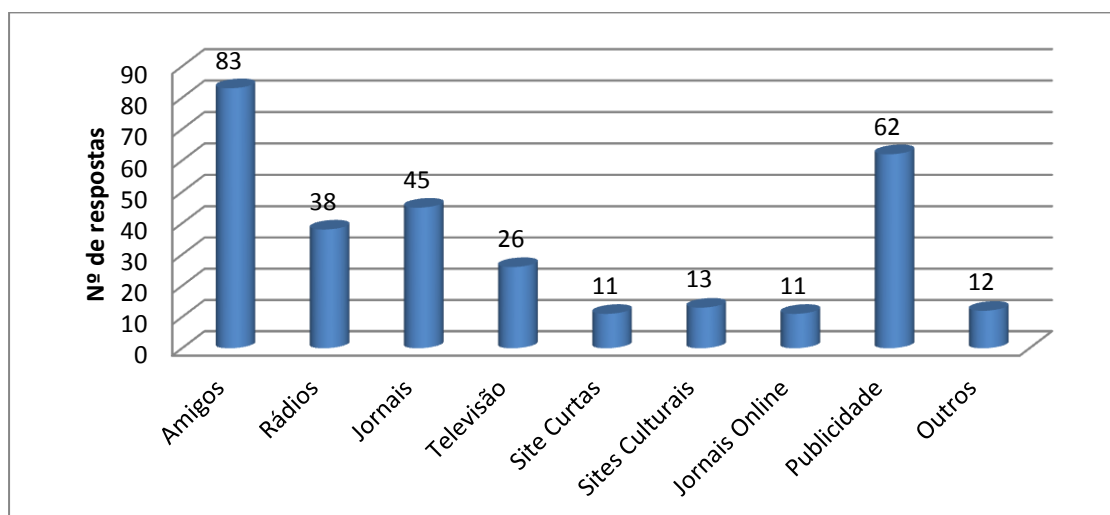
		Residência em VC
Professores (qualquer grau)	V.A.	22
	%	16,2
Jornalistas, apresentadores, produtores e editores de rádio e tv	V.A.	2
	%	1,5
Artistas e Criativos (inclui arquitectos)	V.A.	7
	%	5,1
Empresários, patrões, dirigentes e liberais	V.A.	20
	%	14,7
Quadros superiores	V.A.	13
	%	9,6
Quadros médios	V.A.	29
	%	21,3
Empregados	V.A.	16
	%	11,8
Estudantes	V.A.	6
	%	4,4
Outros, inclassificados, SI	V.A.	21
	%	15,4
Total	V.A.	136
	%	100,0

Relativamente ao conceito de definição do Curtas, 69% consideram-no um Festival de Curtas Metragens, 21% um Festival Multi-facetado, 24% um Festival de Cinema e 10% um Encontro de Artistas. Esta ordem de importância é idêntica à verificada para a totalidade da amostra e, mais uma vez, constata-se que a internet é o suporte de informação preferido, também para os inquiridos com residência em Vila do Conde (70%), seguido da televisão (57%), jornal (45%) e rádio (29%).

Quanto aos hábitos culturais dos inquiridos residentes em Vila do Conde (Gráfico 7), constata-se que as preferências estão assim ordenadas (recorde-se que se trata de questão de resposta múltipla, pelo que, a

percentagem total possível *para cada opção* é de 100%): espectáculos/concertos música (77%), cinema (75%), museus (46%), espectáculos de teatro (44%), espectáculos de dança (24%), galerias de arte (22%) e festivais de artes (17%). Não se verifica aqui qualquer desvio em relação aos dados globais do inquérito.

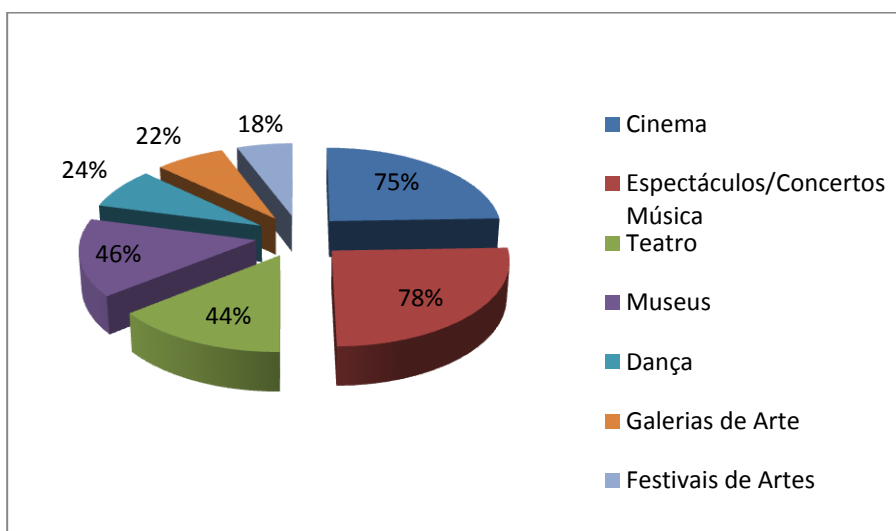
Gráfico 6 – Meio de conhecimento do Curtas, dos residentes no concelho de Vila do Conde (% sobre o total de residentes; N= 136)



Este pequeno e acidental (no sentido de uma amostra não representativa) exercício permitiu-nos reconfirmar as tendências já verificadas em outros estudos sobre hábitos culturais e de frequência de eventos por parte do público, a que aludimos no capítulo 1. O seu perfil dominante é jovem, com licenciatura, quadro e utilizador do audiovisual. Conforme referido no capítulo 1, este conjunto de condições não se traduz necessariamente em predisposição para o consumo efectivo, como vimos a propósito dos frequentadores do Festival: recordemos que, no total da amostra, só 32% afirma conhecer e já ter frequentado o Festival de Curtas Metragens e, desses, 59% são espectadores ocasionais que não seleccionam programação específica.

O inquérito permite ainda confirmar que a melhor e mais eficiente divulgação do Festival assenta na estratégia de “marketing boca-a-boca”, já que a opção “conhece através de amigos” foi a mais indicada. Importa salientar que os jornais ocupam o segundo lugar nessas referências, daqui podendo inferir-se que as notícias publicadas sobre o evento (e analisadas no capítulo 8) poderão de facto contribuir para a divulgação do mesmo, assim aumentando o público que, no mínimo, é conhecedor da sua existência, ainda que possa não o frequentar.

Gráfico 7 – Eventos culturais frequentados pelos residentes no Concelho de Vila do Conde (% , N= 952)



Constata-se que os frequentadores do Festival são, de igual modo, consumidores regulares de cinema e espectáculos/festivais de música, assim como, menos de outros géneros artísticos. A tendência acompanha a própria evolução do Curtas em termos de programação, já que este alargou o seu conceito, deixando de ser um evento apenas dedicado à divulgação e promoção da curta metragem, para incluir no seu programa uma série de actividades paralelas, onde se incluem, por exemplo, os filmes-concerto, a mostra da vídeo-clips, a realização de festas em clubes nocturnos e a actuação de Dj's convidados. (fica, no entanto, por esclarecer qual a dinâmica que aqui se verifica: é a programação do Festival que procura objectivamente este público ou é este público que se sente atraído pela programação do Festival?)

Relativamente aos questionários de residentes no concelho de Vila do Conde, onde *a priori* poderiam ser expectáveis algumas diferenças, os resultados demonstram que seguem, *grosso modo*, a tendência dos dados globais do inquérito. É um público jovem, possui licenciatura, é qualificado, prefere a internet como suporte de comunicação, frequenta espectáculos/festivais de música e cinema. Sobressai o facto de quase dois quintos nunca terem frequentado o Curtas, de a mesma proporção, entre os frequentadores, se ter considerado ocasionais não fazerem selecção de programação, o que podemos relacionar com uma ligação, digamos, mais identitária (global) com o evento (cf. Capítulo 3). A isto acrescenta-se o facto de, à semelhança dos resultados médios, os vilacondenses (do concelho) conhecerem o Curtas através de amigos. O Gráfico 6, inclui, como dissemos, na opção Outros, quatro casos de respostas “Sou de Vila do Conde”, o que, de novo e, como veremos no capítulo seguinte, remete para uma relação de identidade com o território geográfico em que os indivíduos vivem. Trata-se, aqui, de uma questão de sentimento de pertença, como se estes indivíduos, pelo facto de serem naturais ou residentes em Vila do Conde, entendessem o Curtas como seu.

POLÍTICA CULTURAL DE VILA DO CONDE. CINCO CASOS EM ANÁLISE

Conforme já referido, à data de criação do FICM, apenas existia em Vila do Conde um outro certame de índole cultural e de dimensão nacional: a Feira Nacional de Artesanato (os Cursos de Aperfeiçoamento Musical da Academia S. Pio X iniciaram-se em 1988, mas trata-se de um evento demasiado específico e com um público-alvo limitado, estando reservado aos estudantes de música). No ano de fundação do FICM (1993), na cidade apenas existia um equipamento com capacidade para acolher o evento: o Auditório Municipal.

Através dos quadros 6 e 9, foi possível verificar que, desde essa altura até à actualidade, Vila do Conde sofreu uma transformação significativa quer em número de equipamentos e infra-estruturas de que dispõe, quer nos eventos que acolhe. Ao nível dos equipamentos, constata-se a existência de uma política de recuperação de edifícios antigos por parte da Câmara Municipal, estratégia que visa salvaguardar o património arquitectónico existente e pelo qual Vila do Conde foi já, por diversas vezes, distinguida a nível nacional. A verba destinada pela Autarquia para a recuperação desse património edificado sempre foi incluída no Orçamento da Cultura, o que dilata a sua expressão no Orçamento Geral. No entanto, esta realidade não influi na disponibilidade financeira do Município para apoiar eventos e projectos de âmbito cultural. De acordo com o Presidente da Câmara Municipal, a valorização e recuperação do património constitui prioridade, sob pena de o mesmo se degradar e, em última instância, perder-se. Uma vez concluída a sua recuperação, os edifícios são colocados ao serviço da comunidade local, sendo, na maior parte dos casos, destinados a fins culturais. Apresenta-se, como exemplo ilustrativo desta realidade, o processo de recuperação da antiga cadeia civil de Vila do Conde, onde, actualmente, se encontra instalado o Centro Ciência Viva. A recuperação dos edifícios “não tem influência nos apoios e subsídios atribuídos às colectividades/associações”, sustenta Mário Almeida, argumentando que, se assim fosse, “correríamos o risco de, passado algum tempo, ter espaços mas não ter actividade cultural”.

Tendo por base estas premissas, foram seleccionados para entrevista mais aprofundada cinco projectos culturais radicados em Vila do Conde (listados no Quadro 8), com o objectivo de perceber a dinâmica que motivou o seu aparecimento, as razões para se fixarem em Vila do Conde e a forma como se organizam e financiam. O cruzamento da informação obtida através da realização destas entrevistas com os depoimentos de Dario Oliveira da organização do Curtas e do Presidente da Câmara, Mário Almeida, a propósito da política seguida nesta área específica, permitirá retirar algumas conclusões sobre a política cultural de Vila do Conde.

Os projectos aqui abrangidos foram seleccionados pelo seu cunho inovador no quadro da oferta cultural disponível em Vila do Conde; em alguns casos, pelo seu carácter de ‘festival’ (casos do Circular e Ollin Kan); pela sua dimensão em termos de mobilização de artistas e público (Nuvem Voadora e Corda Bamba); e, finalmente, por constituírem, no seu conjunto, um calendário de eventos que ocorre ao longo do ano e assegura uma actividade cultural regular na cidade.

Assim, as associações seleccionadas são, por ordem alfabética: 1) Circular – Associação Cultural, 2) Corda Bamba – Associação para as Artes do Circo, 3) Ollin Kan – Festival Internacional das Culturas em Resistência, 4) Associação Cultural Nuvem Voadora e 5) Teatro de Formas Animadas.

1) Circular – Associação Cultural (Paulo Vasques)

Fundada em 2005, a Circular - Associação Cultural surge depois da realização do 1º Circular - Festival de Artes Performativas (2004). O evento foi idealizado por Paulo Vasques no final da licenciatura em História da Arte e desenvolvido em parceria com Dina Magalhães, que Paulo Vasques conheceu no âmbito do Curso de Gestão e Produção de Artes do Espectáculo. Na primeira edição, o projecto Circular foi acolhido pelo Círculo Católico de Operários (CCO) de Vila do Conde, instituição que serviu de “chapéu” à candidatura apresentada aos apoios do Ministério da Cultura que, de resto, a Circular tem conseguido desde sempre.

Tendo em conta o desejo de se especializar em Arte Contemporânea, Paulo Vasques desafiou Dina Magalhães para a concepção de um Festival dedicado às artes performativas, cujos principais objectivos são: estar perto dos artistas e dos seus projectos, fomentar residências artísticas, envolver o público nos processos criativos, cativar e formar novos públicos.

2) Corda Bamba – Associação para as Artes do Circo (Manuela Magalhães)

A Corda Bamba foi idealizada por Luísa Moreira, em 2006, com o objectivo de juntar a sua experiência em circo com o leque de ginastas de alta competição existentes em Vila do Conde (formados no Ginásio Clube Vilacondense). A ideia foi abraçada por outros colegas que resolveram avançar para a criação da associação.

O principal objectivo subjacente à criação da Corda Bamba foi a formação de novos artistas através de uma Escola de Circo que funcionou, durante os dois primeiros anos, na sede do Rancho do Monte. Paralelamente, tinham o objectivo de criação de espectáculos próprios (apenas fizeram um). Surge depois a Convenção das Artes do Circo, juntando-se assim aos objectivos a programação.

3) Ollin Kan – Festival Internacional das Culturas em Resistência (Carlos Bartillotti)

O Festival Ollin Kan nasceu no México e, desde 2005, conta com a participação de Portugal, através da Bartillotti Produções. Em 2006, Portugal esteve representado não só pela música, mas também por uma selecção de curtas-metragens (Carlos Bartillotti conhece alguns membros do Curtas Vila do Conde, daí

ter estabelecido este primeiro contacto de parceria). A representação do nosso País através de curtas-metragens justifica-se pelo facto de ser mais “fácil” do ponto de vista da logística (formato dvd). No ano seguinte, Carlos Bartillotti resolveu “importar” o conceito para Portugal. Tentou a Câmara Municipal de Matosinhos, onde a empresa está sediada, mas não conseguiu apoio. Por conhecer o Curtas e alguns elementos da sua organização, contactou a Câmara Municipal de Vila do Conde onde o projecto foi bem acolhido.

Tem por objectivo promover um festival de músicas do mundo, fomentando a divulgação e apresentação de grupos que se dedicam à produção musical mas que não encontram espaço no mercado (dominado pela música anglo-saxónica).

4) Associação Cultural Nuvem Voadora (Pedro Correia)

A Nuvem Voadora surge, em 2008, na sequência da realização do projecto «Queima do Judas». Os membros desta associação já constituíam um grupo de trabalho, reunido precisamente para a realização desse espectáculo que acontece, com regularidade anual, na Páscoa. Tem por objectivo promover a arte e a cultura, uma vez que a associação é composta por pessoas com actividades profissionais relacionadas com diferentes artes.

5) Teatro de Formas Animadas (Marcelo LaFontana)

Inicialmente, era um sub-projecto da Companhia Quinta Parede (de José Caldas), da qual fazia parte a actividade do teatro de marionetas, liderado por Marcelo LaFontana. A Quinta Parede saiu de Vila do Conde, mas o projecto de marionetas manteve-se. Realizou-se um curso, com a duração aproximada de dois anos e no qual participaram várias pessoas. Na sua sequência, surgiu, em 2001, a companhia profissional Teatro de Formas Animadas (TFA), cujo mentor e responsável é Marcelo LaFontana.

Pretende recuperar formas tradicionais ligadas ao universo das formas animadas, marionetas, máscaras... procurando dar-lhes um cunho contemporâneo. Inovação tendo por base a tradição é o conceito actual. A vertente formativa faz-se através do contacto com as escolas que visa também a criação de novos públicos.

Feita a caracterização dos diferentes projectos e dos objectivos que nortearam o seu aparecimento, importa reter que todos estão sediados em Vila do Conde por aqui terem alguma ligação afectiva ou efectiva (neste caso, o Ollin Kan e o TFA). O facto de os fundadores dos diferentes projectos serem naturais de Vila do Conde (as excepções são o Ollin Kan, já que, como vimos, se trata de um conceito importado do México e a Bartilloti Produções tem sede em Matosinhos; e o Teatro de Formas Animadas, cujo director é brasileiro) determinou a localização geográfica quer para o desenvolvimento dos projectos artísticos, quer para a constituição das associações que os suportam. O primeiro motivo para a fixação nesta cidade em concreto está assim encontrado: é uma questão de identidade com o

território a que pertencem. O segundo motivo é mais abrangente no seu diagnóstico, mas resume-se ao desejo comum de contribuírem para a dinâmica cultural da cidade.

Desde a década de 90 que, em Vila do Conde, não se realizava qualquer projecto semelhante ao Circular. Paulo Vasques assistiu a alguns espectáculos desse evento (Perspectivas - projecto de Joclécio Azevedo). Havia um “vazio” que Paulo Vasques - por ser natural de Vila do Conde - resolveu preencher.

No caso da Corda Bamba, a ideia de Luísa Moreira passou por rentabilizar os recursos e a experiência acumulada por vários campeões de ginástica, oriundos do Ginásio Clube Vilacondense (GCV), para formar um projecto de novo circo à semelhança do Circo du Soleil. (Diogo Faria fazia parte deste projecto e está agora, precisamente, a trabalhar no Circo du Soleil).

Quanto à Nuvem Voadora, é a sequência “lógica” do desenvolvimento do projecto Queima do Judas, um evento recuperado por um grupo de artistas, muito ligado às raízes históricas e culturais da cidade. A actividade da Nuvem Voadora não se limita a Vila do Conde e o projecto Queima do Judas até pode ser exportado para outras localidades, obrigando, no entanto, à reformulação do seu conceito, precisamente por se tratar de um espectáculo que assenta na herança cultural.

O Teatro de Formas Animadas vingou em Vila do Conde, sendo o sucessor do projecto Quinta Parede que já cá estava radicado. Marcelo LaFontana é brasileiro, mudou-se para Barcelona e de lá para Portugal (1990). Primeiro fixou-se no Porto, depois em Vila do Conde, onde “encontrou sensibilidade por parte da Câmara Municipal para o estabelecimento de um projecto de parceria cultural e artística”.

Situação semelhante ocorre com o Ollin Kan que aqui se radicou pela “receptividade” que encontrou por parte da Autarquia (tinha sido extinta a Semana da Juventude e faltava um evento musical de dimensão), pelas “características de património arquitectónico e natural da cidade”, pelo “Curtas que projecta Vila do Conde a nível internacional”.

Verifica-se assim que, por um lado, Vila do Conde possui um conjunto de pessoas ligadas às artes, com dinamismo e vontade de desenvolver projectos nessa área, e, por outro, uma política pública de apoio e incentivo a novos projectos que aqui pretendam instalar-se e desenvolver-se. Mas, se existe essa “mão-de-obra” qualificada e se existe interesse da Autarquia em acolher esses eventos na cidade, importa notar que se trata de um fenómeno recente, já que todos os projectos se iniciam após 1999 (ano em que decorre o primeiro espectáculo da nova vaga Queima do Judas). Esta situação pode estar relacionada com o facto de as pessoas envolvidas nos diferentes projectos serem, na sua maioria, jovens aquando do lançamento das actividades. O que remete, de imediato, para o outro grupo de jovens (hoje já adultos com mais de 40 anos) que, em 1993, após alguma experiência cinéfila, apostou na criação do Festival Internacional de Curtas Metragens.

A tendência que aqui se assinala está relacionada com um legado cultural que parece passar de geração em geração, surgindo reformulado ou aperfeiçoado mediante os conhecimentos e experiências dos mais jovens. Estes aproveitam conceitos já existentes para desenvolverem as suas ideias, acabando por se tratar de projectos com um acréscimo renovador. A Circular foi beber inspiração ao Perspectivas; a Corda Bamba encontrou os seus recursos humanos no GCV; a Nuvem Voadora reciclou a tradicional Queima do Judas; o TFA herdou o projecto da Quinta Parede e o Ollin Kan poderia não ter acontecido em Vila do Conde não fosse a ligação de Carlos Bartillotti a elementos do Curtas.

Excepção feita à Nuvem Voadora, todas as restantes associações viram os seus objectivos sofrer alterações ao longo dos anos.

A partir da 2ª edição do Festival Circular é criada a Circular - Associação Cultural, autonomizando-se em relação ao CCO. Verifica-se um “maior incremento das actividades pedagógicas”, através de residências artísticas, com o objectivo de “envolver o público”, originando o projecto Derivas Artísticas. Este tem concepção de Magda Henriques, sendo organizado pela Circular, associação cultural promotora do festival de artes performativas com o mesmo nome, em parceria com a Câmara Municipal de Vila do Conde. É um programa de actividades que vem ao encontro de um dos principais objectivos desta associação – promover a proximidade entre a arte e as pessoas.

Na Corda Bamba, devido à “fraca afluência e assiduidade dos alunos”, a Escola de Circo começou a não ser financeiramente viável e a associação acabou por a suspender “por falta de verbas”. Actualmente, os objectivos iniciais de formação e de criação estão interrompidos, até porque a maior parte dos elementos da associação está envolvido noutras actividades e nos seus próprios empregos. Resta a programação, agora assegurada por Manuela Magalhães, através do Cata-Vento, iniciativa que veio substituir a Convenção.

No Ollin Kan mantém-se o objectivo inicial, mas o formato do Festival encolheu no que ao número de espectáculos diz respeito (agora só no período nocturno), e o evento foi antecipado para o início de Junho, “de forma a não coincidir com outros festivais” (evitando a concorrência de oferta).

Já no Teatro de Formas Animadas, aquilo que começou com uma componente formativa passou a ter uma orientação artística e, no caso da Nuvem Voadora, os objectivos mantêm-se inalterados: juntar conhecimentos de áreas diferentes e criar uma plataforma de entreajuda para projectos individuais e colectivos. (o grande projecto colectivo é a Queima do Judas)

Público e financiamento são dois temas recorrentes ao longo das entrevistas para justificar a mudança em relação aos objectivos iniciais. Em matéria de financiamento dos projectos, como veremos a seguir, todos são subsidiados pela Câmara Municipal. Já no que respeita à questão dos públicos, nota-se uma preocupação por parte dos entrevistados em relação à aceitação e receptividade que os projectos encontram, nomeadamente, junto da comunidade local, ainda que não trabalhem em exclusivo para o

público vilacondense. Outro aspecto deve ser tido em consideração ao analisarem-se as alterações aos conceitos dos projectos iniciais: aquando da sua criação, todos os seus organizadores eram, como já referido, jovens e, portanto, com maior disponibilidade de tempo e de capacidade de entrega/entusiasmo em relação às actividades desenvolvidas. À medida que os anos passam, essa disponibilidade diminui – por razões profissionais ou pessoais – não se verificando uma necessária renovação nos órgãos directivos das associações. O caso mais dramático, deste ponto de vista, é o da Corda Bamba, cuja equipa de trabalho é constituída por elementos ligados às artes de palco (no caso concreto, circo) e atletas de ginástica acrobática, todos de Vila do Conde. Sucede que a maioria já se encontra afastada do trabalho desenvolvido pela associação. O outro caso que aqui merece referência particular é o TFA, dado que, neste momento, é um projecto pessoal de Marcelo LaFontana que recorre a colaborações externas mediante os projectos que desenvolve. São colaboradores sazonais, a maior parte dos quais de Vila do Conde.

Sendo certo que a falta de recursos humanos limita a capacidade empreendedora das associações, essa realidade acaba por se traduzir na actividade desenvolvida ao longo do ano. Importa aqui mencionar o caso do Curtas Vila do Conde que, nos últimos anos, se tem debatido com uma dificuldade caricata: a falta de voluntários, oriundos de Vila do Conde, para participar e colaborar com o evento. Uma situação que motivou a realização de um open-call, com distribuição de cartazes pela cidade, apelando à mobilização dos jovens. Dario Oliveira diz que a maioria dos colaboradores/voluntários do Curtas é oriunda de concelhos limítrofes, não encontrando uma justificação para a aparente falta de interesse por parte dos vilacondenses (admite que possa estar relacionada com a ideia de que deveriam ser tarefas remuneradas).

No conjunto das entrevistas realizadas, as dificuldades financeiras figuram como principal entrave a que se juntou, até recentemente, a falta de um espaço que permitisse o funcionamento de uma sede social. (esta lacuna foi ultrapassada, já em 2010, através da cedência de escritórios propriedade da Câmara Municipal⁴⁵). Apesar de todos os casos aqui analisados merecerem comparticipação financeira, e logística, por parte da Autarquia e, em alguns casos até apoios estatais através da DGArtes, a falta de recursos económicos é apontada como justificação para o lento crescimento dos eventos que desenvolvem, verificando-se que a capacidade para gerar recursos próprios ou encontrar mecenas privados é bastante reduzida. Assim, a dependência em relação aos apoios públicos é notória e, de resto, confirmada pelo próprio Presidente da Câmara ao declarar que “as associações culturais estão muito

⁴⁵ Tal cedência “ocorre pelo reconhecimento que a autarquia tem pela actividade de natureza cívica, cultural e desportiva desenvolvida pelas associações em prol do desenvolvimento do movimento associativo concelhio”, explicou a CMVC em comunicado aquando da celebração do protocolo. As colectividades beneficiárias desta cedência são: Associação de Desportos e Cultura do Concelho de Vila do Conde, Circular – Associação Cultural, Corda Bamba – Associação para as Artes do Circo, Nuvem Voadora – Associação Cultural e Os Rompe Solas – Clube de Atletismo de Vila do Conde.

dependentes dos subsídios que recebem, seja a nível da autarquia ou do estado. Se não forem apoiadas, deixam de existir”.

Apesar do esforço financeiro permanente desenvolvido pela Autarquia para apoiar os diferentes projectos, Mário Almeida sustenta que esse apoio é justificado com base nos seguintes critérios: diversidade de oferta, qualidade da programação que apresentam, capacidade de mobilização do público, sobretudo jovem. Ao investimento financeiro acresce toda a dinâmica logística, sobretudo ao nível da cedência de espaços para a realização das actividades e espectáculos. Espaços que obrigam a investimentos de conservação e manutenção constantes.

O excesso de burocracia e a complexidade das candidaturas a apoios estatais é um denominador comum apontado por todos os entrevistados. No caso da Nuvem Voadora, a burocracia verifica-se na própria cidade de Vila do Conde, onde não existe um espaço de ensaio, pelo que, sendo todos os seus elementos residentes nesta cidade, são obrigados a deslocar-se ao Porto para ensaiar.

Quando questionados sobre os impactos das suas realizações para Vila do Conde e para a oferta cultural da cidade, verifica-se uma sequência discursiva em relação ao conjunto de benefícios que advêm para a localidade: envolvimento com a comunidade local; captação de novos públicos; repercussões na economia local; geração de novos empregos (ainda que temporários). O Festival de Curtas Metragens é o único que gera emprego permanente, mobilizando várias pessoas ao longo do ano, para a realização dos projectos que, entretanto, se ramificaram em torno do evento. Na semana da sua realização, o Curtas movimenta uma equipa aproximada de 120 elementos.

No quadro da oferta cultural existente em Vila do Conde, os projectos aqui mencionados asseguram um calendário de actividades regulares ao longo do ano, com programas de diferentes naturezas artísticas, o que vem reforçar o ecletismo da oferta. Mas, como diz Marcelo LaFontana, todos estes projectos são “gotas dentro de um lago”, onde existem várias estruturas performativas que, no seu conjunto, contribuem para a “elevação do nível cultural e social dos vilacondenses”. A questão primordial é que “falta alguém com capacidade para olhar para o conjunto dessas estruturas”, o que nos remete, então, para a política cultural de Vila do Conde.

Como já vimos, esta assenta em dois pressupostos: atribuição de subsídios e apoios logísticos às colectividades por parte da Câmara Municipal; recuperação de edifícios do património arquitectónico para colocar ao serviço da cultura. E se, em relação aos subsídios todos os entrevistados consideram que os mesmos são “insuficientes”, já no que respeita à rede de equipamentos existente em Vila do Conde, todos são também unânimes ao afirmar que a cidade está bem dotada. Por se tratar de um equipamento recente, e há muito reivindicado, o Teatro Municipal é referido como uma mais-valia de extrema importância, sobretudo porque veio permitir a diversificação da programação cultural, agora mais

exigente. O problema, diz Pedro Correia, está na “falta de organização na gestão dos espaços” existentes e na ausência de uma grande sala para projectos criativos e experimentais de maior dimensão. Perante isto, verifica-se uma enorme dificuldade por parte dos entrevistados para entender e definir a política cultural seguida pela Autarquia. Paulo Vasques, da Circular, refere que “não há uma política cultural, mas sim projectos de associações que a Câmara apoia”. Deste modo, a política cultural está “condicionada” pela dinâmica das associações (e, como vimos, as associações estão condicionadas pelo apoio da Autarquia). Pedro Correia, da Nuvem Voadora, “como cidadão e como artista, nunca percebeu se existe um projecto” coerente e transversal a todo o município. Cita o caso do Teatro Municipal, o qual abriu sem desígnio de programação. Marcelo LaFontana, do TFA, aponta a falta de visibilidade pública dos projectos como argumento para a inexistência de uma política cultural em Vila do Conde (fala do caso “Ovni”), o que entronca numa outra debilidade. Apesar de todas estas estruturas possuírem um site na internet, o que demonstra alguma preocupação ao nível da comunicação e divulgação, falta uma estratégia de rentabilização de recursos e promoção junto dos *media*. A própria Câmara Municipal não dispõe ainda de um Gabinete de Comunicação e os sites não funcionam em rede, através de links para os outros projectos existentes em Vila do Conde. De resto, nem sequer apresentam um enquadramento da cidade ou qualquer referência às suas potencialidades turísticas⁴⁶ (seja ao nível do património, do lazer, dos equipamentos hoteleiros...), o que poderia suscitar maior interesse por parte dos visitantes online para frequentar os eventos e o seu território.

Do conjunto de entrevistados, o único que, pela sua relação mais distante com Vila do Conde, apresenta uma visão diferente relativamente à estratégia cultural de Vila do Conde é Carlos Bartillotti (Festival Ollin Kan). “Vila do Conde tem vindo a apostar numa oferta alternativa, como factor de diferenciação. Isso permite à cidade captar muito público, o que se reflecte na economia local”, diz.

Conforme já referido, a Câmara Municipal desenvolve programação cultural própria (mais visível após a inauguração do Teatro Municipal), mas não há, por parte dos responsáveis autárquicos, uma visão estratégica em termos de segmentação de públicos, a que alude Carlos Bartillotti. O Presidente da Autarquia refere: “Estamos a procurar novos públicos, diversificando a oferta em diferentes áreas culturais”. No entanto, reincide na mesma linha de orientação discursiva ao considerar que a grande aposta é a “valorização da actividade cultural desenvolvida pelas associações⁴⁷, daí a realização do Mês da Dança, Mês da Música, Mês do Teatro”⁴⁸. A este propósito, e tendo em conta que os eventos promovidos pela Câmara Municipal neste âmbito são de entrada gratuita, importa referir as críticas

⁴⁶ Esta situação ocorre, de igual modo, com o site do FICM.

⁴⁷ Note-se que, no âmbito desta valorização e reconhecimento, a Câmara de Vila do Conde atribuiu, em 2010, a Medalha de Mérito Municipal ao Associativismo ao Festival Internacional de Curtas Metragens, situação assim justificada pela própria Autarquia: “A imagem do Cineclub de Vila do Conde e do conceituado Festival Internacional de Curtas Metragens levou o nome do Concelho a todo o mundo, graças ao trabalho desenvolvido com grande entusiasmo e profissionalismo pelos seus fundadores: Dario Oliveira, Mário Micaelo, Miguel Saraiva Dias, Nuno Rodrigues e Rui Maia”.

⁴⁸ Esta programação inclui a apresentação de espectáculos realizados por associações locais, mas já não se realizou em 2010.

apontadas pelos entrevistados a esse facto, por entenderem que “a cultura e o trabalho dos artistas devem ser valorizados”.

De resto, e apesar da política de apoios seguida e dos critérios de atribuição dos mesmos incluírem a premissa da capacidade de mobilização de público, não existe avaliação de resultados dos eventos promovidos. As próprias associações não fazem estudos de público, seja porque não têm condições para tal (recursos humanos e financeiros), seja porque nem sequer os consideram necessários. Paulo Vasques, da Circular, apresenta o caso mais paradigmático desta situação. Ainda que já tenha equacionado a possibilidade de elaboração de um estudo de público, entende que “não vale a pena” porque conhece as pessoas que frequentam as actividades, maioritariamente de Vila do Conde.

Na continuidade da linha de pensamento relacionada com a política cultural, a hierarquização, por ordem de importância para a cidade, dos eventos que ocorrem em Vila do Conde é temática pouco esclarecida para os entrevistados. Todos têm dificuldade em responder a essa pergunta (mesmo o Presidente da Câmara Municipal), argumentando que se trata de uma questão de critérios. Apesar de algumas hesitações, foram mencionados os seguintes eventos: Festival Internacional de Curtas Metragens; Feira Nacional de Artesanato; Cursos de Aperfeiçoamento Musical; Cata-Vento; Queima do Judas; Circular; Ollin Kan; Feira de Gastronomia e as Festas de S. João⁴⁹.

Importa notar que todos os entrevistados mencionam a Feira Nacional de Artesanato (FNA) e o Festival de Curtas Metragens no decorrer das entrevistas, sem que haja perguntas directas e relacionadas com esses eventos. O facto de referirem a FNA pode ser explicado com o período temporal em que as entrevistas foram realizadas (final de Julho/início de Agosto de 2010, altura em que a FNA estava a decorrer). Outra das justificações possíveis tem a ver com a tal herança cultural já aqui referida e que as novas gerações vão absorvendo. Como refere Pedro Correia, da Nuvem Voadora, em Vila do Conde “as pessoas não estão habituadas a sair de casa para frequentar eventos culturais”. A excepção acontece, precisamente, no período em que decorre a Feira Nacional de Artesanato, certame que constitui uma espécie de ponto de encontro colectivo da comunidade local, sobretudo a residente na cidade⁵⁰.

Conclui-se, portanto, que a política cultural de Vila do Conde, apesar de pouco clara quanto à sua estratégia e finalidade, assenta numa dicotomia Câmara Municipal/Associações, sobretudo na dependência estabelecida, por um lado, do financiamento, por outro, da capacidade organizativa das associações para desenvolverem projectos desta natureza.

⁴⁹ Padroeiro de Vila do Conde.

⁵⁰ Apesar do crescimento do seu parque habitacional, e consequentemente da sua população residente, Vila do Conde é uma cidade pequena que se desenvolveu em torno do seu núcleo histórico quinhentista. À medida que se verificou o aumento dos agregados familiares, ocorreu também a expansão urbana do “velho burgo”, mas a população mantém afinidades entre si, sobretudo familiares, sejam directos ou mais afastados.

CONCLUSÕES

Embora conhecendo as limitações do presente estudo, é possível elencar um conjunto de ideias-chave que resultam da problemática, da informação e dos dados recolhidos. O nosso propósito, recorde-se, era interpretar as repercussões que um evento cultural desta natureza pode traduzir para a cidade, procurando perceber o que motivou a génese do Festival Internacional de Curtas Metragens numa cidade de pequena dimensão.

A abordagem metodológica seguida não é suficiente para que possamos falar em avaliação de impactos, até porque esses, como vimos, são difíceis de quantificar. Acresce que o estudo poderia ficar mais enriquecido caso se tivesse conseguido um inquérito de públicos do Festival; ou um inquérito aos residentes na cidade; ou, ainda, se fosse feita uma análise comparativa com dados obtidos através de um estudo similar, o que desconhecemos.

Por outro lado, debatemo-nos com algumas dificuldades na obtenção de informações que seriam uma mais-valia. Por exemplo, os relatórios de contas das várias edições do Festival que a própria organização do evento não conseguiu disponibilizar; ou os dados relativos às taxas de ocupação hoteleira de Vila do Conde, ao longo do período em análise que, curiosamente, não fazem parte das bases de dados do serviços de turismo municipais.

Não obstante, podemos concluir com segurança que o Festival Internacional de Curtas Metragens resulta da conjugação de diversos factores que identificámos ao longo deste trabalho: a experiência cinéfila dos seus organizadores; as condições favoráveis em Vila do Conde para o acolhimento de um evento com esta tipologia, desde logo pela receptividade encontrada junto da Câmara Municipal para o apoiar a nível logístico e financeiro. A cidade encontrava-se numa fase de evolução no que à política de recuperação de edifícios diz respeito, apostando na criação de novos espaços culturais. Por outro lado, havia (e ainda há) uma propensão “natural” por parte dos vilacondenses para se reconhecerem em projectos que os remetem para as questões da identidade e da memória colectiva. O Festival recupera a tradição iniciada com o Cineclube.

Em 1993, data da primeira edição do FICM, apenas se realizava em Vila do Conde um outro evento, de dimensão nacional, e com capacidade para projectar o nome da cidade, nomeadamente, através da comunicação social: a Feira Nacional de Artesanato. Como vimos, o volume de notícias que o Festival consegue gerar, sobretudo na semana da sua realização, coloca Vila do Conde no centro das atenções mediáticas, ainda que as notícias que fazem referência à cidade no título não cheguem a 30 por cento do total da amostra. A atenção que os jornais em análise têm vindo a ceder ao evento tem decaído nos

últimos anos, isto se tivermos em consideração o espaço reservado nas publicações para os artigos com ele relacionados. Esta situação é alheia ao próprio Festival, estando relacionada com critérios de organização e edição dos jornais.

O Festival alargou o seu âmbito de acção. Se inicialmente se limitava a apostar num género específico do cinema (precisamente quando este tendia para uma segmentação), veio, mais tarde, a incorporar outros géneros artísticos, de algum modo, relacionados com o cinema. Nos primeiros anos de transição, a crítica especializada não deixou de fazer reparos ao “desvio programático”, mas acabou por se render às inovações propostas.

Uma das repercussões mais evidentes do evento para Vila do Conde foi a sua expansão em termos de território, “invadindo” diversos espaços da cidade para a realização de iniciativas paralelas, dadas as limitações físicas do Auditório. Claro que a falta de equipamentos ou de condições poderia ter resultado numa quebra de ânimo ou de motivação por parte da organização do Festival, mas o que aqui se verificou foi, precisamente, o inverso. A ponto de o evento ser muitas vezes apontado como justificação para a necessidade de recuperação do Cine-Teatro Neiva.

Os resultados do inquérito que realizámos não revelaram novidades em relação a outros estudos sobre práticas culturais. Concluímos para a caracterização dos frequentadores do Festival que são jovens, licenciados, quadros e com hábito de frequência de outros eventos culturais, com particular destaque para a música e o cinema. O marketing «boca-a-boca» aparece como o meio mais frequente para a divulgação do evento entre os inquiridos, reforçando a teoria do público-mediador. E a internet como meio preferido para a obtenção/recolha de informação vem ao encontro do que vimos a propósito do efeito das novas tecnologias.

Relativamente à caracterização da política cultural de Vila do Conde é possível elencar que a estratégia de orientação seguida pela Câmara Municipal no que respeita aos equipamentos assenta na valorização do património existente, recuperando-o e colocando-o ao serviço das actividades culturais. No entanto, não existe articulação entre a programação oferecida nos diferentes espaços culturais da cidade, constatando-se, por vezes, a sobreposição de eventos. Se esta situação significa uma maior oferta, também implica uma dispersão de públicos.

Apesar de desenvolver programação cultural própria, a Câmara Municipal tem uma política de apoios financeiros, sob a forma de subsídios, às colectividades locais; por sua vez, as associações existentes e os projectos que desenvolvem não têm autonomia financeira, estando dependentes dos apoios da Autarquia/Estado, o que condiciona a sua actividade e obriga à reformulação dos conceitos programáticos iniciais. Estes projectos culturais são desenvolvidos, na sua maioria, por jovens que aproveitam conceitos já existentes, introduzindo-lhes modificações e adaptações contemporâneas, verificando-se a tendência para um legado cultural que passa de geração em geração.

Não existe programação orientada para públicos-alvo, nem avaliação de resultados das actividades desenvolvidas. Não obstante, a Câmara Municipal defende como critérios de atribuição de subsídios a diversidade de oferta, a qualidade da programação e a capacidade de mobilização do público, sobretudo jovem. Não existe um funcionamento em rede por parte das associações, trabalhando cada projecto de forma autónoma e sem conhecimento da acção desenvolvida pelos seus congéneres. E a própria Câmara Municipal não promove essa articulação.

Apesar do esforço de programação e produção, não existe uma estratégia de comunicação orientada para a divulgação e promoção dos eventos de índole cultural. Os sites das associações são vazios no que concerne à informação disponibilizada sobre a cidade onde se desenvolvem e a própria Câmara Municipal não dispõe de um gabinete de comunicação.

Em todo o caso, a dicotomia Câmara Municipal/Associações (poderíamos ainda referir as Escolas, já que existem projectos vocacionados para a formação de novos públicos junto dos estabelecimentos de ensino) é uma realidade que não pode ser ignorada. Não se tratando de um trabalho articulado em rede, porque nada aponta nesse sentido, constata-se uma interdependência entre as instituições: os projectos culturais não têm condições para vingar sem os apoios da Autarquia; sem a dinâmica das associações e dos projectos que desenvolvem, Vila do Conde seria, nesta altura, um “deserto” a nível cultural, dispondo apenas de equipamentos sem qualquer dinâmica.

BIBLIOGRAFIA

- Aas, Nils Klevjer (1997). "Flickering shadow. Quantifying the European film festival phenomenon". European Union Conference dedicated to the "Appropriate Promotion of European Films". Valladolid International Film Week, Valladolid, European Audiovisual Observatory, in http://www.obs.coe.int/online_publication/expert/00001262.html.en
- Aas, Nils Klevjer (2001). *Challenges in European cinema and film policy*. European Audiovisual Observatory, in http://www.obs.coe.int/online_publication/reports/aas.html
- Azevedo, Natália (2004). "Políticas culturais na Área Metropolitana do Porto: dos equipamentos locais à formação dos públicos da cultura". in Santos (org.) , Maria de Lourdes Lima dos, *Públicos da Cultura. Actas do Encontro organizado pelo Observatório das Actividades Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 24 e 25 de Novembro de 2003*. Lisboa, Observatório das Actividades Culturais: 211-222
- Bondanella, Peter (1998). "Umberto Eco e o Texto Aberto". Lisboa, Difel
- Carmo Reis, António (2003). "Nova História de Vila do Conde". Câmara Municipal de Vila do Conde
- Chantepie, Philippe (2009). "Les événements culturels: essai de typologie". *Culture Études*, 2009-3, in <http://www.culture.gouv.fr/deps>
- Correia, Faria (2005). "Para a história do Clube Fluvial Vilacondense". Vila do Conde, Clube Fluvial Vilacondense
- Costa, Pedro (2000). "Cultura e competitividade territorial: o caso do cinema português", *IV Congresso Português de Sociologia*. Coimbra, in http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dfa4909cd5_1.PDF
- Costa, Pedro (2007). "A Cultura em Lisboa. Competitividade e desenvolvimento territorial". Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- Crespi-Valbona, Montserrat, & Richards, Greg (2007). "The Meaning of Cultural Festivals: Stakeholder Perspectives in Catalunya". *International Journal of Cultural Policy*: 103–122
- Curran, James & Seaton, Jean (2003). "Power without responsibility: the press, broadcasting, and new media in Britain". London, Routledge
- Dayan, Daniel (2000). "Looking for Sundance: The Social Construction of a Film Festival". *Moving Images, Culture and the Mind*, Bondebjerg, Ib (ed.). Luton, Univ. of Luton Press
- De Valck, Marijke (2006). "Film Festivals: History and Theory of a European Phenomenon that Became a Global Network". *Dissertation*. Amsterdam, Univ. of Amsterdam, ASCA
- De Valck, Marijke (2007a). "As Várias Faces dos Festivais de Cinema Europeus [The Multiple Faces of European Film Festivals]". *A Indústria Cinematográfica Internacional: Europa*. Meleiro, Alessandra (ed.). São Paulo, Escrituras Editora
- De Valck, Marijke (2007b). "Film Festivals: From European Geopolitics to Global Cinephilia". *Film culture in transition*, Amsterdam, Amsterdam Univ. Press, in <http://dare.uva.nl/document/165315>

- Derrett, Ros (2000). "Can Festivals Brand Community Cultural Development and Cultural Tourism simultaneously?". *Events Beyond 2000: Setting the Agenda: Proceedings of Conference on Event Evaluation, Research and Education*, Allen, John & Harris, Robert & Jago, Leo K., & Veal, A. J. (ed.). Sydney, Australian Centre for Event Management
- Derrett, Ros (2003). "Festivals & Regional Destinations: How Festivals Demonstrate a Sense of Community & Place". *Rural Society*, vol. 13: 35-53
- Eco, Umberto (1991). "Apocalípticos e Integrados". Lisboa, Difel
- Elsaesser, Thomas (2005). "Film Festival Networks: The New Topographies of Cinema in Europe. European Cinema: Face to Face with Hollywood". Amsterdam, Amsterdam Univ. Press
- Ethis, Emmanuel (dir.) (2001). "Aux Marches du Palais. Le Festival de Cannes sous le regard des sciences sociales". Paris, La Documentation Française
- Ethis, Emmanuel (dir.) (2002). "Avignon, le public réinventé. Le Festival sous le regard des sciences sociales". Paris, La Documentation Française
- Esquenazi, Jean-Pierre (2006). "Sociologia dos Públicos". Porto, Porto Editora
- Evans, Owen (2007). "Border Exchanges: The Role of the European Film Festival". *Journal of Contemporary European Studies*: 23-33
- Ferreira, José Maria Cabral *et al.* (1998). "O Pelouro da Cultura nas Câmaras da Região Norte, Estatísticas e Estudos Regionais". Porto, CCRN
- Fortuna, Carlos & Silva, Augusto Santos (2002). "A cidade do lado da cultura: espacialidades e modalidades de intermediação cultural". Santos, Boaventura de Sousa (org.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto, Afrontamento
- Frey, Bruno S. (2000). "The rise and fall of festivals. Reflections on the Salzburg Festival". Institute for Empirical Research in Economics, University of Zurich, Working Paper Series
- Fung, Richard (1999). Programming the Public. [Queer Publicity: A Dossier on Lesbian and Gay Film Festivals]. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*
- Gomes, Rui Telmo (coord); Lourenço, Vanda & Neves, João Gaspar, *et al.* (2000). "Públicos do Festival de Almada". Lisboa, OAC
- Harbord, Janet (2002). "Film Festivals: Media Events and the Spaces of Flow". *Film Cultures*, London, Sage
- Ilczuk, Dorota & Kulikowska, Magdalena (2007). "Festival Policies of public authorities in Europe". *CIRCLE*, Varsóvia
- Iordanova, Dina (2008). "Special Issue on Film Festivals". *Film International*, Vol. 6
- Jauniskis, Vaidas (2009). "The flood of festivals". Eurozine (Abril, 2009), *in* <http://www.eurozine.com/articles/2009-04-17-jauniskis-en.html>

- Khodarahmi, Sue (2007). “The roots of language”. *Communication World* (Maio-Junho 2007), in <http://www.entrepreneur.com/tradejournals/article/162921405.html>
- Klippel, Heike (2008). “The Art of Programming, Film, Programm und Kontext”. Münster, LIT
- Loist, Skadi & De Valck, Marijke (2009). “Film Festivals / Film Festival Research: Thematic, Annotated Bibliography”, *Film Festival Research Network*, in http://www1.uni-hamburg.de/Medien/berichte/arbeiten/0091_08.html
- Matarasso, François (2003a). “Smoke and mirrors: a response to Paola Merli's «Evaluating the social impact of participation in arts activities»”. *International Journal of Cultural Policy*, Vol.8: 337-346
- Matarasso, François (2003b [1997]). “Use or Ornament? The social impact of participation in the arts”. Stroud, Comedia
- Matarasso, François et al. (2003c). “Local Government and the Arts. A vision for partnership”. London, Arts Council of England
- Mazierska, Ewa (2010). “Eastern European cinema: old and new approaches”, *Studies in Eastern European Cinema*. Vol.1: 5-16
- Melo, Sara Cristina Dias (2007). “Artes de rua e política cultural em Santa Maria da Feira”. *Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Inserção Social*. Porto, Faculdade de Economia
- Merli, Paola (2002). “Evaluating the social impact of participation in arts activities. A critical review of François Matarasso's Use or Ornament?”. *The International Journal of Cultural Policy*: 107-118.
- Miranda, José A. Bragança de (2002). “Teoria da Cultura”. Lisboa, Edições Sécuro XXI
- Neves, José Soares (2005). Despesas dos Municípios com Cultura 1986-2003. *Observatório das Atividades Culturais*, Lisboa
- Nichols, Bill (1994a). “Discovering Form, Inferring Meaning: New Cinemas and the Film Festival Circuit”. *Film Quarterly*
- Nichols, Bill (1994b). “Global Image Consumption in the Age of Late Capitalism”. *East-West Film Journal*
- Poggi, Marie-Hélène (2003). “La ville mise en mouvement par le cinéma. Génèse des formes spatiales et urbaines d'un festival”, *Protée*, Vol. 31 : 7-16
- Rieffel, Rémy (2003). “Sociologia dos Media”. Porto, Porto Editora
- Santos, Helena & Abreu, Paula (2002). “Hierarquias, fronteiras e espaços: o(s) lugar(es) das produções intermédias”. Fortuna, Carlos e Silva, Augusto Santos (orgs.). *Projecto e Circunstância. Culturas urbanas em Portugal*. Porto, Afrontamento: 211-253
- Santos, Helena (2002). “«Coisas que dão Sentido à Vida». Processos de Construção Social em Artes de Intermediação”. Dissertação de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Santos, Helena (2005). “Quadro de referência para a estratégia de concepção de políticas públicas no domínio da cultura para o Norte de Portugal”. *Seminário Norte 2015 - Pessoas*, Porto, CCDRN, in www.norte2015.com.pt

Santos, Helena (2007). “A cultura, o teatro e a cidade: dilemas e (in)visibilidades”. *IX Congresso Espanhol de Sociologia - Grupo de trabalho: Sociologia das Artes*, in http://www.cetacmedia.org/files/TeatroCidades_IXCES_Barcelona07.pdf

Santos, Helena; Dona, Nelson; & Cardoso, Ana (2006). “A banda desenhada e os públicos do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora”. Porto, Afrontamento

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) *et al* (1998). “As Políticas Culturais em Portugal”. col. OBS-Pesquisas nº 3. Lisboa, Observatório das Actividades Culturais

Silva, Augusto Santos (2000 [1995]). “Políticas culturais municipais e animação do espaço urbano - uma análise de seis cidades portuguesas”. Silva, Augusto Santos, ed. *Cultura e Desenvolvimento. Estudos sobre a relação entre ser e agir*. Oeiras, Celta: 119-137

Silva, Augusto Santos (2002). “A dinâmica cultural das cidades médias: uma sondagem do lado da oferta”. Fortuna, Carlos e Silva, Augusto Santos (orgs.), eds. *Projecto e Circunstância. Culturas urbanas em Portugal*, Porto, Afrontamento: 65-107

Silva, Augusto Santos & Santos, Helena (2004). “A transformação cultural de cidades médias, segundo os seus agentes culturais”, *Colóquio Produção cultural e transformação da cidade: perspectivas transdisciplinares*, pelo DINAMIA, ISCTE (Lisboa)

Stringer, Julian (2001). “Global Cities and International Film Festival Economy, Cinema and the City: Film and Urban Societies in a Global Context”. Shiel, Mark & Fitzmaurice, Tony (ed.), Oxford, Blackwell

Stringer, Julian (2003). “Regarding Film Festivals”. *Dissertation*. Univ. of Indiana, Department of Comparative Literature

Stringer, Julian (2008). “Genre Films and Festival Communities: Lessons from Nottingham, 1991-2000”. *Film International Research*: 53-59

Turan, Kenneth (2002). “Sundance to Sarajevo: Film Festivals and the World They Made”. Berkeley, CA, Univ. of California Press

Vauclare, Claude (2009). “Les événements culturels: essai de typologie”. Département des études, de la prospective et des statistiques, in <http://www.culture.gouv.fr/deps>

Outras Fontes

Catálogos do Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde (1993-2009)

Carta Educativa Concelhia (2006)

Jornal de Vila do Conde (vários: 1990-2009)

Boletim Municipal de Vila do Conde (vários: 2003-2009)

Dossiers de Imprensa do FICM (jornais: Diário de Notícias, Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro, Público, O Comércio do Porto e imprensa local diversa, entre 1993 e 2009)

Fontes Estatísticas

INE (www.ine.pt)

CMVC (www.cm-viladoconde.pt)

MC (França) (<http://www.culture.gouv.fr/nav/index-stat.html>)

Sites

Curtas Vila do Conde www.curtas.pt

Instituto de Cinema e Audiovisual www.ica-ip.pt

Corda Bamba-Associação para as Artes do Circo www.cordabamba.com

Associação Cultural Nuvem Voadora www.nuvemvoadora.com

Teatro de Formas Animadas www.tfa-portugal.com

Festival Ollin Kan Portugal www.ollinkanportugal.com

Circular-Festival de Artes Performativas www.circularfestival.com

Agência da Curta Metragem www.curtasmetragens.pt/agencia

ANEXOS

Festivais de Cinema em território nacional

Festival	Ano de Fundação
Festival Internacional de Cinema do Algarve	1972
Cinanima - Festival Internacional de Cinema de Animação	1976
Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto	1980
Festroia - Festival Internacional de Cinema	1984
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde	1993
Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente	1994
Avanca - Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia	1996
Queer - Festival de Cinema Gay e Lésbico	1996
Imago - Festival Internacional de Cinema e Vídeo Jovem	1999
Monstra - Festival de Animação de Lisboa	2000
Fike - Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora	2000
Doclisboa - Festival Internacional de Cinema Documental	2002
Festival Temps d'Images	2002
Indielisboa - Festival Internacional de Cinema Independente	2003
Festival de Cinema de Terror de Lisboa	2006

Fonte: ICA

ANEXO 2: Festivais de Cinema na Europa (1997)

Festivais de Cinema na Europa

País	N. de Festivais	N. de Admissões	N. de curtas/docs programados
Áustria	4	78.800	174
Bélgica	12	284.100	607
Croácia	1	30.000	200
Rep. Checa	2	2.400	89
Dinamarca	3	86.000	100
Estónia	1	3.500	SI
Finlândia	4	74.000	498
França	166	1.781.500	7.865
Alemanha	20	604.900	1.145
Grécia	2	49.900	72
Irlanda	3	54.500	300
Itália	17	196.000	1.074
Malta	1	900	110
Holanda	4	326.000	278
Noruega	1	15.000	SI
Polónia	3	47.000	321
Portugal	5	86.000	591
Roménia	1	5.000	85
Rússia	1	SI	SI
Eslovénia	1	187.000	125
Espanha	13	198.800	1.051
Suécia	4	158.900	503
Suiça	12	232.100	516
Turquia	2	141.000	263
Ucrânia	1	152.000	138
Inglaterra	6	162.100	856
Total	290	4.957.400	16961

Fonte: Aas, 1997

O Teatro Municipal de Vila do Conde foi inaugurado a 27 de Junho de 2009, ano em que o Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema mudou, finalmente, a sua “residência” para as novas instalações. No Boletim Municipal de Vila do Conde, edição de Julho 2009, é publicado um texto a propósito desta inauguração que aqui se reproduz com a finalidade de documentar o processo que conduziu à reabilitação do antigo Cine-Teatro Neiva:

“Inaugurado em 1947, propriedade do empresário Joaquim de Oliveira Neiva, o Cine-Teatro Neiva veio preencher o vazio deixado pela degradação da sala do teatro Afonso Sanches, à medida que avançava a década de 40 do século XX. É um dos mais emblemáticos edifícios da cidade, típica construção do chamado estilo “Estado Novo”, que se pretende ver renascido como equipamento catalizador das actividades culturais de Vila do Conde, em especial nas áreas do cinema, teatro, música, canto e dança.

Passada a sua fase áurea, o edifício passou a representar uma fragilidade – por se situar em pleno centro da cidade um edifício degradado – e uma oportunidade a que a Câmara Municipal de Vila do Conde sempre se mostrou atenta, rejeitando as propostas de promoção imobiliária apresentadas pelos antigos proprietários.

Aproveitando o lançamento pelo Ministério da Cultura do programa Rede Nacional de Recintos Culturais e de Cine-Teatros Históricos, a Câmara Municipal apresentou a necessária candidatura, que permitisse dar resposta ao forte movimento cultural que se desenvolve na nossa terra.

A qualidade do projecto fez com que, em Março de 1999, o Ministério da Cultura estabelecesse um Protocolo com a Câmara Municipal para a recuperação do edifício. Assinado em 11 de Julho de 1999, no âmbito desse Protocolo para a recuperação e ampliação do Cine-Teatro Neiva, competia à Autarquia elaborar os projectos necessários à intervenção. Após uma sucessão de avanços e recuos por parte do Governo, a obra acaba suportada pela Câmara Municipal, com apoios do Plano Operacional da Cultura e do Programa de Intervenções para a Qualificação do Turismo. Representa um investimento global de cerca de sete milhões de euros, e constitui um elemento fundamental para a estratégia de dinamização cultural de Vila do Conde, que pretende continuar a afirmar-se na Área Metropolitana do Porto. Dotado de excelentes condições de conforto para os espectadores e equipado com modernos serviços de apoio, o novo Teatro Municipal vai permitir a realização de eventos de dimensão nacional e internacional e um reforço do investimento cultural no nosso Concelho. O projecto de recuperação e ampliação do Cine-Teatro Neiva, corresponde à interpretação do Programa de Adaptação e Instalação de Recintos Culturais. A análise às condições de exibição e assistência do imóvel existente, levou a equipa de arquitectos, liderada pelo Arq.º Maia Gomes, a propor uma profunda reformulação da compartimentação interior do edifício e operar a sua ampliação, de modo a criar condições objectivas de conforto e operacionalidade. Assim, o projecto mantém aproximadamente a lotação do Cine-Teatro antigo fixa em 605 lugares, sendo agora provido das condições de conforto para os espectadores, equipado com serviços de apoio redimensionados, e dotado de mais duas salas complementares à do auditório principal, uma sala polivalente e uma sala experimental. Os 605 lugares da sala principal repartem-se pela plateia, 1º e 2º balcão e galerias dispostas no prolongamento dos balcões. A caixa de palco dispõe de uma teia mecanizada apoiada em balcões com dimensões que possibilitam a realização de todo o tipo de espectáculos, o fosso de orquestra permitirá instalar aproximadamente 50 músicos, para a realização de espectáculos de ópera. A intervenção realizada visou a manutenção das fachadas principal e lateral, quadruplicando-se o volume do edifício existente, com ampliação efectuada através do seu prolongamento para norte. O acesso de serviço à caixa de palco será efectuado através de arruamento entre a Av. João Canavarro e a Av. Dr. Cunha Araújo. Este arruamento a situar no interior do quarteirão das escolas vai estruturar um conjunto de equipamentos de carácter formativo e cultural, estando programada a construção neste local da escola profissional da Associação Comercial Industrial de Vila do Conde. Possibilitará também construir uma área de estacionamento subterrâneo com capacidade de 300 lugares. Este parque

funcionará como apoio às actividades de comércio e serviços durante o horário laboral, permitindo aparcar as viaturas dos utilizadores deste novo equipamento”.

Aquando da inauguração do novo Teatro Municipal (2009), a Autarquia divulgou uma breve nota sobre a projecção de cinema em Vila do Conde, da autoria do Arquitecto Maia Gomes, e que aqui se transcreve:

“As primeiras projecções de cinema em Vila do Conde decorreram na Praça da República, numa espécie de cinematógrafo montado em estrutura de levante, conforme documentado em fotografias datáveis dos anos 20. A exibição regular de cinema foi iniciada no antigo Teatro Afonso Sanches, num edifício que ainda hoje existe (apesar de profundamente transformado) servindo actualmente como instalações de uma loja de Pão Quente e Cafeteria (antiga Casa Catela). O Teatro Afonso Sanches, cuja existência já se documentava em 1916, foi em conjunto com o Casino de Vila do Conde e Hotel Avenida, obra de uma sociedade de accionistas Vilacondenses que investiram fortemente na animação da “praia de Vila do Conde”, oferecendo actividades de carácter recreativo e hoteleiro a uma população que descobria a praia como uma nova medida higienista. No final dos anos 30 devido à enorme crise provocada, primeiro, pela guerra civil espanhola depois pela II Guerra Mundial, mas fundamentalmente pela transferência do Casino para a vizinha Póvoa de Varzim, as actividades centradas na estância balnear de Vila do Conde entraram em decadência, assim como o próprio teatro Afonso Sanches, objecto de um processo de ruína. Perante este cenário de decadência de uma actividade antes muito relevante para a animação do Verão Vilacondense, os accionistas da sociedade balnear foram cedendo as suas acções, muito desvalorizadas, à Misericórdia de Vila do Conde que assim tomou posse da maioria do capital da empresa. No início dos anos 40 a Misericórdia constrói (nas traseiras das garagens sitas na Rua Conde Margaride) na Avenida Júlio Graça, uma espécie de barracão onde instala a chamada “Esplanada da Misericórdia”. Durante anos a projecção de cinema ocorre nestas instalações precárias, até á inauguração do Cine Teatro Neiva, aberto ao público em 1947, no meio de uma forte polémica. Após 40 anos de exibição regular de cinema e outros eventos, designadamente o teatro, o Cine Teatro Neiva encerra as suas portas por volta de 1987, ficando a cidade desprovida da única sala de espectáculos construída de raiz. Data desta altura a decisão da Câmara Municipal de proceder a um vasto programa de regeneração urbana, instalando em edifícios de valor arquitectónico reconhecido, um conjunto de equipamentos culturais que hoje estruturam a oferta criativa da cidade. Assim, procede-se á construção do Auditório Municipal instalado na antiga Casa dos Vasconcelos, que abre as suas portas em 1991, retomando a exibição regular de cinema. Uma palavra final para a actividade cineclubista em Vila do Conde: em 1959 é fundada no Clube Fluvial Vilacondense uma secção de cinema que se dedica à divulgação do cinema de autor, antecedendo no tempo o Cineclube de Vila do Conde que viria a ser fundado em 1990 (...).”

ANEXO 5: Análise de conteúdo: sinopse das notícias seleccionadas

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destaques
Público	1992.10.21	Sérgio C. Andrade	Vila do Conde lança Festival da Curta Metragem	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1/4		Programa/ Génese	Sem citações	1ª edição	“o primeiro no nosso país exclusivamente dedicada a este género cinematográfico”, “está assegurado o apoio da Câmara local”
DN	1992.10.26	Manuel Carlos Mendes	Vila do Conde terá primeiro festival só dedicado às curtas metragens	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1	1 - Manoel de Oliveira	Programa/ Génese	Nuno Rodrigues e Miguel Dias - Cineclube	1ª edição	“Para pôr de pé um certame com esta importância nacional e internacional, são precisos apoios avultados”, “Cineclube de Vila do Conde está a estudar formas de colaboração com as escolas do concelho”
Comércio	1993.03.14	Rita Senos	Cinema em menos tempo	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1/2	1 - Auditório	Programa	Sem citações	1ª edição	“Certame inédito no nosso País”, “iniciativa inédita no nosso panorama cinéfilo”,
Comércio	1993.03.14	António Diegues Ramos	Os primeiros filmes	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1/2		Génese	Dario Oliveira - Cineclube	1ª edição	“aventura”, “Câmara de Vila do Conde foi 1 das vozes empenhadas desde o início”, “este certame é um risco assumido”
PJ	1993.03.16	SI	O lugar aos pequenos grandes filmes	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1/2		Programa/ Génese	Sem citações	1ª edição	“Acontece cinema 'diferente' em Vila do Conde”, “Cineclube (...) tem dado provas de 1 dinâmica que vem crescendo”, “(...) verdadeiras maravilhas cinematográficas que se produzem em ponto pequeno”
JN	1993.05.19	SI	Curtas-Metragens em Vila do Conde	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	Breve	0	Programa	Sem citações	1ª edição	“O festival (...) apresentará curtas metragens inéditas e filmes galardoados...”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destques
JVC	1993.05.20	SI	Junho: Vila do Conde vai “mexer”	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	Breve - Última	0	apresentação do festival	Sem citações	novo evento	“Esta iniciativa do nosso Cineclube é já um êxito antecipadamente assegurado (...)”, “(...) tema de conversa obrigatória nos meios nacionais ligados à cultura e, claro, ao cinema”, “(...) verdadeiramente importante acontecimento (...)”
Público	1993.06.16	Augusto M. Seabra (crítico)	Curta-Metragem, grande cinema	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	1	0	1ª edição	Sem citações	Programa / Importância da curta-metragem	“Nos grandes festivais de cinema, as curtas-metragens são sempre o parente pobre. Tão pobre que, mesmo os que depois têm opinião, as não vêem, tão pobre que, num recente festival de Berlim, um júri decidiu, taxativa e justificadamente, nem sequer atribuir prémio (...)”, “O festival de Vila do Conde, pelo espaço que vem preencher e pela notável programação, é já 1 das mais importantes propostas no panorama cinematográfico português”, “Este festival de Vila do Conde pode ser um grande acontecimento de cinema, que corre o risco de não ser suficientemente notado. se os críticos de cinema não repararem, a culpa não é do cinema nem das curtas-metragens, mas das vistas curtas” - analogia com 1 situação ocorrida em Cannes e relatada na abertura do artigo.
JN	1993.06.18	José Miguel Gaspar	Curtas e boas... metragens	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2		abertura da 1ª edição	Dário Oliveira - Cineclube e Saraiva Dias - CMVC	sessão de abertura	“Pelo que já se viu, muito se pode esperar e isto para dizer o mínimo”, “Vale a pena a deslocação a Vila do Conde, onde poderão ser vistas coisas que nunca passarão à frente dos olhos do grande público das salas de cinema”
PJ	1993.06.19	Humberto Lopes	Nasceu um Festival	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	1	1 - filme	1ª edição	Sem citações	1ª edição	“(...) no medonho deserto cultural que assola o país real, o FICMVC apresenta-se com 1 bem definida identidade e com um projecto a desenvolver”
JVC	1993.06.24	SI	1º Festival Internacional de Curtas Metragens: sob o signo da qualidade	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	Breve - 1ª	1 - realizador premiado	Balanco final	Citações de textos de outros jornais	sucesso da 1ª edição	“Só faltaram os apoios estatais”, “E a capital, remirando o seu umbigo, esquece e desmerece quanto se faz fora dos seus estreitos muros (...)”, “Será que a sonora realidade deste excelente festival acordará os incrédulos e sonolentos “donos” da cultura?” “Vila do Conde viveu grandes momentos e o nosso Cineclube está de parabéns”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destques
Comércio	1994.06.20	Miguel Reis Miranda	Batalha da credibilidade foi ganha	coincidente com o corpo da notícia (metafónico)	Reportagem	1	5 - filmes	Balanço final	Zita Seabra - ICA, Amir Labaki - curador de mostras brasileiro	Prémios e encerramento	“No rescaldo do segundo FICMVC, podemos dizer que a batalha foi ganha”, “O cineclube conseguiu montar um certame sem paralelo no nosso país”, “(...) garantiram já a virtude mais importante para um projecto deste tipo: a credibilidade”
DN	1994.06.22	Rodrigo Afreixo	A consagração de um festival	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	3/4	1 - filme	Balanço final	Zita Seabra - ICA	sessão de encerramento	“A segunda edição do FICM de Vila do Conde foi consagrada por unanimidade e louvor”, “NUNCA, em Portugal, nenhum festival demorou tão pouco até atingir a mais absoluta consagração”, “(...) simpatia e eficácia irrepreensíveis da organização; o encanto de Vila do Conde, que reúne todas as condições para que o certame decorra como verdadeiro acontecimento centralizador das atenções (...)”, “num Auditório Municipal a abarrotar”, “as secções paralelas não poderiam suscitar maior curiosidade”, “O II FICM pareceu também revelar-se, este ano, como um local de encontro privilegiado para o cinema português”, “o sucesso deste festival vem, em grande parte, da coerência global do projecto”.
DN	1995.06.15	Rodrigo Afreixo	Revisão da matéria (não dada)	coincidente com o corpo da notícia (metafónico)	Reportagem	3/4	1 - filme	Abertura da 3ª edição	Zita Seabra - ICA, Mário Almeida - CMVC	sessão de abertura	“A sessão de abertura (...) seria consagrada aos 100 Anos de Curtas-Metragens (...) com 1 divertida selecção a cargo da comissão organizadora”, “Mas não ficaríamos por aqui a nível de descobertas”
Comércio	1996.07.09	Miguel Reis Miranda	A rebentar pelas costuras	coincidente com o corpo da notícia (metafónico)	Reportagem	1/2		Balanço final	Sem citações	Limitação de espaço do Auditório	“(...) o certame já não cabe no Auditório Municipal”. “(...) aquele espaço esteve sempre a rebentar pelas costuras”, “Se mais pretextos não existissem, o festival já constituía, só por si, um excelente motivo para recuperar 1 sala de espectáculos (...)”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destaques
Comércio	1998.07.14	Miguel Reis Miranda	Procura-se casa nova	com o corpo da notícia (metafórico)	Reportagem	1	1 - filme	Balanço final	Mário Almeida - presidente CMVC	Prémios e Cine-Teatro Neiva	“(...) insuficiência do Auditório Municipal para acolher o muito público (...)”, “(...) o espaço nobre do festival rebenta facilmente pelas costuras”, “O festival de Vila do Conde corre hoje em pé de igualdade com os melhores do género que acontecem por essa Europa fora”
Público	1998.08.13	Augusto Santos Silva	E pur si muovel!	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	1/2		oferta cultural do país	Sem citações	disseminação da cultura pelo território nacional	“(...) julgo que tem crescido a qualidade média dos acontecimentos culturais de Verão promovidos fora das 2 cidades de Lisboa e Porto”, “A acção das câmaras municipais tem sido determinante, materializando-se 1s vezes na própria organização, noutras vezes no apoio aos produtores de festivais e feiras”, “(...) outros, porque criaram um nicho e, portanto, 1 singularidade que enriqueceu a diversidade da oferta disponível: são bons exemplos o FICM Vila do Conde, o Citemor, em Montemor-o-Velho, ou o Centro Cultural de Almancil”, “(...) as iniciativas de que falo produzem, globalmente, e ao mesmo tempo, efeitos positivos de disseminação pelo território e efeitos positivos de diversificação das obras e das formas a que as pessoas têm acesso”.
Comércio	1999.07.13	SI	Mais dois prémios de cinema	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2		Premiados	Manuel Maria Carrilho - Ministro Cultura, Mário Almeida - presidente CMVC	Prémios e Cine-Teatro Neiva	“Ministério da Cultura e autarquia vilacondense assinaram (...) um protocolo para a remodelação e equipamento do Cine-Teatro Neiva (...), MA - “este apoio [do MC] justifica-se pela actividade cultural existente em Vila do Conde e que inclui o Festival de Curtas-Metragens”
PJ	1999.07.16	Carla Sofia Martins	Cine-Teatro Neiva vai ser recuperado até 2001	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1	1 - MA e JMCarrilho	Balanço final	Mário Almeida - presidente CMVC, Dario Oliveira - organização, Manóel de Oliveira e Alexander Sukurov	assinatura protocolo recuperação do Neiva e encerramento do festival	Citações de MA: “É imperiosa a recuperação do Cine-Neiva”, “[Curtas] precisa de mais espaço”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destques
JN	2000.06.28	José Miguel Gaspar	Festival de Vila do Conde aumenta espaço do público	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2	1 - montagem da tenda ao ar livre	apresentação do festival	Saraiva Dias - CMVC	cinema ao ar livre e programa	“Afirmando-se definitivamente como o principal motor de divulgação dos filmes de curta-metragem portugueses (...)”, “Foi o êxito do FICM que obrigou à recuperação do Cine-Teatro Neiva”.
PJ	2000.07.03	SI	Sala ao ar livre com óptimas condições	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1	1 - Dario Oliveira	apresentação do festival	Dario Oliveira - organização e Saraiva Dias - CMVC	cinema ao ar livre e programa	“FICM luta contra a falta de espaço”, “Daqui a dois anos é provável que o Cine-Teatro já esteja pronto (...)”, “as instalações do Auditório são insuficientes (...)”, “esta é apenas 1 solução temporária [cinema na tenda]”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destques
Comércio	2001.06.02	Mónica Monteiro	Vila do Conde apresenta 3 novos projectos	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2		Visita do Ministro da Cultura a Vila do Conde	José Sasportes - ministro cultura, Mário Almeida - presidente CMVC	Projecto de novos equipamentos de Vila do Conde	“O protocolo para a recuperação e ampliação do actual espaço [Cine-Teatro Neiva] foi assinado em Julho de 1999”, “Mário Almeida tem esperança de já lá poder realizar em 2003 o Festival Internacional de Curtas-Metragens”
JN	2002.06.20	Céu Salazar	Curtas Metragens sem patrocínios	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/4		apresentação do festival	Dario Oliveira - organização	falta de apoios	“A festejar dez anos de vida, o FICMVC vê o seu futuro comprometido”, “Grandes empresas sediadas no concelho continuam a negar apoios aos festival”, “(...)sérias dúvidas de que em 2003 consiga montar o projecto (...)”
Público	2002.07.15	Augusto M. Seabra (crítico)	Filme é...?	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	1/2	1 - filme	10ª edição do festival	Sem citações	ganhos e perdas na perspectiva de um espectador	“O modelo de Roterdão e outros, de museus e espaços de exposição, informaram a montagem de várias instalações na Alfândega Régia de Vila do Conde, belo espaço mas que, pelo próprio objecto museológico, foi de todo inadequado. Do mesmo modo, a generalidade das realizações musicais ao vivo acompanhando diversos tipos de projecção foi indigesta (...)”, “Na contabilidade dos ganhos e perdas que um espectador estabelece com um festival, 2 obras deram-me a ida a Vila do Conde como 'ganha' (...)”
Público	2003.06.29	Sérgio C. Andrade	A cidade à espera das curtas-metragens	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	3/4	1 - Vila do Conde	Antecipação da edição do festival	Mário Almeida - CMVC; comerciantes; agentes culturais	impacto do festival para a cidade	“Na cidade, os comerciantes fazem contas optimistas à aproximação de mais 1 edição”, “problemas de estacionamento”, “crescimento de clientes de ano para ano”, - citação de George Boulon, director do festival de Clermont Ferrand: “Vila do Conde 'é um lugar raro, único na Península Ibérica, de comunicação de criadores de todo o mundo”.
Público	2003.07.07	Mário Jorge Torres (crítico)	O melhor palmarés dos últimos anos em Vila do Conde	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1	1 - filme	Balanco final	Sem citações	premiados do festival	“um grande palmarés, o melhor de que nos lembramos em Vila do Conde (...)”, “Este ano, o festival e o júri estão de parabéns”, “Este ano, tudo correu bem em Vila do Conde, apesar de um arranque algo morno”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destaques
DN	2005.07.09	Marcos Cruz	O amor não é cego	coincidente com o corpo da notícia (metafórico)	Reportagem	1	1 - filme	Balanço final	Sem citações	Comentário filmes exibidos	“Gastar 40 minutos de um reduzido pacote competitivo nacional com um filme que, quando muito (...) poderia aceitar-se n1 galeria de arte (...) não é servir o cinema que se faz por cá”, “Julgo que o público do festival merecia este esclarecimento [por parte da direcção do festival, já que grande parte da audiência abandonou a sala a meio do filme de Pedro Caldas]”, “Se os seus directores valorizam no impulso artístico 1 espécie de pureza ou algo tendente a isso, dêem eles próprios o exemplo e assim que já não lhes dá gozo fazer o festival que faziam”
Público	2005.07.04	Inês Nadas	Do Cine-Teatro Neiva a Picadilly, em Vila do Conde	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1	1 - filme	Abertura da 13ª edição	Mário Almeida - presidente CMVC	do Auditório/r ecuperação do	“Reabertura do cine-teatro (...) pode ser desbloqueada esta semana”, MA - “Esperamos 1 decisão final do MC até ao fim da próxima semana”, “[festival] já justificava um espaço com condições mais dignas”
Comércio	2005.07.04	Luísa Marinho	Cinema experimental e vídeos musicais dominam primeira sessão competitiva	coincidente com o corpo da notícia	Notícia	1/2	1 - filme	Comp. Internacional	Sem citações	Programa	só descreve a programação do dia
Comércio	2005.07.04	Luísa Marinho	Futuro do Cine-teatro Neiva decidido até ao final da semana	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2	1 - filme	Abertura da 13ª edição	Mário Almeida - presidente CMVC	Recuperação do Cine-Teatro Neiva	“(...) até ao final desta semana será decidido o futuro do cineteatro Neiva”, “o Auditório Municipal (...) há muito que deixou de ter as condições necessárias para acompanhar o crescimento do evento”, “(...) faltando para isso as verbas do Ministério da Cultura”
PJ	2005.07.03	Daniel Ribas (argumentista)	Cinema em estado puro	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	1	1 - filme	destaques do festival	Sem citações	características do evento	“(...) momento único no panorama cinematográfico (...)”, “(...) imagens e sons que não podemos ver muitas vezes (...) [retrospectivas], “Em Vila do Conde, estamos (...) a ver aquilo que realmente importa”, “(...) ambiente único e entusiasmante (...)”

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Género	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destaques
Público	2005.07.11	Augusto M. Seabra (crítico)	Curtas notas de um festival	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	1		Opinião	Sem citações	balanço / comentário	A propósito da criação de novas secções como o work in Progress ou os filmes-concerto: “(...) tem para mim sido, como espero que um festival seja, um espaço de descobertas e reencontros...”, “(...) agora que conjuntamente com as Curtas de Vila do Conde existem em Lisboa o 'Indie' e o 'Doc', que há 3 realizações anuais de maior relevo e todas elas sintonizadas com a contemporaneidade, tanto mais há razões que suscitam 1 efectiva discussão de questões de cinema...”, “(...) se Vila do Conde me condensa perplexidades, essas, se têm a ver com o trajecto e a cultura específica do festival, não lhe são restritas, antes são questões do cinema e das visibilidades contemporâneas (...)”, “(...) há um risco enorme (...) de diluir tudo num conjunto geral de 'imagens'; se não estiver claramente presente a diferença de estatutos, um filme, um videoclip musical, a capa de 1 revista ou 1 campanha publicitária teriam então o mesmo valor - e não creio, de modo nenhum, que tenham”.
JN	2006.06.23	Sérgio Almeida	Curtas 2006 imune à crise	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2	1 - filme	apresentação do festival	Dario Oliveira - organização	falta de apoios e programa	“Ao reforço da programação não correspondeu o desejado salto orçamental”, “o FICMVC apresenta-se mais ambicioso do que nunca”, “um dos mais sólidos festivais de cinema portugueses”, “rejuvenescimento do público que ocorre aos eventos”
JN	2006.07.08	Sérgio Almeida	Experimentar e voltar a dar é a nova receita do «Curtas»	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	3/4	1 - filme	Programa de abertura	Dario Oliveira - organização	Programa	“Mas, pese embora a concorrência crescente, o FICM, que hoje se inicia, continua a ser a referência máxima em Portugal do que de mais estimulante se produz fora do circuito dos grandes estúdios”, “As críticas feitas ao alargamento do conceito inicial do “Curtas” não abalam a certeza dos organizadores”, “O investimento da organização [Take One] permitiu, também, já no ano passado, o rejuvenescimento do público frequentador do festival”.

Fonte	Data	Autor	Título	Temática do título	Gênero	Dimensão (pág.)	Fotografia	Tema	Intervenientes	Foco	Destaques
DN	2009.07.07	João Lopes (crítico)	Finalmente o Teatro Municipal	coincidente com o corpo da notícia	Opinião	Breve		Opinião	Sem citações	Mudança de instalações	“Num país nem sempre capaz de defender o património arquitectónico, em particular na área dos equipamentos culturais, a reabertura desta sala é um exemplo de como é possível mobilizar dinheiros e competências para revalorizar o que não faz sentido perder”, “Um festival é feito de filmes, mas só pelo Teatro Municipal já vale a pena vir a Vila do Conde”
Público	2008.07.13	Samuel Silva	Vila do Conde tenta mostrar que há vida cultural para além do Festival de Curtas	coincidente com o corpo da notícia	Reportagem	1/2	1 - Maia Gomes (pequeno texto em caixa sobre o Teatro Municipal)	Cultura em Vila do Conde	Elisa Ferraz - CMVC; Miguel Dias e Dario Oliveira - Curtas; Gil Ramos - Bildmeister; Paulo Vasques - Circular; Valter Hugo Mãe - escritor	Festival como OVNI? Debate de desmistificação desta ideia	“Ninguém concorda com a ideia do festival internacional de curtas-metragens como um OVNI n1 terra onde nada acontece”, “O Curtas é antes um rebocador”, “Ninguém duvida da importância do festival”

Artigo de opinião de Augusto M. Seabra, publicado no Jornal Público, edição de 16 de Junho de 1993⁵¹

“Curta-metragem, grande cinema

A cena passou-se em Cannes. Era “o dia seguinte”. Alguém, que tinha sido jurado no Festival, lia um jornal, conforme aos seus hábitos, com a particularidade de naquele dia o assunto da leitura ser o comentário a decisões de que era responsável. Quase como num filme, eis que passa e – amigos que são – saúda o leitor o primeiro signatário do preciso texto que estava a ser lido. Foi a nota imprevista, porque o resto, o texto e as críticas, eram de acordo com o esperado, e nem era crucial encetar qualquer discussão. Até que, prosseguindo na leitura...

Os autores do texto entendiam ironizar com o júri por este, no capítulo das curtas-metragens, ter dado a Palma de Ouro a (“grande descoberta!”) Jim Jarmusch. Quando acabou a leitura e se foi despedir de todo esse grupo de signatários, o jurado não resistiu a fazer a crítica das críticas. Mas porque é que as curtas-metragens não-de estar confinadas ao estatuto de “filmes-anúncio” de autores por vir? O que impedia Jarmusch ou, porque não?, um Godard, de estar no concurso das curtas-metragens? Mais, havia duas perguntas a fazer. Repararam eles por acaso que o júri tinha atribuído o que o regulamento taxativamente lhe impunha, a Palma de Ouro, mas tinha prescindido da possibilidade, ritualmente utilizada ano após ano, de atribuir dois outros “Prémios do Júri”? Não, não tinham reparado. Mas tinham sequer visto as curtas-metragens? Nem um só daqueles seis ou sete enviados especiais a Cannes para a mais exaustiva cobertura do festival tinha visto o programa de curtas-metragens! Narrou-se esta cena por ser representativa de algumas das mais insistentes percepções públicas da curta-metragem e das dificuldades na sua recepção.

Nos grandes festivais de cinema, as curtas-metragens são sempre o parente pobre. Tão pobre que, mesmo os que depois têm opinião, as não vêem, tão pobre que, num recente festival de Berlim, um júri decidiu, taxativa e justificadamente, nem sequer atribuir prémio e advertir a direcção do festival que, se pretendiam manter a secção, estivesse mais atenta. Claro que ainda há casos em que uma curta-metragem se destaca, mais ou menos um em cada dez casos, ou vinte, porque em geral isso ocorre cada dois anos. Em Cannes, nos últimos oito anos, ocorreram quatro casos: “Peel”, de Jane Campion, “Palissade”, de Laurie McInnes, “The Lunch Date”, de Adam Davidson e “Omnibus”, de Sam Karmann. É muito pouco! Então que fazer? [Provavelmente a mais coerente ideia de festival hoje em dia é a de ser montra de uma curta-metragem como das 26 horas do “Zweit Heimat” de Edgar Reitz, de um filme como de um vídeo, de uma ficção como de um documentário (é um pouco o conceito que preside à única coisa que de estimulante resta no caquético festival de Veneza, a secção “Janela sobre a Imagem”)].

Entretanto, com os riscos de uma delimitação confundível com um “ghetto” mantém-se a possibilidade de festivais específicos de curtas-metragens. O Festival de Vila do Conde, pelo espaço que vem preencher e pela notável programação, é já uma das mais importantes propostas no panorama cinematográfico português.

Voltemos à cena de Cannes. Uma das coisas que me deu mais gozo no palmarés, ou melhores duas, que, entre as diversas “premières” deste ano (primeira Palma de Ouro para uma mulher cineasta, primeira para um cineasta chinês, etc.), ninguém na imprensa reparou: pela primeira vez um cineasta, Jane Campion, já laureado com a Palma da curta-metragem ganhava a da long-metragem; pela primeira vez um cineasta, Jim Jarmusch, já galardoado com um Prémio da Contribuição Artística nas longas-metragens, ganhou nas curtas.

Uma curta-metragem pode ser efectivamente (e, no fundo, é esse também o nosso desejo de espectadores) a descoberta de um autor, de alguém a vir. Ainda outro exemplo colhido em Cannes: em “François Truffaut, Portraits Volés”, quando Claude Chabrol declara ter sido extremamente

⁵¹ Optámos por transcrever o artigo, devido à má qualidade do original.

importante para o grupo dos Cahiers que tivesse sido Truffaut o primeiro a passar à realização, não compreendi, pois, quanto me lembrava o primeiro tinha sido precisamente ele, Chabrol – estava a esquecer-me da importância histórica da curta-metragem de Truffaut, “Les Mistons”. Mas, por outro lado, em cineastas como Godard, Ruiz, Greenaway, Wenders ou os Straub, aprecio um desejo de cinema que os leva por vezes a realizar curtas e médias metragens entre duas longas.

Por ter escrito o volumoso “Guerra e Paz” terá Tolstoi ficado interdito à arte breve do conto? Habitados que estamos ao “standard” de 90 minutos, esquecemos que essa é a mais tirânica das imposições da indústria cinematográfica e de modo algum dado imanente da arte fílmica. No fundo, algo como a curta-metragem está ao princípio (os Lumière) e no futuro do cinema, ou mesmo para além do cinema.

Luxuosamente, Vila do Conde propõe as duas mais fascinantes propostas recentes de uma arte vídeo, ao lado e para além do cinema: “The Orchestra”, de Zbig Ribczynski, e “The Passing”, de Bill Viola. Iguamente propõe um programa de “realidades virtuais”. Propõe “Xanadu City”, de Jerome Estienne e Xavier Duval.

Para além do filme em si mesmo (acto divertidíssimo a paródia às “cidades do prazer”), eis um caso importantíssimo no limiar de um novo estádio tecnológico e, necessariamente, de novos modos de percepção, de uma curta-metragem que é um protótipo; o projecto é o de, a partir dela, realizar a primeira longa-metragem virtual e de panóplia interactiva de produção europeia.

Esse é o caso específico do anúncio de um “filme a vir”. Como esperanças de um actor a vir, poderemos ver um já citado “Omnibus” (Óscar, para além de Palma de Ouro). Esperança já confirmada é a de Jane Campion. Se “Peel” era o anúncio de “Sweetie”, é hoje particularmente curioso, depois de “The Piano”, reatentar a “Passionless Moments” e “A Girl’s Own Story”, que estando longe do romantismo arrebatado do mais recente filme, não deixam de ter conexões: a infância recordada como inocência equívoca e uma família não materializada (é a experiência da filha da pianista), ou a “passionless”, a dissipação da percepção (de que não anda longe o marido que à pianista nega a paixão).

Se eles, filmes, anunciavam uma cineasta importante, outra Campion está para vir. Sob o nome de Jane Wright, Jane Campion será visível em Vila do Conde como actriz em “The Audition” de...Anne Campion. É uma questão de família como no filme se verá, e tenho a impressão que desde “Um Anjo à Minha Mesa”, nenhum filme “sotto voce”, “piano, piano” (“The Piano”, ao contrário, é um filme “forte, forte”) me tocou em tão íntimas cordas. Em particular as cenas em que a velha actriz ensaia para a câmara (faz “The Audition”) extractos de “Juno and the Paycock”, de Sean O’Casey, são prodigiosas.

Passa no domingo. Ainda haverá dúvidas, para qualquer cinéfilo, sobre onde passar estes dias? E há mais. Há outro momento magnífico, “Theory of Achievement”, o melhor filme de Hal Hartley, opinião minha, claro, mas também opinião do próprio. Marginalmente se reserva há a fazer a este festival é a de perder oportunidade de, apresentando “todo o Hal Hartley”, dar um exemplo notavelmente pedagógico de como (e tanto mais com um autor quer a rarefacção e a repetição são cruciais) curtas e longas-metragens são igualmente parte de uma obra.

Assim, não passando os dois filmes exibidos em Portugal, “Trust” e “Simple Men” recupera-se a primeira longa-metragem, “The Unbelievable Truth” (por cá editado em vídeo e só tardiamente e mal descoberto – será possível que tenha passado despercebida a ousadia do autor ao retomar duas personagens desse filme em “Simple Men”?). Faltam, por outro lado, as curtas iniciais e se “Dogs”, baseado numa cena de “The Iceman Cometh” de Eugene O’Neill é bastante lateral, a primeira, “Kid”, é notavelmente premonitória (a tentativa de escape à família e ao local de origem) e a segunda, “The Cartographer’s Girlfriend” é fundamental: uma desconhecida irrompe (com a brusquidão que nos filmes de Hartley contrasta com o ascetismo e a repetição) na vida de um tímido cartógrafo (isto é, de alguém que faz o reconhecimento de um espaço e o regista bidimensionalmente, território e ausência da profundidade sendo outros distintivos de Hartley).

O que estará presente em Vila do Conde é o programa designado “Three By Hal Hartley”, feito entre duas longas-metragens, “Trust” e “Simple Men”, e composto por “Ambition” e “Theory of Achievement”, curtas-metragens e “Surviving Desire”, média-metragem.

“Young, middle-case, white, colleague-educated, broke, drunk...I think we got it now”, é a definição que de si mesmo buscam dois amigos em “Theory Achievement”.

Muito godardiano na montage, este filme é o mais concentrado exemplo da importância do estereótipo (rarefeito e repetido) no cinema de Hartley e da sua fundamental atracção pelo falhanço, por “ambitions” que se tenham e “achievements” que se busquem. O falhanço, o desencontro das relações, são igualmente o cerne de “Surviving Desire”.

No fundo, entre as personagens de Hartley nunca há verdadeiramente um diálogo (estão sós e perdidas). Veja-se então a magnífica cena em que Judy confessa a Henry que está apaixonado por Sofie. Em vez do campo/contra-campo tradicional, Hartley mantém os dois homens dentro do plano mas, no fundo, cada um para seu lado. Quando Sofie aparece em campo, onde está ela: ao lado de Judy ou algures? É uma cena arquetípica do cinema hartleyano.

Este Festival de Vila do Conde pode ser um grande acontecimento de cinema, que corre o risco de não ser suficientemente notado. Se os críticos de cinema não repararem, a culpa não é do cinema nem das curtas-metragens, mas das vistas curtas”.

Guião do Inquérito - Curtas Vila do Conde

A recolha de dados deste inquérito destina-se à elaboração de uma dissertação de Mestrado sobre o impacto do Curtas Vila do Conde para a cidade onde se insere. Pretende-se avaliar a repercussão do evento junto do público e aferir os hábitos de consumo cultural dos inquiridos. Toda a informação recolhida é confidencial. Obrigada pela sua colaboração.

Conhece o Curtas Vila do Conde?

- Sim, ouvi falar, mas não frequentei
- Sim, já frequentei
- Não

Como conheceu o Curtas Vila do Conde? Selecciona todas as opções que se aplicam ao seu caso

- Através de amigos
- Através de notícias nas rádios
- Através de notícias nos jornais impressos
- Através de notícias nos jornais online
- Através de notícias nas televisões
- Através de sites culturais
- Através do site do Curtas
- Através de publicidade
- Nunca ouvi falar do Curtas
- Other:

Se já frequentou o Curtas Vila do Conde, considera-se um frequentador:

- Fiel - assistiu a todas as edições
- Regular - assistiu a várias edições
- Ocasional - assistiu poucas vezes
- Other:

Quando assistiu ao Festival, como seleccionou em geral a programação?

- Não seleccionou, assistiu a toda a programação
- Não seleccionou, assistiu à programação disponível no momento
- Seleccionou programação específica

- Other:

Como define o Curtas Vila do Conde? Seleccione todas as opções que considera válidas

- Um festival de cinema
- Um festival de teatro
- Um encontro de artistas
- Um festival de curtas-metragens
- Um evento cultural multi-facetado
- Other:

Que tipo de eventos culturais frequenta habitualmente? Seleccione todas as opções que se aplicam ao seu caso

- Não frequenta eventos culturais
- Espectáculos de teatro
- Espectáculos de dança
- Cinema
- Museus
- Galerias de arte
- Concertos/Espectáculos de música
- Festivais de Artes
- Other:

Indique qual/quais o(s) suporte(s) de informação que prefere.

- Televisão
- Rádio
- Jornal
- Internet

Informação adicional

Sexo

- Feminino
- Masculino

Idade

Grau de ensino mais elevado que frequentou

- Doutoramento
- Mestrado
- Licenciatura
- Ensino Secundário
- Ensino Básico 3º Ciclo
- Ensino Básico 1º Ciclo
- Other:

Indique o seu concelho de residência

Situação profissional

- Está a trabalhar
- Está desempregado
- Está reformado
- É estudante
- Ocupa-se das tarefas domésticas
- Other:

Se está a trabalhar, ou se está desempregado ou reformado, é/era: Responda sobre a última profissão que tem/teve

- Patrão ou empresário
- Assalariado (trabalhador por conta de outrem)
- Independente (trabalhador por conta própria)
- Trabalhador familiar não remunerado
- Other:

Profissão actual Seja o mais específico possível

Se está desempregado ou reformado, indique a última profissão que teve. Seja o mais específico possível